

ISSN: 1809-3507

PALIMPSESTO

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS DA UERJ
VOLUME 21, NÚMERO 40 – SET/DEZ 2022 – RIO DE JANEIRO – RJ

MODERNISMO E LINGUAGENS: RUPTURAS, TRANSGRESSÕES E TRANSFORMAÇÕES LINGUÍSTICAS



Instituto de
Letras
da UERJ



Apresentação

Dedicado a estudos de língua e alusivo aos cem anos da Semana de Arte Moderna brasileira, o intuito do presente número consistiu em reunir textos sob o tema “Modernismo e linguagens: rupturas e transformações linguísticas”. Importante contribuição para a temática eleita, os leitores da *Palimpsesto* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – poderão se regozijar com a entrevista realizada por Alexandre Monteiro, Ana Paula Macri e Paula P. Ramos ao professor e pesquisador José Carlos de Azeredo, intitulada “o homem é um ser ao mesmo tempo adaptativo e transformador” (AZEREDO, 2007, p. 174), excerto de uma de suas publicações. Entre outras questões, discutem-se nuances do modernismo brasileiro e seu impacto na língua. Os artigos publicados, por outro lado, trazem à cena pesquisas contemporâneas nos relevantes campos da Análise do Discurso, da Argumentação e da Multimodalidade.

Na sequência, a descrição dos seis artigos aceitos para publicação no número 40 do volume 21, de 2022. Boa parte das investigações considera o texto midiático, sob diferentes perspectivas e abordagens teóricas. De igual modo, o discurso político figura em pelo menos dois dos trabalhos, retratando tanto o Estado Novo Português (1933-1974) como o contexto brasileiro recente.

Em “A comparative analysis of social actors in multimodal texts about civilian armament in Brazil”, Michelle Silva de Lima Delfino e Arthur Bruno Rodrigues Pedrosa propõem uma análise comparativa multimodal das representações dos atores sociais a partir de duas reportagens cujo tema comum é a permissão para uso e posse de arma de fogo. Escrito em língua inglesa, o trabalho alerta para o impacto da imprensa nas construções ideológicas que sustentam as relações de poder e apoia-se na Análise Crítica do Discurso, teoria que busca evidenciar práticas linguístico-discursivas interligadas com as estruturas sociopolíticas que as sustentam.

Novamente o papel da imprensa é alvo de investigação, agora sob o prisma das estratégias argumentativas empregadas por um jornal de Petrolina-PE para a sedimentação da sua imagem enquanto veículo de comunicação a serviço dos interesses do povo. Os pesquisadores Romana de Fátima Macedo Gomes, Rosa Leite da Costa e Gilton Sampaio Souza utilizam como *corpus* dois textos publicados por “O Pharol”, em

diferentes décadas do século XX. Amparados nos pressupostos da Retórica aristotélica, da Nova Retórica e nos estudos da argumentação vinculados à produção dos discursos, os autores verificam em “Estratégias argumentativas e construção da imagem de ‘O Pharol’” a existência de teses condizentes com a imagem assumida pelo periódico perante seu público e a recorrência de uma sequência de argumentação em que argumentos quase lógicos sucedem a estrutura do real, “manejados para o êxito das intenções do orador”.

Ainda considerando o texto midiático, a partir da Análise do Discurso bakhtiniana e da proposta metodológica que visa compreender a disposição dos elementos verbais e extraverbais que constituem os textos-enunciados, o artigo “O professor como inimigo: análise discursiva sobre disputas em torno da “ideologia de gênero” na escola”, de autoria de Marcela Rodrigues Santos e Ezequiel Martins Ferreira, examina uma matéria publicada no Jornal Cidade Online, em fevereiro de 2022, concluindo, como o título indica, que o professor figura como potencial inimigo no imaginário social no que tange à disseminação da chamada ideologia de gênero. Prática entendida pelos autores como um discurso abrangente de desvalorização dos profissionais da educação.

Os discursos políticos de dois chefes do Estado Novo Português (1933-1974) vêm à tona, agora, em “As pupilas da ditadura: a metáfora conceitual como estratégia de articulação de ideologia nos discursos políticos de Salazar e Caetano”. Victor Gil Mazzoleni Reis discorre, considerando a função semântico-discursiva da metáfora e à luz da Teoria da Metáfora Conceitual, sobre as estratégias persuasivas e de manipulação ideológica empregadas por ambos os chefes de estado. “Os resultados apontam para a presença de metáforas com força persuasiva de cunho ideológico, como a luta contra o comunismo, o combate à emigração e a manutenção dos valores morais, reafirmando seu uso como estratégia de manipulação” (cf. p. 100).

Outro discurso presidencial é objeto de análise, dessa vez segundo a ótica da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), proposta teórico-metodológica que descreve a língua como um sistema de significados realizados por meio de opções gramaticais selecionadas pelos seus usuários. Assim, o artigo “Michel Temer e a persuasão no discurso de posse presidencial: um olhar sistêmico-funcional” resume o tema da dissertação de mestrado em que Aline Andrea Zamboni Milanez analisa o primeiro discurso do então presidente da República, após o *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

Finalmente, a Multimodalidade é alvo do estudo de Cláudio Ricardo Corrêa. Em “Um lugar chamado Notting Hill: mesclagens conceituais e âncoras materiais em uma

produção multimodal”, o texto retrata uma cena do filme gravado em 1999, mencionando como se desenvolvem operações mentais complexas e cognitivas que permitem expandir a capacidade imaginativa e criar novos significados.

Resta-nos expressar nossa gratidão aos autores; ao corpo editorial, aos colaboradores e aos pareceristas convidados, engajados na concretização desta publicação; aos professores que apoiaram de diferentes maneiras, inclusive acolhendo nossos pedidos de sugestões. Com relação a isso, convém agradecer nominalmente, apesar do risco do lapso e da injustiça, à professora Andreia Castro (coordenação PPGL-UERJ) e aos professores André Conforte (UERJ), Beatriz Feres (UFF), Ivo Rosário (UFF), Maria Tereza Gonçalves Pereira (UERJ) e Tania Camara (UERJ). Por fim, um obrigado especial ao entrevistado desta edição, Prof. Dr. José Carlos de Azeredo, por dedicar parte do seu precioso tempo a nos conceder entrevista, resultando no enobrecimento do dossiê proposto.

Aos leitores, fazemos votos de uma prazerosa leitura!

Ana Paula Macri

Paula P. Ramos

“o homem é um ser ao mesmo tempo adaptativo e transformador”ⁱ: entrevista com o professor e pesquisador José Carlos de Azeredo

Prof. Dr. José Carlos de Azeredoⁱ

Entrevistadores:

Alexandre Monteiroⁱⁱ

Ana Paula Macriⁱⁱⁱ

Paula P. Ramos^{iv}

Pretendendo figurar como uma homenagem pelos seus mais de cinquenta anos de magistério superior, o diálogo com o gramático e professor recém aposentado do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, José Carlos Santos de Azeredo, abarca os impactos percebidos, a partir de 1922, sobre a língua enquanto “expressão da identidade literária do Brasil” (AZEREDO, 2023, p. 6). Em acréscimo a comentários sobre o regionalismo brasileiro, discute-se a necessidade de abordar a língua das importantes obras da Literatura Brasileira, sinalizando para futuros pesquisadores um campo profícuo de investigação.

ⁱ Professor Associado do Instituto de Letras/UERJ. Doutor em Letras pela UFRJ e pós-doutor pelo LAEL da PUC-SP. Algumas obras: *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (Parábola/2021), *A linguística, o texto e o ensino da língua* (Parábola/2018), *Dicionário Houaiss de conjugação de verbos* (Publifolha/2012). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6832862656902243> | ORCID: 0000-0003-2882-4805

ⁱⁱ Doutorando em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Mestre em estudos de Linguagem pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em estudos de Língua pela UERJ. Editor colaborador da Palimpsesto. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1455981785222395>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8576-9841>

ⁱⁱⁱ Mestranda em Língua Portuguesa na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Editora-chefe da revista Palimpsesto. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0320818365964858>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8534-4579> | anapaulamacri@gmail.com

^{iv} Doutoranda em Estudos de Literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-9240> | ppoperamos@gmail.com

Durante nove anos, o entrevistado desenvolveu projeto, como bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sobre o verbo na obra literária de autoria de Graciliano Ramos, *Vidas Secas* (1928). Os resultados alcançados não escapam ao debate, ainda que apresentados resumidamente. O autor da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018) foi, ainda, questionado sobre sua a motivação para a escolha da variedade padrão escrita do português nos exemplos constantes nessa obra. Por fim, analisa-se o desenvolvimento da competência oral face à instituição de uma cultura grafocêntrica, pelo olhar aguçado do experiente mestre.

Saudosamente, o agradecemos por dedicar parte do seu tempo a conceder esta entrevista.

PALIMPSESTO

1) Considerando o presente Dossiê, “Modernismo e linguagens: rupturas, transgressões e transformações linguísticas”, dedicado a estudos de Língua e em comemoração aos cem anos da Semana de Arte Moderna brasileira, convém retomar Antonio Candido (1999, p. 61-62, grifo acrescentado):

A busca da perfeição pela correção gramatical, a volta aos clássicos e o rebuscamento marcam uma posição de tipo aristocrático e constituem um traço saliente da fase que vai dos anos de 1880 até a altura de 1920, correspondendo a um desejo generalizado de elegância ligado à modernização urbana do país, sobretudo sua capital, Rio de Janeiro. Do ponto de vista da literatura, foi uma barreira que petrificou a expressão, criando **um hiato largo entre a língua falada e a língua escrita**, além de favorecer o artificialismo que satisfaz as elites, porque marca distância em relação ao povo; e pode satisfazer a este, parecendo admiti-lo a um terreno reservado. Essa cultura acadêmica, geralmente sancionada pelos Poderes, teve a utilidade de estimular, por reação, o surto transformador do Modernismo, a partir de 1922.

De acordo com o que postula Candido (1999), o Modernismo não está restrito a uma corrente literária, ao contrário, revelou-se um movimento cultural e social abrangente e transformador e que coincidiu com outros fatos políticos e artísticos relevantes, por exemplo, o Centenário da Independência. Em face disso, quais impactos podem ser percebidos, a partir de 1922, sobre a língua em uso, sobretudo no Brasil, e sobre as pesquisas que se vinculam ao tema? Em sua opinião, os estudos que circundam o assunto e têm como objeto o material linguístico são abundantes?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

É fato bem sabido e comprovado que o Movimento Modernista exerceu influência decisiva na trajetória da arte brasileira no século XX, com destaque para a pintura, a escultura e, principalmente, a literatura. E em que consiste basicamente essa influência? Consiste na ruptura com os modelos convencionais, em geral desgastados, da expressão artística e no exercício da mais ampla liberdade de criar estilos e representações. A pintura se libertou do viés fotográfico, a escultura abandonou o ideal da figura humana, a poesia se desvincilhou do metro e da rima e praticou a piada e a paródia como meios de dessacralizar temas edificantes tradicionais. Sabe-se, também, que a questão da língua esteve no centro dos debates e foi matéria de centenas de cartas trocadas entre o principal líder do movimento, Mário de Andrade, e figuras importantes da literatura brasileira, como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Augusto Meyer, entre tantos outros. Mas é preciso sempre deixar claro que esse debate tinha por foco a língua, não como uso corrente falado ou escrito, mas como expressão da identidade literária do Brasil. Nesse sentido, o que o Modernismo fez foi retomar, em dimensão bem mais ampla, profunda e radical, o projeto do Romantismo. Eu evitaria, portanto, me referir a essa matéria de trabalho como “língua em uso”, uma vez que essa expressão está associada a um enfoque mais recente da questão à luz do Funcionalismo e que nada tem a ver com a(s) língua(s) da literatura. Esse fato fica bem claro em face dos extraordinários *Grande Sertão Veredas* (Guimarães Rosa, 1956) e *O coronel e o lobisomem* (José Cândido de Carvalho, 1978), que têm um débito claro com a renovação linguística preconizada pelo Modernismo, mas nenhum compromisso com o que quer que possamos denominar “língua em uso”. Quanto aos estudos sobre o assunto, não conheço contribuições abrangentes posteriores às pesquisas empreendidas nos anos 1960/1970 por Sílvio Elia, Luiz Carlos Lessa e Raimundo Barbadinho Neto. Há com certeza teses e dissertações com foco em autores específicos, mas, publicados e razoavelmente divulgados, me ocorrem apenas dois trabalhos: o minucioso levantamento sobre a criação neológica de Guimarães Rosa, da autoria de Nilce Sant’Anna Martins, e a tese de Hudinilson Urbano sobre a oralidade na narrativa literária de Rubem Fonseca.

PALIMPSESTO

2) Em *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*, Ieda de Oliveira (2003) empreende análise semiolinguística de duas obras representantes da literatura infantil em língua portuguesa, uma escrita no Brasil e outra em Portugal, sintetizando conceitos da Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso, de Patrick Charaudeau. Segundo discorre a autora, o “questionamento do *eu, sujeito da comunicação*, ao longo do século XX, instaurou-se em várias áreas de conhecimento (linguística, análise do discurso, psicanálise, filosofia, etc.) e vem sendo analisado através de diferentes óticas” (OLIVEIRA, 2003, p. 32), destacando que, no âmbito da língua, de maneira geral a proposta do linguista francês mostra-se bastante abrangente, aplicando-se tanto à prosa como à poesia, aos textos literários e aos não literários. Em “Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias” (2007), o senhor se refere ao conceito de contrato de comunicação recuperado pela autora, conduzindo o leitor do seu texto a um denso percurso analítico. Poderia nos falar um pouco sobre as imagens a que o senhor faz alusão?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Sou entusiasta do uso de analogias para definir a natureza do assunto com que lido profissionalmente: a língua. As analogias têm um papel de alto rendimento no discurso didático pelo fato de usar o conhecido – especialmente de natureza concreta – para dar acesso ao novo – especialmente de natureza abstrata. A língua é concreta por sua manifestação física (aparente/auditiva), mas abstrata por sua condição de sistema, que é intuído/induzido (latente/mental). No artigo mencionado, além do paralelo tradicional com o espelho e as ferramentas, recorro também à comparação com um mapa. Ali explícito que língua e mapa têm em comum o caráter esquemático da representação de um objeto. O objeto do mapa é geralmente um espaço geográfico, um território; o objeto da língua, o mundo de nossas experiências assimiladas como conhecimento. Essa analogia fica bem nítida nas descrições, mas é claro que vale também para as narrações, menos consistentemente para as exposições, e impropriamente para o processo argumentativo. Por uma razão bem óbvia: o mapa é um instrumento de representação que apela para a experiência da visão, o que vai bem com a descrição, ainda razoavelmente com a narração, mas não dá conta integralmente da exposição e não é aplicável à argumentação. A visualidade é também uma propriedade do espelho, deixando claro que as limitações dessa analogia estão presentes na que

envolve o mapa. Agora, o maior problema do paralelo com o espelho é justamente o poder que ele tem de reproduzir fielmente a imagem do objeto. Esse poder não é, porém, absoluto. O ponto fraco do espelho é que ele não propicia escolhas, não permite variar o ponto de vista; logo, não serve para criar sentidos, propriedade inerente à língua. A língua jamais reproduz “fielmente” um conteúdo da consciência; aí está o poder da língua: ela é seletiva, podendo operar reduções ou acumulações. As “imagens” da experiência cognitiva construídas pela língua podem ser genéricas/econômicas ou específicas/detalhistas.

PALIMPSESTO

3) A partir de Candido (1999) é possível contrapor pelo menos dois momentos do regionalismo brasileiro. Um que vigorou de 1890 até 1920 e que desenhava o homem do campo como exótico e vulgar, a ser superado pelo homem da cidade, portanto. Outro que valorizava os costumes e a linguagem das áreas menos favorecidas. Tendo em vista a temática do número a ser publicado, gostaríamos de destacar as seguintes passagens, para seus comentários:

Mas o homem é um ser ao mesmo tempo adaptativo e transformador. É essa capacidade de avaliação que nos guia na atividade sociocomunicativa em geral e na verbal-discursiva em particular. Graças a ela podemos:

- (a) ser mais adaptativos, sujeitando-nos aos padrões de conduta social e linguística que exercem sobre nós certa pressão coercitiva,
- (b) mais transformadores, rompendo com esses padrões, ou
- (c) dialéticos, integrando numa nova totalidade os efeitos destes dois movimentos contrários. (AZEREDO, 2007, p. 174).

Para isso, os modernistas valorizaram na poesia os temas quotidianos tratados com prosaísmo e quebraram a hierarquia dos vocábulos, adotando as expressões coloquiais mais singelas, mesmo vulgares, para desqualificar a solenidade ou a elegância afetada. Neste sentido, combateram a mania gramatical e pregaram o uso da língua segundo as características diferenciais do Brasil, incorporando o vocabulário e a sintaxe irregular de um país onde as raças e as culturas se misturam. (CANDIDO, 1999, p. 70).

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

A passagem de Antonio Candido resume bem o espírito geral do programa modernista idealizado por Mário e Oswald de Andrade. Retomando o que já escrevi respondendo à primeira questão, o Modernismo serviu para disseminar o espírito da autonomia para pensar e produzir a arte brasileira. A valorização dos aspectos que

singularizavam o ambiente e a cultura do Brasil era um dos componentes da espinha dorsal do Modernismo, mas não era novidade, uma vez que já fazia parte do ideário romântico, particularmente vocalizado por José de Alencar. A diferença entre o olhar romântico e o modernista é que o Romantismo ainda era uma estética inteiramente inspirada no molde europeu. O Modernismo importou, é verdade, as estéticas de vanguarda europeias, como o Impressionismo, o Dadaísmo e o Cubismo, mas submeteu essas contribuições a uma revisão crítica, apropriando-se desses procedimentos para fazer uma “leitura” do Brasil. O importante é que a partir do Modernismo a arte brasileira se integrou à tendência mundial: as influências são bem-vindas como gatilho da renovação/inação; portanto, como traço da liberdade criadora. Assim, podem conviver estilos vários em todas as épocas. As releituras estarão sempre na moda. A ousadia deve ser uma necessidade, não um imperativo ou uma condição de agregação de valor e reconhecimento. O que importa, acima de tudo, é o talento do artista. É assim que vejo a questão mais ampla relativa ao trato da linguagem, tal como se mostra no trecho de um ensaio citado acima.

PALIMPSESTO

4) Durante muitos anos o senhor conduziu pesquisas sobre o verbo na obra literária *Vidas Secas* (1928), de autoria de Graciliano Ramos, único dos quatro romances desses autor que Candido (1999, p. 84) classifica como regionalista, segundo quem “Graciliano Ramos abominava o Modernismo e a vanguarda em geral; tendo-se formado pela leitura dos grandes autores do passado, era inflexível quanto à correção gramatical e à normalidade da escrita”. Quais foram os principais objetivos e resultados das pesquisas que o senhor coordenou? Para futuros pesquisadores, quais recortes o senhor vislumbra como frutíferos?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Vidas Secas é um texto recorrente em minhas aulas. É, para mim, uma síntese dos aspectos que importa analisar e debater quando se quer mostrar a relevância do texto literário na aula de língua, até porque a questão da linguagem atravessa todos os episódios que compõem a narrativa. *Vidas Secas* tem tudo da literatura tradicionalmente chamada de regionalista: o ambiente natural, os tipos, os costumes, o modo de falar.

Mas não é só: *Vidas Secas* é a encenação dos conflitos do homem oprimido por forças exteriores que ele mal compreende: o poder policial, o poder econômico, o comerciante desonesto, as convenções do vestuário, a natureza hostil simbolizada pela seca e pelas aves de arribação, o paradoxo da linguagem. Sabemos que as grandes obras da Literatura Brasileira têm sido objeto de minuciosa exegese interpretativa, como comprova sua fortuna crítica, mas a língua em que elas foram escritas permanece muito pouco estudada. Penso que uma via que pode ser percorrida com garantia da produção de material rico em informações é o da pesquisa de vocabulário, com foco nas formas lexicais – verbos, adjetivos e substantivos – e com vista à elaboração de dicionários parciais da obra dos grandes nomes da Literatura Brasileira. O projeto que desenvolvi ao longo de nove anos como bolsista do CNPq foi um passo nesse sentido. Em termos simples e objetivos, a pesquisa consistiu na descrição, sob a forma de verbetes lexicográficos, das propriedades semânticas e sintáticas de um *corpus* formado por todas as ocorrências de pouco mais de 900 verbos (dos quais pelo menos 340 ocorrem uma única vez) no texto do romance. A comparação pode não ser de todo pertinente, mas é pelo menos simbólica: para escrever os 8.816 decassílabos do monumento épico que conhecemos como *Os Lusíadas* (1572), Luís de Camões empregou não mais que 750 verbos diferentes. Na análise do texto de *Vidas Secas*, interessou-me, entre outros aspectos, a contribuição que uma pesquisa focada no verbo e em sua contextualização sintático-semântica pode oferecer à análise interpretativa da obra literária. Uma ilustração emblemática desse papel dos verbos nos é dada por um pequeno punhado deles que denotam afeto/atenção: *abraçar, acariciar, afagar, acolher, beijar e enternecer*. Qual é a pertinência desse registro? É que esses verbos não dão conta da relação entre os membros da família; o único objeto de afeto na história é Baleia, a cachorrinha.

PALIMPSESTO

5) Na apresentação da *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018), o senhor delimita seu objeto de estudo como a variedade padrão escrita do português em uso no Brasil. Nessa obra, qual foi a motivação para recorrer a exemplos de textos desde a segunda metade do século XIX até a contemporaneidade?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Minha gramática é uma obra que, como informo na Apresentação, “se destina a usuários da língua portuguesa em geral, cuja formação requeira, por motivos socioculturais diversos, competência produtiva (expressar) e receptiva (compreender) na modalidade escrita padrão”. Entre nós, o conceito de “modalidade escrita padrão” foi estabelecido tradicionalmente, com outra roupagem terminológica, por referência ao uso literário da língua corrente nos séculos XVII, XVIII e XIX. Entendia-se que essa era “a forma correta da língua”, segundo a crença que se popularizou nos círculos letrados. Nesse contexto tradicional, língua literária era o equivalente de língua escrita. As coisas mudaram ao longo do século XX e, especialmente no caso brasileiro, a diversidade de soluções para a expressão literária fez a referida equivalência perder o sentido. Desse modo, o que na *Gramática Houaiss* vem nomeado como “modalidade escrita padrão” envolve o uso da língua sem as pretensões estéticas ou expressivas geralmente associadas ao uso dos poetas e ficcionistas. Não se trata de um *corpus* heterogêneo, porém. Pelo contrário: o que se busca é o que é comum à forma como a língua é escrita em obras literárias, em revistas, em textos ensaísticos, nos jornais, em obras científicas ou didáticas. Salvo em alguns casos de excentricidade estilística, esse uso não mudou muito no período dos últimos 150 anos. Só na prosa literária dos autores posteriores ao Modernismo vamos encontrar diferenças sensíveis, a que já me referi na primeira questão aqui abordada. Autores literários do século XX como Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Maria Alice Barroso, Fernando Sabino, Ana Maria Machado, Carlos Heitor Cony, Lygia Fagundes Telles e Sérgio Sant’Anna, entre tantos outros, inovaram incorporando à escrita traços do uso falado brasileiro praticado por indivíduos cultos. Desse modo, essas inovações não soam como rupturas e foram tratadas como integrantes do novo perfil do “português escrito padrão brasileiro”.

PALIMPSESTO

6) Uma das consequências do imperialismo europeu sobre as Américas foi a introdução da cultura grafocêntrica. De que forma essa cultura afeta o ensino de Língua Portuguesa no Brasil? Qual a sua importância para o exercício da cidadania?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Quando pensamos na diferença entre o uso oral e o uso escrito da língua, é comum que consideremos o segundo como uma forma de representar o primeiro. Isso é verdade, fundamentalmente pela circunstância de a fala preceder a escrita e pelo fato de somente a primeira estar presente em todas as comunidades formadas por seres humanos, pelo que detém o status de objeto legítimo/genuíno da ciência linguística. A escrita é geralmente tratada como um produto da cultura sujeito ao arbítrio individual e de convenções excêntricas. Por isso, muitos linguistas defendem que o trabalho deles é análogo ao de um botânico ou de um entomologista. Como esse fato – naturalidade da língua falada *versus* artificialidade da língua escrita – se relaciona com a questão do ensino da língua? Para mim, o professor de língua precisa saber lidar com as duas modalidades, revelando-se apto a caracterizar cada uma em face da outra. Se é verdade que é no estudo do uso falado que se põe em prática a ciência propriamente dita, é no estudo do uso escrito – ou mais precisamente, na compreensão da escrita como uma tecnologia – que se revela com mais nitidez a capacidade humana de transformação dos recursos naturais em produtos culturais. A escola tem esse compromisso: promover a compreensão da espécie humana pela compreensão de seu infinito dom de criar. A exercitação desse dom é um meio poderoso de vivenciar a condição cidadã.

Referências:

AZEREDO, José Carlos de. Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias. *Matraga* (Rio de Janeiro), v. 14, p. 158-179, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ⁱ AZEREDO (2007, p. 174).

“man is a being at once adaptive and transformative”ⁱ: an interview with professor and researcher José Carlos de Azeredo

Prof. Dr. José Carlos de Azeredoⁱ

Interviewers:

Alexandre Monteiroⁱⁱ

Ana Paula Macriⁱⁱⁱ

Paula P. Ramos^{iv}

Designed as a tribute to his more than fifty years of higher education, the dialogue with the grammarian and recently retired Professor from Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, José Carlos de Azeredo, encompass the impacts perceived, from 1922 on, on language as “expression of the literary identity of Brazil” (AZEREDO, 2023, p. 15). In addition to comments on Brazilian regionalism, it discusses the need to address the language of the classical works of Brazilian Literature, signaling to future researchers a fruitful field of investigation.

ⁱ Associate Professor at the Institute of Letters/UERJ. PhD in Literature from UFRJ and post-doctorate from LAEL of PUC-SP. Some of his works include: Gramática Houaiss da Língua Portuguesa (Parábola/2021), A linguística, o texto e o ensino da língua (Parábola/2018), Dicionário Houaiss de conjugação de verbos (Publifolha/2012). Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/6832862656902243>. ORCID: 0000-0003-2882-4805

ⁱⁱ PhD Student in Portuguese Language at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Master in Language Studies by Universidade Federal Fluminense (UFF), Master in Language Studies (UERJ). Editor of Palimpsesto magazine. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1455981785222395>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8576-9841>

ⁱⁱⁱ Master's Student in Portuguese Language at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Chief editor of Palimpsesto magazine. Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/0320818365964858>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8534-4579> | anapaulamacri@gmail.com

^{iv} PhD Student in Literary Studies at Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). CAPES Scholar. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9148-9240> | ppoperamos@gmail.com

For nine years, the interviewee developed a project, as a scholar of the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq), about the verb in the literary work *Vidas Secas* (1928), written by Graciliano Ramos. The results achieved do not escape this debate, even if briefly presented. The author of *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* (2018) was also asked about his motivation for choosing the written standard variety of Portuguese in the examples in that work. Finally, the development of oral competence is analyzed in the face of the institution of a graphocentric culture, through the keen eye of the experienced Professor.

We sincerely thank him for dedicating part of his time to grant this interview.

PALIMPSESTO

1) Considering the present dossier, “Modernism and languages: ruptures, transgressions and linguistic transformations”, dedicated to language studies and in commemoration of the 100th anniversary of the Brazilian Modern Art Week, it is convenient to return to Antonio Candido (1999, pp. 61-62, emphasis added):

The search for perfection through grammatical correctness, the return to the classics, and refinement mark a position of an aristocratic type and constitute a pertinent feature of the phase from the 1880s to the height of 1920, corresponding to a generalized desire for elegance linked to the urban modernization of the country, especially its capital, Rio de Janeiro. From the point of view of literature, it was a barrier that petrified expression, creating a **wide gap between spoken and written language**, and favoring the artificialism that satisfies the elites, because it marks a distance from the people; and it may satisfy the latter, seeming to admit them to a reserved ground. This academic culture, generally sanctioned by the Powers, had the utility to stimulate, by reaction, the transforming surge of Modernism, starting in 1922.

According to what Candido (1999) postulates, Modernism is not restricted to a literary current; on the contrary, it proved to be a comprehensive and transforming cultural and social movement that coincided with other relevant political and artistic events, such as, for example, the Centennial of Independence. Considering this, what impacts can be perceived, from 1922 on, on the language in use, especially in Brazil, and on the research linked to the topic? In your opinion, are the studies that surround the subject and have linguistic material as their object abundant and fruitful?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

It is a well-known and proven fact that the Modernist Movement had a decisive influence on the trajectory of Brazilian art in the 20th century, especially on painting, sculpture and, especially, literature. And what does this influence basically consist of? It consists of the rupture with the conventional models, generally worn out, of artistic expression and in the exercise of the widest freedom to create styles and representations. Painting has freed itself from the photographic bias, sculpture has abandoned the ideal of the human figure, poetry has rid itself of meter and rhyme, and practiced jokes and parody as a mean to desecrate traditional edifying themes. It is also known that the language issue was at the center of the debates and was the subject of hundreds of letters exchanged between the main leader of the movement, Mário de Andrade, and important figures in Brazilian literature, such as Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, and Augusto Meyer, among many others. But it must always be clear that this debate focused on language, not as a current spoken or written use, but as an expression of Brazil's literary identity. In this sense, what Modernism did was to take up again, in a much broader, deeper, and more radical dimension, the project of Romanticism. I would therefore avoid referring to this work as "language in use", since this expression is associated with a more recent approach to the question in the light of Functionalism that has nothing to do with the language(s) of literature. This is quite clear in the face of the extraordinary *Grande Sertão Veredas* (Guimarães Rosa, 1956) and *O coronel e o lobisomem* (José Cândido de Carvalho, 1978), which have a clear debt to the linguistic renewal advocated by Modernism, but no commitment to whatever we may call "language in use". As for studies on the subject, I am not aware of comprehensive contributions subsequent to the research undertaken in the 1960s/1970s by Sílvio Elia, Luiz Carlos Lessa and Raimundo Barbadinho Neto. There are certainly theses and dissertations focusing on specific authors, but, published and reasonably widespread, I can think of only two works: Nilce Sant'Anna Martins' thorough survey of Guimarães Rosa's neological creation, and Hudinilson Urbano's thesis on orality in Rubem Fonseca's literary narrative.

PALIMPSESTO

2) In *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil* [*The communication contract of children's and young adult's literature*], Ieda de Oliveira (2003) undertakes a semiolinguistic analysis of two representative works of children's literature in Portuguese, one written in Brazil and the other in Portugal, synthesizing concepts from Patrick Charaudeau's Semiolinguistic Theory of Discourse Analysis. According to the author, the "questioning of the *self, the subject of communication*, throughout the twentieth century, was established in several areas of knowledge (linguistics, discourse analysis, psychoanalysis, philosophy, etc.) and has been analyzed from different points of view" (OLIVEIRA, 2003, p. 32). In "Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias" [Mirror, map, tool, or how words give body to ideas] (2007), you refer to the concept of communication contract recovered by the author, leading your reader to a dense analytical path. Could you tell us a little about the metaphors of the mirror and the map that you refer to?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

I am an enthusiast of using analogies to define the nature of the subject I deal with professionally: language. Analogies play a high-performance role in didactic discourse by using the known – especially of a concrete nature – to give access to the new – especially of an abstract nature. Language is concrete by its physical manifestation (apparent/audible), but abstract by its condition as a system, which is intuited/induced (latent/mental). In the mentioned article, besides the traditional parallel with the mirror and the tools, I also resort to the comparison with a map. There I explain that language and map have in common the schematic character of the representation of an object. The object of the map is usually a geographical space, a territory; the object of language is the world of our experiences assimilated as knowledge. This analogy is quite clear in descriptions, but of course it is also true for narrations, less consistently for expositions, and improperly for the argumentative process. For an obvious reason: the map is an instrument of representation that appeals to the experience of vision, which goes well with description, even reasonably well with narration, but does not fully account for exposition and is not applicable to argumentation. Visuality is also a property of the mirror, making it clear that the limitations of this analogy are present in the one involving the map. Now, the biggest problem with the mirror parallel is precisely the power it has of faithfully reproducing the image of the object. This power

is not, however, absolute. The weak point of the mirror is that it does not provide choices, it does not allow us to vary our point of view; therefore, it is not useful to create meanings, which is an inherent property of language. Language never “faithfully” reproduces a content of consciousness; this is the power of language: it is selective and can operate reductions or accumulations. The “images” of cognitive experience constructed by language can be generic/economic or specific/detailed.

PALIMPSESTO

3) Based on Candido (1999) it is possible to contrast at least two moments of Brazilian regionalism. One was in force from 1890 to 1920 and portrayed the countryman as exotic and vulgar, to be overcome by the man from the city. The other, which valued the customs and language of the less favored areas. Given the theme of the upcoming issue, we would like to highlight the following passages for your comments:

But man is a being at once adaptive and transformative. It is this capacity for evaluation that guides us in sociocommunicative activity in general and in verbal-discursive activity in particular. Thanks to it we can:

- (a) be more adaptive, subjecting ourselves to the patterns of social and linguistic conduct that exert a certain coercive pressure on us,
- (b) more transformative, breaking with these patterns, or
- (c) dialectical, integrating the effects of these two opposing movements into a new totality (AZEREDO, 2007, p. 174).

To this end, the modernists valued in poetry the everyday themes treated with prosaicism and broke the hierarchy of words, adopting the simplest colloquial expressions, even vulgar ones, to disqualify solemnity or affected elegance. In this sense, they fought against grammatical mania and preached the use of language according to the distinctive characteristics of Brazil, incorporating the irregular vocabulary and syntax of a country where races and cultures are mixed together (CANDIDO, 1999, p. 70).

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Antonio Candido’s passage sums up well the general spirit of the Modernist program idealized by Mário and Oswald de Andrade. Resuming what I have already written in answer to the first question, Modernism served to disseminate the spirit of autonomy to think and produce Brazilian art. The valorization of aspects that singularized the environment and culture of Brazil was one of the components of the backbone of Modernism, but it was not new, since it was already part of the Romantic

ideology, particularly vocalized by José de Alencar. The difference between the Romantic and the Modernist eye is that Romanticism was still an aesthetic entirely inspired by the European mold. Modernism did import, it is true, European avant-garde aesthetics, such as Impressionism, Dadaism and Cubism, but it submitted these contributions to a critical revision, appropriating these procedures to make a “reading” of Brazil. The important thing is that since Modernism, Brazilian art has integrated itself to the world trend: influences are welcome as a trigger for renewal/innovation; therefore, as a trace of creative freedom. Thus, various styles can coexist in all eras. Reinterpretations will always be in fashion. Boldness should be a necessity, not an imperative or a condition for adding value and recognition. What matters, above all, is the talent of the artist. This is how I see the broader issue concerning the treatment of language, as shown in the excerpt from an essay quoted above.

PALIMPSESTO

4) For many years you conducted research on the verb in the literary work *Vidas Secas* (1928), written by Graciliano Ramos, the only one of his four novels that Candido (1999, p. 84) classifies as regionalist, according to whom “Graciliano Ramos abhorred Modernism and the avant-garde in general; having trained himself by reading the great authors of the past, he was inflexible about grammatical correctness and normality of writing”. What were the main results and conclusions of the research you coordinated? For future researchers, which clippings do you see as fruitful?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

Vidas Secas is a recurrent text in my classes. For me it is a synthesis of the aspects that should be analyzed and debated when one wants to show the relevance of the literary text in language classes, especially because the question of language runs through all the episodes that make up the narrative. *Vidas Secas* has everything of the traditionally called regionalist literature: the natural environment, the types, the customs, the way of speaking. But that’s not all: *Vidas Secas* is the staging of the conflicts of a man oppressed by external forces he barely understands: the police power, the economic power, the dishonest merchant, the conventions of clothing, the hostile nature symbolized by the drought and the birds of prey, the paradox of language. We

know that the great works of Brazilian literature have been the object of meticulous interpretative exegesis, as their critical fortune proves, but the language in which they were written remains little studied. I believe that a path that can be taken with the guarantee of producing material rich in information is that of vocabulary research, focusing on lexical forms – verbs, adjectives, and nouns – and aiming at the elaboration of partial dictionaries of the work of the great names in Brazilian Literature. The project I developed over nine years as a CNPq scholar was a step in this direction. In simple and objective terms, the research consisted in describing, in the form of lexicographical entries, the semantic and syntactic properties of a *corpus* made up of all the occurrences of a little over 900 verbs (of which at least 340 occur only once) in the text of the novel. The comparison may not be at all pertinent, but it is at least symbolic: to write the 8,816 decasyllables of the epic monument we know as *Os Lusíadas* [*The Lusíads*], Luís de Camões employed no more than 750 different verbs. In the analysis of the text of *Vidas Secas*, I was interested, among other aspects, in the contribution that a research focused on the verb and its syntactic-semantic contextualization can offer to the interpretative analysis of the literary work. An emblematic illustration of the role of verbs is given by a small handful of verbs that denote affection/attention: *to hug, to caress, to stroke, to shelter, to kiss, and to care for*. What is the relevance of this register? It is that these verbs do not account for the relationship between the family members; the only object of affection in the story is Baleia, the little dog.

PALIMPSESTO

5) In the presentation of the *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa* [*Houaiss Grammar of Portuguese Language*] (2018), you delimit your object of study as the written standard variety of Portuguese in use in Brazil. In this work, what was the motivation to resort to examples of texts from the second half of the 19th century to contemporary times?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

My grammar is a work that, as I state in the Introduction, “is aimed at users of the Portuguese language in general, whose education requires, for various sociocultural

reasons, productive competence (to express) and receptive competence (to understand) in the standard written modality”. Among us, the concept of “standard written form” was traditionally established, with different terminological clothing, by reference to the literary use of the language in the 17th, 18th and 19th centuries. This was understood to be “the correct form of language”, according to the belief that became popular in literate circles. In this traditional context, literary language was the equivalent of written language. Things changed throughout the 20th century and, especially in the Brazilian case, the diversity of solutions for literary expression made that equivalence lose its meaning. Thus, what in the *Gramática Houaiss* is called “standard written modality” involves the use of language without the aesthetic or expressive pretensions usually associated with the use of poets and fictionists. It is not, however, a heterogeneous *corpus*. On the contrary: what is sought is what is common to the way language is written in literary works, in magazines, in essays, in newspapers, in scientific or didactic works. Except in a few cases of stylistic eccentricity, this usage has not changed much in the period of the last 150 years. Only in the literary prose of authors after Modernism do we find sensitive differences, which I have already referred to in the first question addressed here. 20th century literary authors such as Carlos Drummond de Andrade, Aníbal Machado, Rubem Braga, Maria Alice Barroso, Fernando Sabino, Ana Maria Machado, Carlos Heitor Cony, Lygia Fagundes Telles and Sérgio Sant’Anna, among many others, innovated by incorporating into their writing traces of the Brazilian spoken usage practiced by educated individuals. Thus, these innovations do not sound like ruptures and were treated as part of the new profile of the “standard Brazilian written Portuguese”.

PALIMPSESTO

6) One of the consequences of European imperialism over the Americas was the introduction of a graphocentric culture. How does this culture affect the teaching of Portuguese in Brazil? What is its importance for the exercise of citizenship?

JOSÉ CARLOS DE AZEREDO

When we think about the difference between oral and written language use, it is common to consider the latter as a way of representing the former. This is true, fundamentally because speech precedes writing, and because only the former is present in all communities formed by human beings, for which reason it has the status of legitimate/genuine object of linguistic science. Writing is generally treated as a product of culture subjected to individual discretion and eccentric conventions. Therefore, many linguists argue that their work is analogous to that of a botanist or an entomologist. How does this fact – naturalness of spoken language *versus* artificiality of written language – relate to the question of language teaching? For me, the language teacher needs to know how to handle both modalities, and to be able to characterize each one in relation to the other. If it is true that it is in the study of spoken use that science itself is put into practice, it is in the study of written use – or more precisely, in the understanding of writing as a technology – that the human capacity to transform natural resources into cultural products is most clearly revealed. The school has this commitment: to promote the understanding of the human species by understanding its infinite gift of creation. The exercise of this gift is a powerful way to experience the condition of citizen.

Bibliography:

AZEREDO, José Carlos de. Espelho, mapa, ferramenta ou de como as palavras dão corpo às idéias. *Matraga* (Rio de Janeiro), v. 14, p. 158-179, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1999.

OLIVEIRA, Ieda de. *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

ⁱ In the original, in Portuguese: “o homem é um ser ao mesmo tempo adaptivo e transformador” (AZEREDO, 2007, p. 174).

A comparative analysis of social actors in multimodal texts about civilian armament in Brazil

Michelle Silva de Lima Delfinoⁱ

Arthur Bruno Rodrigues Pedrosaⁱⁱ

ABSTRACT

Understanding language as a social action, Critical Discourse Analysis aims at highlighting linguistic-discursive practices interconnected with sociopolitical structures that support them. Following this assumption, Van Leeuwen (1996; 2008) develops the theory of representations of social actors intending to unveil the ideological foundations of discourse, as well as the relations between objects and subjects in interaction. Since the press has the power to create and maintain ideological constructions that help sustaining certain power relations, it is necessary to investigate how and what participants are included and excluded, given the sociocultural context in which the discourse happens. Therefore, this article proposes a multimodal comparative analysis of the representations of the social actors in two news articles on the same theme: license for the acquisition and possession of firearms.

Keywords: Critical Discourse Analysis; social actors; press; multimodal texts.

RESUMO

A Análise Crítica do Discurso busca evidenciar práticas linguístico-discursivas interligadas com estruturas sociopolíticas que as sustentam. Seguindo esse pressuposto, Van Leeuwen (1996; 2008) desenvolve a teoria das representações dos atores sociais com a qual pretende desvelar os fundamentos ideológicos do discurso, assim como as relações entre objetos e sujeitos em interação. Uma vez que a imprensa dispõe de poder para criar e manter construções ideológicas que ajudam a sustentar certas relações de poder, é necessário averiguar como e quais participantes são incluídos e excluídos, tendo em vista o contexto sociocultural no qual o discurso se materializa. Para tanto, neste artigo é realizada uma análise comparativa multimodal das representações dos atores sociais

ⁱ Mestranda em Letras/Linguística (PPG/UERJ) e especialista em Linguística Aplicada ao ensino de inglês como língua estrangeira (UERJ). Possui licenciatura em Letras - Português/Inglês (FEUC) e é interessada na realização de pesquisas nas áreas de Linguística e Ensino de línguas adicionais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4881-2345> | E-mail: michelle.s.l.delfino@gmail.com

ⁱⁱ Mestrando em Ensino (PPGEB - CAP-UERJ). Especialista em Linguística Aplicada ao ensino de língua inglesa (UERJ). É bacharel e licenciado em Letras-Inglês/Literaturas de língua inglesa (UERJ). Voluntário e foi bolsista de projeto de extensão do projeto CEALD – Colaboração, Estratégias de Aprendizagem e Letramento digital: O Desafio da equidade na formação de professores de línguas. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9721-2189> | E-mail: arthur_pedrosa@hotmail.com

presentes em duas reportagens sobre o mesmo tema: permissão para uso e posse de arma de fogo.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; atores sociais; imprensa; textos multimodais.

INTRODUCTION

Critical Discourse Analysis (CDA) is an interdisciplinary field of Language Studies that offers theoretical-methodological resources for the comprehension of the relation between language and society. As supported by authors, notably Halliday (1978, 1994), Fairclough (1992), Kress (1989) and Van Leeuwen (1996), language is not a matter of coding and decoding messages, rather it is considered a kind of social practice. By taking discourse as its main object of study, CDA suggests that language practices are connected to the historical, social, political and economic conditions that generate them. Therefore, linguistic phenomena are socially based because “whenever people speak or listen or write or read, they do so in ways which are determined socially and have social effects” (FAIRCLOUGH, 1989, p. 23). It does not mean, however, that discourse merely reflects and reproduces social order, as it also influences the construction of reality.

News discourse has received much attention from CDA, especially because it is usually accepted as objective, neutral and factual. This kind of discursive construction, combined with the fact that the media in general – TV, radio, newspaper – is embedded in our daily lives, grants it the power to create and maintain ideological constructions. As a consequence, media channels are rarely held responsible for influencing public opinion in this very subtle way. According to Fowler (1991, p. 223):

News is not a natural phenomenon emerging straight from “reality”, but a product. It is produced by an industry, shaped by the relations between the media and other industries, by the bureaucratic and economic structure of that industry, and most importantly by relations with government and with other political organizations.

All in all, we could say that CDA provides resources to analyze discourse given that it is a key for understanding and also challenging power relations helping to maintain a certain version of reality in the story at play. Such resources aim at identifying

ideologies embedded in discourse to tell us, for instance, who says what to whom, from which perspective and with what intentions.

This leads us to the question of the purpose of this research. The objective of this study is to analyze two multimodal textsⁱⁱⁱ by means of the systems developed by Van Leeuwen (1996; 2008), namely those dealing with the representations of social actors, in order to reveal which interests and positionality might be found behind the linguistic choices made by the writers.

A comparative analysis will be carried out as a means of illustrating how different sources produce discourse in accordance with their own standpoint and how it affects meaning in the texts. In relation to the *corpus*, the authors previously defined a genre (news article) and a theme (civilian armament) so as to ensure a level of common ground that allows us to see particularities of each text. Apart from that, it was determined that texts should come from sources that have social relevance and that are considered trustworthy by readers.

From an online search, many eligible texts could be found, but we selected two of them. The first one was selected because it may represent the position of official sources from the government, whereas the second text was chosen because it comes from a massive media conglomerate from South America: Organizações Globo. The selected texts are both online news articles covering the same piece of news (civilian armament) and they were originally written in Portuguese.

As the texts are too long, we will need to limit the analysis to a few paragraphs, which were considered the most relevant according to the authors. The paragraphs selected for analysis were translated into English in order to maintain the readability (free translation made by the authors). The links to the original texts in Portuguese are available in the footnotes where the texts are placed.

The main research questions guiding this study address the following issues:

- How are the main social actors represented both verbally and visually in the texts?

ⁱⁱⁱ Multimodal texts combine two or more modes such as written language, spoken language, visual (still and moving image), audio, gestural, and spatial meaning (The New London Group, 2000; Cope and Kalantzis, 2009).

- How does the representation of social actors differ from the text posted in the government website to the one posted in a private TV station website?

In addition to this introduction, the article is divided into five other sessions. In session two, we will explain the categories from Van Leeuwen's theory and also illustrate them with examples taken from the *corpus*. Session three is dedicated to the description of the *corpus*, which consists of image and verbal text, meaning that we are dealing with a multimodal *corpus*. Session four will focus on the analysis, which will have to be done in two stages: first we will be scrutinizing the verbal part and afterwards we analyze the images that accompany the verbal texts. In the last session, the authors will summarize the main ideas discussed in the article and also indicate which conclusions our findings might suggest.

1 LITERATURE REVIEW

As mentioned above, the literature foundation used as support for the analysis in this study is Van Leeuwen's (1996; 2008), which is known as the representation of social actors (1996) and the visual representation of social actors (2008). In sum, this approach aims at demonstrating how social actors are represented in verbal and visual discourses. As Van Leeuwen's system has many categories, this literature review will focus on the most relevant ones for the analysis of the selected *corpus*. Some categories we will be employing for the analysis are listed on table 1, and we will briefly explain them and show examples from the *corpus* in this section.

Table 1: Categories of analysis.

<i>Exclusion</i>	Not including a specific group of people (by suppression or backgrounding).
<i>Inclusion</i>	Including groups of people.
<i>Activation</i>	The social actor is doing the action.
<i>Passivation</i>	The social actor is suffering the

	action
<i>Personalization</i>	When the social actor is characterized as a human being.
<i>Impersonalization</i>	When the social actor is not characterized as a human being.
<i>Nomination</i>	When we individualize and identify the social actor (by their name, title, etc.),
<i>Categorization</i>	When a social actor is identified by traits that are shared with others.
<i>Specification</i>	When the social actors are represented as individuals or groups fully identifiable.
<i>Assimilation</i>	Not identifying the social actor as an individual by using some kind of homogenization.
<i>Functionalization</i>	Identification of a social actor by means of his activity (e.g., professional activity).

Source: elaborated by the authors

The first categories we would like to introduce from Van Leeuwen's theory are *Inclusion* and *Exclusion* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 28). The occurrence of these categories is detected by observing which social actors are included and which are excluded in discourse. As explained by Van Leeuwen (1996; 2008), the exclusion of a social actor may not be naïve, this is why the analyst must be attentive to the absence, especially because "representations include or exclude social actors to suit their interests and purposes in relation to the readers" (VAN LEEUWEN, 2008, p. 28). There are two types of exclusion: a social actor can be excluded by *Suppression* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 29), which happens in case the participant is totally erased from the discourse; or he can be excluded by being just *Backgrounded* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 29), meaning that the social actor is not explicitly mentioned, but it is possible to infer who/what that is by looking at contextual hints. Let us see the examples below:

- (1) “new rules about gun ownership are questioned in Court and Council. [...]”.
- (2) ‘by editing decrees, the government “restitutes” self-defense rights to citizens, says Onyx [...]’.

In extract 1, we could ask who is questioning this new rule, since it is not mentioned in the text. We see in this sentence that the author opted for the use of passive voice, which makes it possible to deviate the focus from the actor (the person who is questioning) to a noun (new rule). In the end, this social actor was simply erased or excluded, and we cannot infer who that is, so this is a case of suppression. On the other hand, the exclusion of social actor from extract 2 can be inferred because the government must be the entity responsible for editing decrees. Speakers are likely to have this information as it is knowledge we share socially, so it means that the social actor was not completely erased, it is just backgrounded.

The cases of *Inclusion* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 29) offer more possibilities. When talking about roles, the social actor can be represented by *Activation* (as agents) or by *Passivation* (as patients) as we can see in the examples:

- (3) “Government regulates gun ownership and ensures the right to self-defense [...]”.
- (4) “Federal police gain more objective criteria to grant the gun ownership certificate.”

In excerpt 3, the government is portrayed as the agent of regulating licenses for the acquisition and possession of firearms, which means that it is in an active role. This is not the case in example 4 because we notice the social actor is passivated as it is being benefited. In this case, the actor “federal police” gains something from someone else who will be the active part as the giver in this transaction.

Social actors can also take part in categories such as *Personalization* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 46) and *Impersonalization* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 46). The first one is the concept of representing social actors as human beings, while the latter do not include the human feature in its representation:

- (5) “affirmed the President of Brazil, Jair Bolsonaro [...]”
- (6) “the federal government regulated firearm ownership in Brazil.”

In excerpt 5, the person is mentioned by his name, and it is also a case of *Nomination* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 41), as he is also called “the President of Brazil”. In example 6, however, there is a case of *Impersonalization*, as it is not used a person’s name, but of an institution, without mentioning anyone. Another category we can identify in the same example is *Functionalization* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 42), which happens when the social actor is referred to by means of his function/role like president, pianist, teacher.

Furthermore, the category *Specification*, in contrast to *Categorization*, refers to “a specific, concrete world, populated with specific, concrete people, places, things, and actions” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 35). In the use of specification individuals or groups can be identified. There are two types of specification: individualization (when actors are represented as individuals) and assimilation (when actors are represented as groups). *Assimilation* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 37) refers to a given social group without considering its members’ identities as individuals in any way. Members are recognized as being part of a certain group (like one’s place of birth). See example below:

- (7) “Does a government have the right to withdraw from society a tool that ensures self-defense?”

In 7, there is a case of assimilation because social actors are seen as a group (society) and not as individuals. Van Leeuwen (2008) considers assimilation a key category for the analysis, “given the great value which is placed on individuality in many spheres of our society” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 37). As we will see in the analysis, this notion is valuable because it allows us to see which actors are considered relevant enough to be individualized and which actors are assimilated as “ordinary people” (VAN LEEUWEN, 2008, p. 37) to the point they are not properly identified in discourse.

The second part of the analysis of each news report will scrutinize the images, as “in newspapers, the words tell us what politicians do, while the images, capturing a fleeting moment, show them, for instance, as either vigorous and in control, or slumped back, seemingly defeated” (HALL, 1982 apud VAN LEEUWEN, 2008, p. 136). This idea

summarizes how the visual representation of social actors in images may happen. In order to analyze social actors in images Van Leeuwen has developed categories which are exclusive for this kind of text, however, the categories introduced previously are also used in the analysis. For image analysis three additional dimensions must be considered: *social distance* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 138), *social relation* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 139) and *social interaction* (VAN LEEUWEN, 2008, p. 140). We will briefly explain them below:

Table 2: Categories for image analysis

Social distance	a) long-shot: distance. b) close-shot: closeness.
Social relation	a) frontal angle: equality in power relation. b) oblique angle: inequality in power relation.
Social interaction	a) Direct eye-contact: there is a demand from the social actor. b) No eye-contact: social actor is offered to our gaze.

Source: elaborated by the authors.

Regarding social distance, long-shot pictures generally indicate a kind of distance, strangeness between the viewer and the depicted people, whereas close-shot pictures indicate more closeness, as if the actor(s) represented were one of us or really close to us, the viewers. The second dimension indicates how the angle may show differences in power. If the social actor is represented in a frontal angle, it may indicate an equality in power and some involvement between the participants. On the other hand, if the social actor is represented in an oblique angle, it may indicate that there is an unequal power relation between the participants. The third and last dimension observes if there is direct eye contact between the viewer and the depicted actors. In case the actors address us directly by looking at us, it implies some demand, it means they want something from us. If there is no eye contact, it may be seen as an offer from the depicted people, as they are free to our gaze.

The categories we have introduced here will be our analytical resource. Now we move on to the next session, which is dedicated to the description of the corpus.

3 DESCRIPTION OF THE CORPUS

The first multimodal text to be analyzed was taken from the Brazilian government website^{iv}. The communicative purpose of the text is to inform about the signing of a decree which regulates firearm licenses in Brazil. The context of the news happens within a political environment in which the government was recently elected (2019) and the president had promises to make licenses for the acquisition and possession of firearms easier for Brazilian citizens as one of his main electoral campaigns. This text was chosen so as to see how the decree was represented by a government channel in comparison with another website. As mentioned previously, the authors opted for using a translated version in order to facilitate the reading of the article. You will find text 1 below^v:

Picture 1 - Government website.



Source: BRASIL, 2019.

^{iv} Source: www.brasil.gov.br.

^v You will find the original text in: <https://www.gov.br/pt-br>.

Table 3 - verbal text 1.

Government regulates gun ownership and ensures the right to self-defense (Title)

Edited this Tuesday (15th), decree clarifies the legislation and complies with the constitutional mechanism of self-defense right. The measure is already valid in the whole country. *(Subtitle)*

The President of Brazil signed a decree which regulates gun ownership during an event in Planalto Palace. Photo by: Alan Santos/PR. *(image's subtitle)*

In a decree issued this Tuesday (15th), the federal government regulated firearm ownership in Brazil. The document seeks to ensure the right to maintain firearms at home or at the workplace and clarifies the gun ownership process.

With the issuing of the document this Tuesday, the process gains in clarity. The demands for gun ownership, such as being more than 25 years old, having a licit occupation, permanent residence, clean records, not responding to criminal prosecutions or having links to criminals, remain unchanged, but federal police gains more objective criteria to grant the gun ownership certificate.

“The big issue we had in the law is the effective proof of necessity. This idea was close to subjectivity” affirmed the President, Jair Bolsonaro, when signing the decree during the ceremony in Planalto Palace.

Source: BRASIL, 2019.

The second multimodal text selected was taken from a website belonging to one of the most powerful media companies in South America, the largest in Brazil: Globo's organization^{vi}. The communicative purpose of the text is to inform readers of the new decree signed by the president which will facilitate license for the acquisition and possession of firearms in Brazil; however, it gives certain emphasis to the public figure of Onyx Lorenzoni (former Chief of Staff), whose utterances are mentioned even in the title. The context that is in the background involves a great deal of a political dispute over a controversial matter such as the government facilitating civilian armament or not. The choice for this text was made since Globo, one of the most important media conglomerates in Brazil, may be recognized by its readers as neutral and unbiased, as if it was presenting the news without any ideological views. Given that, it would be interesting to contrast Globo's depiction of social actors with the Government's depiction (which, as it is the government's media channel, would naturally be aligned to the authorities' point of view). You will find text 2 below^{vii}:

^{vi} Source: <https://g1.globo.com>.

^{vii} You will find the original text in: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/18/armas-nao-matam-quem-matam-sao-pessoas-diz-onyx-ao-defender-decreto-de-bolsonaro.ghtml>.

Picture 2 - Picture of Onyx presented in the piece of news



Source: CLAVERY, 2019.

Table 4 - verbal text 2.

By editing decrees, the government “restitutes” self-defense rights to citizens, says Onyx. (Title)

The Chief of Staff took part in a hearing in the city council. To Rodrigo Maia, the Government has a weak defense of Bolsonaro’s decrees. New rules about gun ownership are questioned in Court and Council.

Chief of Staff, Onyx Lorenzoni, at the hearing at the Constitution Committee of Justice and Citizenship on Tuesday (18). Photograph: Pablo Valadares/ House of Representatives. (Image subtitle)

Chief of Staff, Onyx Lorenzoni, stated this Friday (18) that by issuing gun ownership decrees, the government “restituted” the right of self-defense to its citizens.

Onyx gave a speech when participating in a hearing at the Constitution Committee of Justice and Citizenship (CCJC) at the City Council. He was summoned to explain President Jair Bolsonaro’s decree that facilitates gun possession.

The right to carry a gun is the authorization to carry a gun outside your home. It is different from ownership, which only allows you to keep the gun inside the house.

“Does a government have the right to withdraw from society a tool that ensures self-defense? In my opinion, it doesn’t”, said the minister.

This January, The Chief of Staff had already claimed that having a gun at home is as dangerous as having a blender.

Source: G1

4 IDENTIFICATION OF SOCIAL ACTORS

In this session, tables containing the analysis of both texts are presented in which we have the social actor, how it is realized in the text (with examples) and in the images published together with the piece of news. We categorize them according to Van Leeuwen's theory. Tables numbers three and four are related to the texts themselves (textual analysis) while tables five and six are related to the images (pictorial analysis).

4.1 Results of textual Analysis of social actors

Table 5 - Results of textual Analysis of social actors - text 1.

Social Actor	Realization	Category
Government	“ Government regulates gun ownership and ensures the right to self-defense”	Activation: Active role in the act of regulating something. Material process: actor. Specification / Impersonalization
Anyone	“Being more than 25 years old, having a licit occupation, permanent residence, clean records, not responding to criminal prosecutions or having links to criminals remain unchanged [...]”	Exclusion – Backgrounding Social actors can be anyone that fits these categories.
President of Brazil	“ The President of Brazil signed a decree which regulates [...]”	Nomination - Titulation Activation Active role in the act of signing. Material process: actor.
Federal Government	“ Federal government regulated firearm ownership in Brazil.”	Activation: Active role in the act of regulating something. Material process: actor.

		Specification / Impersonalization
Federal Police	“ Federal police gains more objective criteria to grant the gun ownership certificate.”	Impersonalization Categorization – Functionalization. Passivation – Beneficialization: Gaining something from another social actor.
Jair Bolsonaro	“Affirmed the President Jair Bolsonaro... ”	Activation Grammatical role in the process of affirming. Verbal Process: Sayer. Personalization – Semi-formal Nomination Use of proper nouns. Personalization - Categorization - Functionalization (president)

Source: elaborated by the authors.

Table 6 - Results of textual Analysis of social actors - text 2.

Social actor	Realization	Category
Government (inference)	“By editing decrees [...]”	Exclusion: backgrounding (we can infer government is the one that issues the decree)
Government	“ The government ‘restitutes’ self-defense right [...]”	Activation: Active role in the action of restitution of self-defense rights. Categorization / Functionalization.

Citizens	“[...] ‘restitutes’ self-defense right to citizens ...”	Passivation – Beneficialization: Citizens as a beneficiary. General / assimilation: collectivization: Citizens representing a homogenous group of people.
Onyx	“Says Onyx ”	Activation: Sayer in the verbal process. Specification / nomination informal
Minister	“ The Chief of Staff took part in a hearing [...]”	Activation: Active role in the material process. Determination / functionalization
Rodrigo Maia	“To Rodrigo Maia [...]”	Nomination: semiformal
government	“ Government has a weak defense [...]”	Activation: Active role in the material process. Categorization / functionalization.
Anyone. It cannot be found anywhere in the text.	“New rule about gun ownership is questioned [...]”	Exclusion: suppression (questioned by whom?)
Staff minister	“ Chief of Staff, Onyx Lorenzoni , stated this Friday [...]”	Activation: Active role in the verbal process. Nomination: semiformal, proper noun. Categorization: functionalization.
Onyx	“ Onyx gave a speech [...]”	Activation: Active role in the verbal process.

		Nomination: Surname, Formal.
Onyx (inference)	“When participating in a hearing [...]”	Activation: Active role in the material process. Exclusion: backgrounding
He (Onyx)	“ He was summoned to explain [...]”	Passivation: Subjected.
Government, Police (?)	“[...] is the authorization to carry a gun outside your home [...]”	Exclusion: suppression (Who authorizes people to carry a gun?)
You	“Only allows you to keep the gun inside the house [...]”	Indetermination: We don’t know who it refers to. Passivation: beneficiary
A Government	“Does a government have the right to withdraw [...]”	Activation: Active role in the material process. Categorization/ Functionalization -
Society	“To withdraw from society ”	Passivation: beneficialised actor. Assimilation: collectivization (noun denoting a group)
The Chief of Staff	“ The Chief of Staff had already claimed that having a gun at home is as dangerous as having a blender”	Activation: Active role in the verbal process. Nomination/categorization functionalization

Source: elaborate by the authors.

4.2 Results of visual analysis of social actors

Table 7 - Pictorial analysis of social actors - text 1.

Number of participants	There are four participants.
Social interaction	There is no visual contact, which means an offer to the viewer's gaze.
Social distance	There is a close shot. The oblique angle means detachment, Bolsonaro is in the center, he is separated from the other participants, he stands out.
Social relation	From a horizontal point of view, eye level denotes equality. Equality among participants.
Inclusion	Specified and Group – Differentiation (focus on the president, while the others are blurred).
Involved in the action	The president is an agent of speaking. The others are agents of looking/observing.

Source: elaborated by the authors.

Table 8 - Pictorial analysis of social actors - text 2.

Number of participants	There are three participants.
Social distance	Close-up depicted as if he is “one of us”.
Social relation	From a horizontal point of view, eye level angle denotes equality. This choice could be seen as a confrontation, as both the observed and observing participants are at the same level. The oblique angle also means detachment, Onyx is in the center, he is

	separated from other participants, he stands out.
Social interaction	There is no eye contact - objectivation. He is “offered to our gaze as a spectacle for our dispassionate scrutiny” (LEEuwEN, 2008, p. 40). So, the observing participant is not interacting.
Activation	(Onyx) Active – agent is involved in the action of arguing, defending his point of view, attacking opponents. Other participants in the image are not taking part in the activity, one of them is just listening, the others cannot be seen entirely.
Specification	The social actor (Onyx) is depicted as someone specific; the observing participant can even get to know his name by reading image subtitles; he is in the center of the picture.
Individualization	Onyx is individualized, he is seen in the center of the picture. Onyx is the only one performing an action, the headline as well as the additional information about the image refer only to him and exclude other participants.

Source: elaborated by the authors.

5 INTERPRETATION OF THE RESULTS

The findings indicate that both texts deal with the same issue and have similar contexts, but the social actors present in both are represented differently, mainly because the most often mentioned social actor in the first one is the president, whereas in the second, it is the Chief of Staff, Onyx Lorenzoni. Texts 1 and 2 come from different channels and differ significantly, as one was published by a governmental channel and the other, by a private media company. Therefore, they might have divergent ideas over the same issue.

In the results shown in Table 1, both the president and the government have a very active role by doing the actions of signing and saying as well as regulating the decree. As this news was published in the Brazilian Government website, it was expected to represent them as active participants, to “sell” to readers they are doing something good for the country and its citizens. It is also notable that the Federal Government and police (even though they do not specify any person, that is, they are impersonalized) are presented to share an image of institutions that make part of this process. The image chosen confirms this tentativeness of depicting the president as a vigorous participant, as he is in the foreground and detached, especially because other important members are set in the background, suggesting their supportive role.

The second text, on the other hand, does not mention the president as a social actor, and mostly all references to someone responsible for such decisions is expressed with the word “government”, which is present in four active roles and excluded in another. This choice for the use of categorization/functionalization seems to be a way to not directly mention the main figure of power in the country at the moment: the president Jair Bolsonaro.

The second multimodal text has an outstanding presence of the former Chief of Staff, Onyx Lorenzoni, both in the text and image. In Table 2, we can see there are five cases in which Lorenzoni is sometimes nominated and sometimes referred to with the use of categorization. He is portrayed as an active social actor such as in “The Chief Staff had already claimed that having a gun at home is as dangerous as having a blender”. Nevertheless, this activation does not mean the writer or the media corporation represented by her is supportive to the chief’s speech, since there seems to be a strong

opposition to his point of view. The opposition becomes clear when the author decides to expose that the “new rule about gun ownership is questioned in Court and Council”, even though it is unclear who is questioning and who asked for an explanation when “he was summoned to explain President Jair Bolsonaro’s decrees that facilitates gun possession”. The reasons why social actors were excluded in the last two sentences mentioned above may not be naïve, even though it may be clear at first sight.

We can confirm the opposition by contrasting the written part of text 2 to the image that was chosen to accompany it. Onyx Lorenzoni is the main presence in the picture, he is given prominence as he is in the center of the frame and performing the activity of arguing, he seems to be defending his views or attacking the opponents. He is not portrayed in an elevated position, so the angle puts him and us at the same level, which could be interpreted as a sign of confrontation.

As Van Leeuwen, we could notice that social actors that have a strong interest in this matter – the Brazilian citizens – are given only passivated roles and are always represented as collectives in Globo’s text (e.g., citizens, society). They are not even mentioned in the governmental text, though. This could mean that these social actors are not seen as relevant or important enough to be given active roles or to be mentioned in the first text.

FINAL COMMENTS

The results show that both texts represent their main social actors as both verbally and visually active. The choice of words and images try to portray them as participants who know what they are doing. The difference lies, however, in how those different channels where the pieces of news were published to their representation.

The first multimodal text seems to be adequate to the communicative purpose it serves because it delivers a message of an active government which is keeping an electoral promise and its main representative (the president) who did it as one of his first actions in power. Concerning the effects produced on the viewer, it can be said that both the president and his allies support the decree and the new rules to facilitate acquisition and possession of firearms. The image of Jair Bolsonaro giving a speech shows him as a man with attitude toward that “important” signing.

The second multimodal text brings other social actors, but gives certain emphasis to the former Chief of Staff, Onyx Lorenzoni. One of the forms in which it differs significantly from the news in the government website is that it does not mention the president as a social actor. Another difference to be mentioned relates to the presence of certain opposition to the government decree, which is not found in the first multimodal text.

As demonstrated by this application of Van Leeuwen's theoretical and methodological framework, the investigation of how social actors are represented proves to be a valuable strategy to analyze media discourse in order to observe how the choice of words and images represent social actors and convey the appropriate idea depending on the context/situation and channel it is published on. The theoretical basis chosen helps to build a linguistic analysis that shows how these relationships of power are portrayed, and thus, reinforce the role of discourse analysis of fighting and resisting these patterns. It is important, therefore, to be aware of how analyzing texts and images may help us understand the way news are designed and delivered to its readers, showing the point of views of each media source; point of views that readers might not grasp, especially in case they are completely unaware of the intentions behind the writers' (or speaker's) choices.

Acknowledgements

We would like to thank professor Gisele de Carvalho of Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) for providing us with incredibly stimulating discussions and for introducing us to the area of Critical Discourse Analysis. Because of you we can never pass by any newsstand without checking the covers of magazines and newspapers. We would also like to thank Fátima Machado for kindly helping us with the revision of the article.

References

BRASIL. *Governo regulamenta posse de arma e assegura direito à legítima defesa*. 15 de janeiro de 2019. Available at: <http://www.brasil.gov.br/noticias/seguranca-e->

justica/2019/01/governo-regulamenta-posse-de-arma-e-direito-a-legitima-defesa.
Accessed on: 30 jun. 2022.

CLAVERY, E. Ao editar decretos, governo ‘recuperou’ direito à legítima defesa do cidadão, diz Onyx. *G1*, Brasília, 18 de junho de 2019. Available at: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/06/18/armas-nao-matam-quem-matam-sao-pessoas-diz-onyx-ao-defender-decreto-de-bolsonaro.ghtml>> . Accessed on: 30 jun. 2022.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. A grammar of multimodality. *International Journal of Learning*, v. 16, n. 2, 2009.

FAIRCLOUGH, N. *Language and power*. London: Cambridge University Press, 1989.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FOWLER, R. *Language in the News: Discourse and Ideology in the Press*. London/New York: Routledge, 1991.

HALLIDAY, M.A.K. *An introduction to functional grammar*. 2. ed. London: Edward Arnold, 1994.

KRESS, G. *Linguistic processes in sociocultural practice*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

VAN LEEUWEN, T. The representation of social actors. In: CALDAS-COULTHARD, C.R. & COULTHARD, M. (eds) *Texts and Practices – Readings in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 1996, p. 32-70.

VAN LEEUWEN, T. The visual representation of social actors. In: VAN LEEUWEN, T. *Discourse and Practice: new tools for critical discourse analysis*. New York: Oxford University Press, 2008, p. 136-148.

Recebido em: 20/08/2021

Aceito em: 09/09/2022

Estratégias argumentativas e construção da imagem de “O Pharol”

Romana de Fátima Macedo Gomesⁱ

Rosa Leite da Costaⁱⁱ

Gilton Sampaio Souzaⁱⁱⁱ

RESUMO

Este artigo objetiva analisar estratégias argumentativas utilizadas por “O Pharol” na construção de sua imagem de veículo da imprensa a serviço dos interesses do povo, do progresso de Petrolina – PE. O *corpus* é constituído de dois textos publicados por esse periódico, em décadas diferentes do século XX. O aporte teórico é oriundo da Retórica aristotélica (ARISTÓTELES, 2005 [384-322 a. C.]), da Nova Retórica (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005) e de estudos da argumentação vinculados à produção dos discursos (FIORIN, 2015; SOUZA et al, 2016; COSTA, 2020). Os resultados apontam para a elaboração de teses em conformidade com a imagem, considerando a perspectiva do *éthos* aristotélico, assumida pelo jornal perante seu auditório. Quanto às técnicas argumentativas, prevalecem as baseadas na estrutura do real e as quase-lógicas.

Palavras-chave: imagem; teses; técnicas argumentativas.

ABSTRACT

This article aims to analyze argumentative strategies used by “O Pharol” in the construction of its image as a press vehicle at the service of the interests of the people, of the progress of Petrolina - PE. The corpus consists of two texts published by this journal, in different decades of the twentieth century. The theoretical contribution comes from

ⁱ Graduação em Letras e especialização em Programação do Ensino de Língua Portuguesa (Universidade de Pernambuco), mestrado em Educação e Cultura (Universidade do Estado da Bahia), é doutoranda na linha de pesquisa Discurso, Memória e Identidade (Universidade do Estado do Rio Grande do Norte). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7088-5092> | E-mail: romana.macedo@ifsertao-pe.edu.br

ⁱⁱ Graduação em Letras (2003), especialização em Linguística Aplicada (2005), mestrado acadêmico (2010) e doutorado em Letras (2020) pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Atualmente é professora efetiva da UERN e líder do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8633-7058> | E-mail: rosaleite@uern.br

ⁱⁱⁱ Linguista de formação e atuação, é graduado em Letras (Pau dos Ferros) e especialista em Didática do Ensino Superior (Mossoró), ambos pela UERN. Mestre em Linguística Aplicada (Estudos da Linguagem) pela UFRN (Natal), e Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP (Araraquara). Tem Pós-Doutorado em Estudos Comparados - Português/Francês pela Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, na França. Pertence ao quadro efetivo de servidores da UERN, como professor adjunto IV, na área de Linguística. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7637-0751> | E-mail: giltonsampaio@uern.br

Aristotelian Rhetoric (ARISTÓTELES, 2005 [384-322 a. C.]), New Rhetoric (PERELMAN and OLBRECHTS-TYTECA, 2005) and argumentation studies linked to the production of discourses (FIORIN, 2015; SOUZA et al, 2016; COSTA, 2020). The results point to the elaboration of theses in accordance with the image, considering the perspective of the Aristotelian ethos, assumed by the newspaper before its audience. As for argumentative techniques, those based on the structure of reality and quasi-logic prevail.

Keywords: image; theses; argumentative techniques.

INTRODUÇÃO

A partir da realização de pesquisa de doutorado, a qual possui, como universo, o periódico com maior tempo de circulação no interior de Pernambuco no século XX, delineou-se o objetivo deste artigo de analisar estratégias argumentativas utilizadas pelo jornal “O Pharol” na construção de sua imagem de veículo da imprensa a serviço dos interesses do povo, do progresso de Petrolina – PE.

Para o alcance de tal propósito, delinear-se as seguintes questões de pesquisa: que temas e teses consolidaram a imagem de “O Pharol” como um jornal comprometido com o progresso da cidade? Como as técnicas de argumentação se relacionam com a imagem de “O Pharol”, definida pelo compromisso com o progresso local? Nesse escopo, definiu-se como objetivo específico deste trabalho: identificar técnicas argumentativas empregadas em dois textos de “O Pharol”, nos quais se observe a construção da imagem desse periódico como um jornal comprometido com o progresso de Petrolina – PE e com o cumprimento ético de seu dever. Sendo assim, foram selecionados como seu objeto de estudo dois textos publicados nesse periódico, nos quais foram identificadas e analisadas as técnicas argumentativas empregadas para a fundamentação das teses defendidas e para a consolidação da imagem definida pelo mencionado jornal.

É válido ressaltar que o *corpus* reduzido se deve ao propósito de divulgação deste trabalho por intermédio deste artigo, cujo espaço de discussão se caracteriza pela concisão. De igual modo, esse recorte se justifica pelo entendimento de que, dada a natureza qualitativa deste trabalho, as produções escolhidas possibilitaram considerar o intervalo de tempo entre elas como fator importante sobre as afirmações e resultados, os quais refletem que cada argumentação de um orador é construída na relação com o auditório imediato e universal a que se dirige. Portanto, os dois textos representam o

mesmo orador (no caso, o “Pharol”), direcionando-se a auditórios socio-historicamente marcados, o que leva a entender essa imagem a partir de manifestações *do éthos*, em momentos diferentes.

O *corpus* da pesquisa é constituído dos textos intitulados “O que é o edifício da Instrução Publica estadual”, publicado em 10 de março de 1918, e “A eterna crise dos transportes e a E.F. Petrolina – Therezina”, publicado em 12 de outubro de 1937. Esses exemplares foram selecionados em virtude de integrarem um gênero considerado essencialmente da argumentação e em decorrência de eles terem sido produzidos em períodos de tempo distintos, mas com o mesmo empenho argumentativo do jornal em definir sua própria imagem como meio de comunicação comprometido com o desenvolvimento da cidade e com o cumprimento ético de sua missão. A manutenção desse discurso em um intervalo de tempo considerável determinou a eleição de tais textos por possibilitar a percepção de uma estratégia argumentativa vinculada à definição do *éthos* do enunciador. A seleção dos excertos foi orientada pelo potencial de corresponder aos objetivos definidos para este estudo. Faz-se oportuno ressaltar que os sete trechos analisados foram transcritos com a preservação da ortografia vigente no período da publicação dos textos, que foram localizados no acervo digital do mencionado jornal (<https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>).

Fundado em 1915 por seu proprietário e principal redator, João Ferreira Gomes, “O Pharol” circulou durante 74 anos do século XX, norteado pela missão de contribuir para o desenvolvimento do município petrolinense. Segundo João Ferreira Gomes, a própria denominação do periódico alude ao seu papel de iluminar a trajetória do lugar, na direção do progresso. Conforme citam Cavalcanti e Corrêa (2008, p. 4), caberia ao jornal: “mostrar o caminho para o desenvolvimento do grande Vale, bem como os perigos que rondam as águas puras do rio”. A eleição desse periódico como universo da investigação e a definição do tema deste trabalho se justificam no propósito de contribuir para o avanço dos estudos da argumentação, notadamente do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), integrado por pesquisadores oriundos do Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus* Pau dos Ferros.

Metodologicamente, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa de enfoque qualitativo, que, consoante proposições de Maria Cecília de Souza Minayo (2010, p. 21), é um tipo de estudo que explora aspectos dos “significados, das aspirações, crenças,

valores e atitudes”. Como procedimento para coleta de dados, foram utilizadas a pesquisa bibliográfica, presente na etapa da revisão da literatura inerente ao campo da argumentação, e a documental, definida na composição do *corpus* do trabalho, a partir do acesso ao acervo digital do jornal “O Pharol”, reconhecido por seu valor documental da história local, no século XX.

Sendo assim, é possível sintetizar o percurso metodológico deste trabalho da seguinte forma: em primeiro lugar, realizou-se uma revisão bibliográfica da Retórica e da Teoria da Argumentação; depois, definiram-se textos que contemplassem questões e objetivos da investigação; por fim, os textos selecionados foram analisados, observando temas, teses e técnicas argumentativas adotadas. As materialidades do discurso foram analisadas à luz do aporte teórico adotado, o qual advém da Retórica aristotélica (ARISTÓTELES, 2005 [384-322 a. C.]); das pesquisas realizadas pelos autores do Tratado da Argumentação: a Nova Retórica (PERELMAN, 1999; PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005) e estudos ligados à argumentação no discurso (FIORIN, 2015; SOUZA, 2016; COSTA, 2020).

Quanto à estrutura, o presente artigo está organizado nas seguintes partes: esta introdução, em que se observa a justificativa para a proposta investigativa; na sequência, apresenta-se a fundamentação da pesquisa em parte da teoria da argumentação, sendo o recorte definido pela análise do corpus deste trabalho. Por fim, expõem-se as análises dos textos selecionados, as quais foram realizadas, adotando-se os seguintes procedimentos: i) identificação da tese, do auditório e do contexto da produção; ii) análise das técnicas argumentativas presentes no texto; iii) relação entre os elementos do processo argumentativo: teses, técnicas e imagem do orador. O trabalho é finalizado com a apresentação das considerações finais sobre os resultados alcançados.

1 ORIENTAÇÕES TEÓRICAS

Sabe-se que o fim da argumentação consiste no alcance da adesão dos espíritos. Para isso, o orador, na perspectiva da Retórica aristotélica, edifica a sua imagem no discurso, tendo em vista a obtenção da credibilidade perante o público; faz previsões quanto aos fatos, verdades, valores e opiniões admitidos pelo auditório, ao qual se dirige;

elabora teses, para as quais busca o convencimento e a persuasão daqueles com quem interage, além de fundamentá-las em diversas técnicas argumentativas.

Compreende-se, portanto, que a imagem do orador, também denominada *éthos* do enunciador, edificada no e pelo discurso, constitui-se como recurso da argumentação, explorado com a finalidade de convencer e de persuadir seu auditório. É válido ressaltar, nesse entendimento, que a credibilidade obtida pelo orador perante o seu público não provém de aspectos psicológicos de sua personalidade, mas sim se concretiza por intermédio da atividade discursiva, pois, em conformidade com o pensamento de Aristóteles ([384-322 a. C.] 2005, p. 96), “persuade-se pelo carácter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé”. Sendo fatores que determinam o caráter do orador, o contexto social e histórico, suas intenções comunicativas e o perfil de seus interlocutores não devem ser ignorados para a apreensão do significado da totalidade do processo argumentativo. A partir dessa perspectiva, o presente artigo se desenvolve pelo estabelecimento de relações entre o *éthos* do enunciador – a imagem edificada pelo jornal petrolinense “O Pharol” acerca de si próprio –, as teses por ele defendidas e as técnicas argumentativas empregadas em textos publicados nesse periódico.

Não apenas um dos elementos integrantes da argumentação, o auditório é definido por Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005, p. 22) como “o conjunto daqueles que orador quer influenciar com sua argumentação”. Segundo esses autores, tal conjunto pode ser constituído por um membro, incluindo até o próprio orador em atitude de deliberação íntima, ou por inúmeros indivíduos. Esse integrante da argumentação pode ser categorizado em auditório particular, quando presumido pelo orador, e auditório universal, cujas características não são completamente previstas por quem argumenta. Entretanto, não se pode deixar de mencionar sua importância no processo argumentativo, no que concerne ao fato de o auditório determinar “a qualidade da argumentação e o comportamento dos oradores”, conforme esclarecem os citados autores (PERELMAN e OLBRECTHS-TYTECA, 2005, p. 27), o que revela a adoção de uma atitude retórica diferenciada para cada perfil de público identificado.

No intento de convencer e de persuadir o auditório, o orador manifesta suas opiniões. Sobre tais posicionamentos, é válido ressaltar que, “aquele que defende um determinado ponto de vista está, o mais das vezes, convencido de que se trata de uma tese

que é objetivamente a melhor e de que seu triunfo é o triunfo da boa causa” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 42). Em outras palavras, compreende-se a formulação de uma tese como uma opinião do orador, a qual é norteadora por princípios éticos, benéficos para os sujeitos participantes da situação discursiva, consoante se depreende do sentido que se infere da expressão “triunfo da boa causa”. Nesse escopo, faz-se oportuno enfatizar que a participação do jornal “O Pharol” nos debates locais implicava a adoção de posicionamentos sobre temas relevantes para vários setores da sociedade local, como educação, saúde, transporte, dentre outros.

Outro aspecto importante e norteador deste trabalho é contemplado por Gilton Sampaio Souza et al (2016, p. 146), concernente ao fato de que a busca da identificação da tese, no discurso, confrontada com as técnicas argumentativas utilizadas pelo orador, possibilita a localização não apenas da ideia central, mas também dos valores, de suas hierarquias e outros elementos integrantes da argumentação. Tal afirmação ressalta a necessidade de análise abrangente de todo o processo argumentativo, compreendendo que cada recurso explorado para a persuasão tem seu significado e função determinados pela presença dos demais.

Diante dessa breve revisão de conceitos reunidos na Retórica de Aristóteles (2005 [384-322 a. C.]) e no Tratado da Argumentação de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), depreende-se a existência de uma atuação interdependente entre os elementos integrantes da argumentação. Assim, o orador que se propõe a agir sobre o seu auditório formula teses, para as quais busca adesão. Para torná-las eficazes, recorre a técnicas, que serão descritas no tópico seguinte deste trabalho.

1.1 Técnicas argumentativas: elementos integrantes da argumentação e presentes nos textos em análise

Outra relevante contribuição da obra fundante da Nova Retórica, o *Tratado da Argumentação* (2005), concerne à identificação das técnicas mobilizadas pelo orador para fundamentar suas teses, os argumentos quase-lógicos; os argumentos baseados na estrutura do real; os argumentos que fundamentam a estrutura do real e as técnicas de dissociação. Na sequência, apresenta-se síntese desses principais procedimentos argumentativos.

Consideram-se argumentos quase-lógicos, aqueles que, apresentando uma aparência lógica, comparável a dos raciocínios formais, não têm a pretensão de um rigor e de uma precisão matemática. Perelman e Olbrechts-Tyteca assim definem esses argumentos:

Em todo argumento quase-lógico, convém pôr em evidência, primeiro, o esquema formal que serve de molde à construção do argumento, depois, as operações de redução que permitem inserir os dados nesse esquema e visam torná-los comparáveis, semelhantes, homogêneos. (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 219)

Isso equivale a dizer que a argumentação quase-lógica se distingue pelo esforço mental necessário para reduzi-la ao formal, uma vez que ela se revela detentora de um caráter não-formal. Os autores do *Tratado da Argumentação* (2005) ainda ponderam que a argumentação fundada nas estruturas matemáticas se mostrou mais valorizada entre os antigos do que na contemporaneidade. Constituem-se argumentos quase-lógicos empregados mais frequentemente os que se enumeram em seguida.

Contradição e incompatibilidade: com esse procedimento, não se tem uma contradição de fato, mas uma incompatibilidade proveniente da asserção de uma proposição negada posteriormente. A incompatibilidade também pode resultar da afirmação de uma regra, que se revela desarmônica com as condições ou com os efeitos de sua aplicação, sendo, nesse caso, denominada “incompatibilidade de autofagia”. Tal estratégia pode ser exemplificada com um contexto linguístico, no qual seria afirmada a importância da atuação de um jornal para a difusão de padrões de comportamento em um lugar onde se verificasse a prevalência do analfabetismo, o que indicaria uma afirmação contrária às circunstâncias de seu emprego.

Definição: trata-se de um dos procedimentos de identificação de elementos integrantes do discurso, o qual obteve uma atenção especial dos autores do *Tratado da Argumentação* (2005). Dentre as diferentes formas de definição, destaca-se a definição normativa, que determina a forma com que uma palavra deve ser utilizada, como, por exemplo, em um enunciado no qual uma instituição de ensino estabelece o que é a aprovação, discriminando aspectos inerentes a tal condição. A definição também pode ser descritiva, quando se informa o sentido atribuído a um vocábulo, em certo meio e momento, expondo o sentido corrente da palavra, registrado em dicionários. Para

exemplificá-la, recorre-se à definição descritiva da palavra técnica, como conjunto de procedimentos ligados a uma arte ou ciência.

Regra de justiça e reciprocidade: o primeiro procedimento compreende o tratamento igualitário concedido a seres de uma mesma categoria essencial. Por sua vez, o segundo tipo assimila situações distintas, demonstrando que ambas devem ser tratadas da mesma forma, com a observância do mesmo juízo de valor. É possível exemplificar esse procedimento com uma situação na qual se observaria a concessão de incentivos fiscais para um determinado jornal sendo questionada por outros veículos de imprensa, que utilizariam como argumentos a reivindicação de igualdade de oportunidades e de justa concorrência para todos os meios desse setor.

Transitividade, inclusão e divisão: considera-se transitividade como a propriedade formal inerente a uma relação em que é possível transitar da afirmação de que ela existe entre um termo e um segundo, e entre este segundo termo e um terceiro, para concluir que ela existe entre o primeiro termo e o terceiro. Tal raciocínio é detectado em construções como igual a, incluído em, maior que, e é possível exemplificá-lo em construções como: se uma emissora de rádio tem maior abrangência de público que um jornal, e este possui maior cobertura que um site, então a emissora de rádio possui maior alcance que um site. O argumento por inclusão compreende a inserção da parte no todo e da espécie no gênero, podendo ser exemplificado em enunciados como: os meios de comunicação intervieram na história local; “O Pharol” é um meio de comunicação, então ele interveio na história local. Já o argumento por divisão ocorre quando se extrai uma conclusão sobre o todo após ter raciocinado sobre cada uma de suas partes, em construções como: as casas daquele bairro são antigas; logo, aquele bairro é antigo.

Os pesos, as medidas e as probabilidades: por valorizar a ideia do que é majoritário, o argumento probabilístico se ancora em uma lógica quantitativa, quer expressa de forma numérica, quer manifestada por sintagmas vinculados à ideia de bom senso, o qual é um atributo de maioria. A título de exemplificação desse tipo de raciocínio, pode-se mencionar que, quando um time entra em campo, existe 33,33% de chance de ele alcançar a vitória, visto que há três resultados possíveis em um torneio de futebol: perder, ganhar ou empatar.

Consideram-se argumentos baseados na estrutura do real aqueles que se baseiam em vínculos existentes entre elementos integrantes da realidade. O Tratado da

Argumentação faz ressalva ao fato de que seus estudos não abordam esses procedimentos argumentativos com o fito de realizar uma descrição do real, mas de promover a observância da “maneira pela qual se apresentam as opiniões a ele concernentes, podendo estas, aliás, serem tratadas, quer como fatos, quer como verdades, quer como presunções” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 298). É nessa pretensão de analisar as ligações entre um fenômeno e suas causas ou consequências, assim como os elos entre uma pessoa e seus atos, que serão privilegiadas as ligações de sucessão e as ligações de coexistência descritas em seguida.

Relações de sucessão: nessa estratégia, a argumentação pode corresponder à identificação das causas e/ou efeitos, além de proceder à análise de um fato por intermédio da apreciação de suas consequências, no recurso denominado argumento pragmático. Em caráter de exemplificação, pode-se recorrer a um enunciado amparado em operação de raciocínio fundada na análise de causa e consequência como: por não realizar um planejamento administrativo-financeiro, a instituição apresentava descontrole orçamentário, com gastos excessivos e aquisições de material supérfluo.

Ligações de coexistência: nesse procedimento, a argumentação vincula realidades de nível desigual, tendo, como protótipo, a relação existente entre uma pessoa e suas manifestações, a exemplo das relações entre um indivíduo e suas ações, os seus juízos ou suas obras, no recurso denominado argumento de autoridade. Nesse sentido, mencionar que José Luiz Fiorin (2015, p. 176) afirmou que esse tipo de argumento “ocorre no discurso científico, nos procedimentos judiciais e mesmo em nossa vida cotidiana” é fazer uso do argumento de autoridade, uma vez que o citado autor é reconhecido como fonte de informação nesse tema.

Ainda com base no real, há as ligações simbólicas que consistem na argumentação centrada na demonstração da existência de vínculos entre os símbolos e sua significação. Entretanto, Rosa Leite da Costa (2020) pondera que o orador deve buscar conhecer os significados dos símbolos de um auditório, uma vez que tais acepções são determinadas socioculturalmente, sendo, portanto, variáveis.

As ligações que fundamentam a estrutura do real correspondem aos argumentos que são considerados como modos de organização da realidade por meio da utilização do caso particular, que pode ser estruturado no exemplo, na ilustração, no modelo e no antimodelo, e por intermédio do raciocínio por analogia, descritos em seguida.

Exemplo: esse procedimento argumentativo resulta da pressuposição de certas regularidades, das quais os exemplos propiciarão o fornecimento de uma concretização. É preciso, porém, ponderar quanto ao alcance da regra e ao grau de generalização. Essa técnica pode ser localizada em construções como: vários foram os periódicos produzidos em Petrolina – PE, a exemplo de “O Pharol”, O Sertão, Gazzeta, os quais, ao longo do século XX, tornaram conhecidas as pautas relevantes para a sociedade local.

Ilustração: esse recurso argumentativo busca impressionar a imaginação, ao passo que o exemplo enfatiza uma realidade incontestável. Em muitas vezes, a ilustração corresponde a uma narrativa fictícia oriunda do imaginário do orador. Nesse escopo, observa-se essa técnica em enunciados em que se cria uma situação para representar determinado conceito, a exemplo de enunciados como: na iminência de crises, a sociedade avança. Imagine-se um cenário marcado pela existência de conflitos entre grupos distintos, certamente os debates nele instaurados resultarão em desenvolvimento de novas mentalidades.

Modelo e antimodelo: na primeira técnica, tem-se o recurso ao caso particular, apresentado como um modelo a ser imitado; no segundo procedimento, o caso particular reveste-se de sentido negativo, com o fito de induzir o auditório a não seguir o modelo exposto. É possível exemplificar esse segundo procedimento em construções do tipo: a atitude comumente adotada por jornais sensacionalistas, no tocante à disseminação de informações falsas, precisa ser rejeitada pela imprensa que é comprometida com o exercício ético de sua missão.

Raciocínio por analogia: para esse procedimento, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) propõem a terminologia tema para o conjunto dos termos sobre os quais se ancora a conclusão, e foro para o conjunto dos termos utilizados para apoiar o raciocínio. Os autores citados assinalam que “o foro é mais bem conhecido que o tema cuja estrutura ele deve esclarecer, ou estabelecer” (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 298) e que tema e foro devem integrar áreas distintas. Ainda no que tange à analogia, Perelman (1999) ressalta que sua distinção de uma proporção puramente matemática reside no fato de que ela não propicia uma igualdade de relações, mas sim uma semelhança de correspondências. Esse procedimento pode ser exemplificado em enunciados como: a mídia é como uma grande arena, em que duelam interesses e projetos de grupos político-

econômicos distintos. Nesse exemplo, percebe-se que a analogia lida com eventos heterogêneos, diferentes.

Sobre a dissociação de noções, Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) propõem que determinados pares, aparentemente indissociáveis, podem ser interpretados de uma outra forma, considerando o objeto de impedir incompatibilidades discursivas. Em relação à incompatibilidade, tendo em vista a distinção do procedimento quase-lógico já citado, Costa (2020, p. 143) pondera que, enquanto este se materializa “por um raciocínio mais reduzido”, a dissociação se revela como um raciocínio mais profundo, apresentando a “aparência e a realidade das noções”.

Também é importante destacar que os autores do *Tratado da Argumentação* (2005) determinam que as dissociações se revelam imbuídas de uma visão de mundo, além de definirem hierarquias, pois a dissociação expressa, nos pares filosóficos, noções concernentes a positivo e negativo. Tal procedimento corresponde a, dentre outros exemplos, pares filosóficos como meio/fim, consequência/princípio, ato/pessoa, subjetivo/objetivo, individual/universal, particular/geral. Estrategicamente, os pares podem ser definidos segundo o que é aceito pelo auditório, ou podem ser introduzidas dissociações para aquele público, ou podem ser evocadas dissociações defendidas por outros auditórios. Como exemplo desse procedimento, pode-se recorrer à seguinte construção: a atuação de alguns jornalistas daquele período não é o que aparentava ser. Na realidade, muitos profissionais representavam interesses de seus agentes patrocinadores.

Após breve fundamentação teórica acerca das técnicas argumentativas, apresenta-se análise dos textos jornalísticos selecionados, à luz dos postulados da Nova Retórica e norteada pelos objetivos definidos para a presente investigação.

2 ANÁLISE ARGUMENTATIVA DE TEXTOS JORNALÍSTICOS

Neste tópico, são analisados dois textos publicados no jornal “O Pharol” em duas décadas distintas de seus 74 anos de circulação. O intervalo de 22 anos entre ambos possibilita a observação da manutenção de um discurso sobre o próprio periódico, configurando uma argumentação vinculada à definição do *éthos* do enunciador, bem como possibilita entender que essa argumentação trabalha para consolidar o caráter do

próprio jornal perante o público a que se dirigia. As produções selecionadas integram o gênero editorial, apresentados em seguida, os quais foram escolhidos em virtude de serem integrantes da argumentação, em que se tornam perceptíveis os posicionamentos de um veículo de imprensa. Esses textos também foram selecionados em decorrência de neles ser observado o esforço argumentativo em consolidar a imagem do jornal como veículo de imprensa que se distinguia pelo compromisso com o desenvolvimento da cidade e pelo cumprimento ético de sua função. A seleção dos excertos foi definida pelo potencial de corresponder aos objetivos definidos para este trabalho.

2.1 Análise argumentativa de “O que é o edifício da instrução publica estadual”

Publicado em 10 de março de 1918, o editorial intitulado “O que é o edifício da instrução publica estadual” foi produzido no início do terceiro ano de fundação de “O Pharol”, quando Petrolina – PE contava com apenas 23 anos de emancipação. Nesse contexto de limiar da existência do jornal e da cidade mencionados, seria plausível considerar natural a reiteração da missão do periódico, como manifestação de um sentimento de euforia decorrente dessas recentes conquistas para a população local. Entretanto, tal hipótese não se confirma após a análise argumentativa de exemplares publicados em décadas posteriores, conforme poderá ser visto adiante neste artigo. A nota em análise se inicia com o orador apresentando sua tese principal, na qual reafirma o compromisso para com a verdade, ao asseverar que:

Excerto 1:

“A nossa missão de jornalistas incumbe-nos de proclamar a verdade dos factos e das cousas, apontando-os ao público.”

Essa declaração não somente reafirma a imagem de veículo da imprensa imbuído do objetivo de assumir uma imagem de imparcialidade, por meio do compromisso com a proclamação da “verdade”, mas ainda vai direcionar a seleção do tema abordado e a técnica argumentativa prevalente no texto. Quanto à temática selecionada, o orador, aqui compreendido como o periódico selecionado, justifica a sua opção por ela ao caracterizá-la como “um assumpto aliás importantíssimo que bem merece as atenções dos poderes

competentes”, conforme excerto 2, transcrito adiante, enfatizando a relevância da problemática e reiterando o compromisso do jornal com as causas de interesse coletivo.

Aqui faz-se necessário ponderar que o assunto abordado se revela importante para o orador porque antes também o era para a pacata Petrolina de pouco mais de 5.000 habitantes no início do século XX e para o Brasil, que iniciava campanha contra a falta de instrução da sua população. Nesse cenário, o jornal citado assim se posicionou em outra edição de 8 fevereiro de 1920, sobre a função da imprensa: “[...] ela precisa viver para falar, para implantar os bons costumes, cultivar e desenvolver as letras, fazer guerra ao analfabetismo [...]”. Em várias ocasiões, portanto, o jornal manifestava seu apoio à causa educativa, ao tempo em que reafirmava sua imagem de veículo da comunicação defensor da verdade e comprometido com o desenvolvimento local.

Sobre as estratégias da argumentação usadas, no decurso do texto em epígrafe, observa-se a prevalência de técnica argumentativa baseada na estrutura do real, a qual consiste na ênfase a vínculos existentes entre elementos integrantes da realidade, a exemplo das ligações de sucessão que estabelecem conexões, por exemplo, entre um fenômeno e suas causas ou conseqüências. Utilizando esse raciocínio, o orador apresenta a escolha do tema da educação, como efeito da missão assumida pelo jornal para com o anúncio da verdade dos fatos e das coisas perante seu público, consoante se verifica no excerto seguinte:

Excerto 2:

“Como desejamos dar conta do nosso ‘RECAD0’, cumprir o nosso dever, não podemos ficar impassíveis, tendo á frente um assumpto aliás importantíssimo que bem merece as atenções dos poderes competentes, que talvez ainda não estejam a par ou não queiram ligar as suas importancias, o que se faz mister.”

A partir dessa constatação de que seria dever do jornal, comprometido com a missão citada anteriormente, abordar um assunto merecedor da atenção dos agentes públicos, fazendo uso de um raciocínio fundado no estabelecimento de vínculos entre causa e conseqüência, o orador procede à denúncia da falta de estrutura da instituição de ensino público existente na cidade. Ainda é possível registrar a utilização de outras técnicas argumentativas, empregadas na validação da tese defendida, como se verifica no excerto que segue.

Excerto 3:

“Quem porventura passar pelo prédio onde funciona a Instrução Publica Estadual, desta cidade de Petrolina, **talvez fique pensando que alli represente o verdadeiro templo da instrucção**, embora modesto, onde a infancia vae iniciar os primeiros passos de sua existência, guiada pelos mestres carinhosos, que cuidam de proporcionar-lhe os seus sabios ensinamentos; **porem quem o visitar ficará sciente, que tudo são apparencias da imaginação** que têm d’outros estabelecimentos escolares e ao mesmo tempo dirá **como o celebre Camões: ‘- Naquele engano d’alma lêdo e cego...’**, pois ali falta tudo quanto é necessário.”

Apesar de a técnica da relação de sucessão prevalecer no texto com o vínculo entre causas e consequências, também se observa o recurso à outra técnica baseada na estrutura do real, relativa à ligação de coexistência, com o uso do argumento de autoridade na citação do poeta português Luís Vaz de Camões, utilizada com o fito de fortalecer a outra técnica argumentativa explorada no parágrafo. Nesse contexto linguístico, verifica-se a predominância da técnica de dissociação de noções, a qual consiste na abordagem de incompatibilidades, verificadas por meio da equiparação entre, como no caso em análise, aparência e realidade, constituindo-se numa espécie de aprofundamento do raciocínio. Assim, as palavras do poeta português corroboram a ideia de que a impressão causada pelo funcionamento das escolas era enganosa, não correspondendo à sua situação real.

Com esses recursos argumentativos, implicitamente, o veículo de imprensa citado reafirma que sua atuação poderia contribuir para sanar a “cegueira”, aqui conotativamente empregada segundo os versos camonianos, da qual padecia a população. Dessa forma, a continuidade de “O que é o edificio da instrucção publica estadual” é estruturada com a apresentação de fatos que comprovam o abandono do prédio da citada instituição de ensino. O orador também recorre a questionamentos que podem se constituir argumentos quase-lógicos, já que exploram raciocínio da regra de justiça, ao apontar o tratamento discriminatório concedido a municípios sertanejos, ainda que estes honrem os tributos que lhes são devidos.

Nessa perspectiva, ainda que o orador aponte o governo estadual como seu auditório particular, citando-o em dois trechos do texto, percebe-se seu intento em descortinar a realidade da educação pública para um auditório universal, do qual faziam parte aqueles que não distinguiam o real das “aparências da imaginação”. O orador ainda empreende esforço argumentativo para consolidar sua imagem de meio de comunicação comprometido com as causas sociais locais, ao se assumir porta-voz dos interesses da cidade, quando conclui o texto declarando: “Que a voz de Petrolina, echoando nas

columnas do ‘O Pharol’, chegue aos ouvidos do dr. Governador do Estado e do dr. Secretario da Instrução, para os quaes fazemos o presente apello”.

Da análise do editorial “O que é o edificio da instrução publica estadoal”, depreende-se que, em relação à identificação da tese, do auditório e do contexto da produção, a reafirmação da missão do jornal suscita a adesão do público, conferindo ao periódico credibilidade para abordar um assunto importante para a sociedade local e de competência dos governantes, que se constituem seu auditório particular. O orador também conquista a confiança do auditório ao tratar de um tema que emerge como demanda do contexto histórico, social e ideológico do início do século XX, numa cidade pequena do sertão pernambucano.

Quanto às técnicas argumentativas, observa-se a utilização de argumentos baseados na estrutura do real como técnica central, com a relação de sucessão e a ligação de coexistência, também sendo explorados o argumento quase-lógico da regra de justiça e da dissociação de noções, como técnicas de apoio. Quanto à relação entre os elementos do processo argumentativo: teses, técnicas e imagem do orador, percebe-se que o emprego das técnicas argumentativas baseadas na estrutura do real, principalmente relações de sucessão, e da dissociação de noções contribuiu para a consolidação da imagem de “O Pharol” como um periódico com uma missão de iluminar os caminhos do desenvolvimento da cidade.

Nota-se que a integração de todos esses elementos do processo argumentativo decorre do fato de as técnicas se constituírem fundamento para a tese principal apresentada, concernente ao compromisso do jornal para com o anúncio da verdade dos fatos, sendo essa afirmação uma estratégia de construção de uma imagem positiva do próprio orador. Sendo assim, as relações de sucessão possibilitam estabelecer um nexo causal entre essa imagem do jornal e a abordagem de assuntos de relevância social, no âmbito educacional. Além de essas estratégias explicitarem o vínculo entre a função social do periódico e sua atuação para denunciar a ausência de investimentos no setor educacional, evidenciam a importância desse papel por ele desempenhado na tomada de consciência para a real condição do prédio da instrução pública estadual, o que revela a associação das técnicas de relações de sucessão à de dissociação de noções para a consolidação da imagem ética do periódico e obtenção da adesão do seu auditório.

2.2 Análise argumentativa de “A eterna crise dos transportes e a E.F. Petrolina – Therezina”

Por sua vez, publicado em 12 de outubro de 1937, com o título “A eterna crise dos transportes e a E.F. Petrolina – Therezina”, o editorial do jornal “O Pharol” se inicia pela tese principal referente aos prejuízos causados pela inexistência de meios de transporte, conforme se observa no excerto abaixo.

Excerto 4:

“O commercio e as indústrias em nosso meio continuam seriamente prejudicados nos seus mais altos interesses pela falta, cada vez mais premente, de meios de transporte.”

A partir dessa declaração, o orador passa a apontar situações que corroboram a tese principal do texto, referente à questão dos transportes, a qual contemplava uma das principais reivindicações da cidade de Petrolina – PE, no início do século XX. Tal demanda se justificava em virtude de a escassez de estradas consolidar a dependência econômica dessa urbe em relação ao Estado da Bahia, além de essa ausência de estrutura para o transporte se constituir um entrave à prosperidade do município pernambucano. Dessa forma, vê-se que a definição da tese decorre da necessidade de um posicionamento dos cidadãos petrolinenses, no contexto histórico da década de 1930, em face da omissão dos agentes públicos na destinação de recursos que libertassem a cidade do isolamento a que estava vinculada. Além disso, conforme se observa mais adiante nesta análise, a formulação dessa tese se coaduna com a imagem que o periódico edificou de si mesmo.

Sobre as técnicas da argumentação usadas, o orador faz prevalecer raciocínios quase-lógicos, conforme é possível observar no excerto seguinte.

Excerto 5:

“Os productos, depositados nos armazens á espera de locomoção para os centros commerciaes perdem, consequentemente, o seu valor em virtude da dificuldade de conducção, o que redundo, quasi sempre, em prejuízo do produtor e do comerciante – ambos ligados pelas mesmas relações econômico-financeiras.”

Os argumentos quase-lógicos, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) são aqueles que possuem uma aparência lógica, sem a pretensão de um rigor matemático. Integrando essa categoria, o argumento probabilístico pode ser expresso por sintagma que

se vincula à ideia de bom senso, conforme se depreende do raciocínio acerca dos prejuízos alcançados por elementos afetados pela ausência de uma estrutura para os transportes. Acrescente-se que, no excerto acima, também se verifica a ocorrência de argumento baseado na estrutura do real, do tipo relação de sucessão, no qual se estabelece vínculo entre causas e consequências, quando o orador alude aos efeitos negativos gerados pela dificuldade de condução, a exemplo da depreciação do valor dos produtos.

Em outro segmento do texto, o orador prossegue no seu intento de captar a adesão do auditório, fazendo uso de outro argumento quase-lógico, localizado no excerto abaixo.

Excerto 6:

“Ponto inicial da Estrada de Ferro Petrolina – Therezina, **deveria esta praça se achar bem servida em materia de transporte, acellerando mais vantajosamente as suas relações commerciaes ao menos, com os centros productores do interior do Piauhy.** Por certo assim pensarão os que ignoram a lamentavel situação dessa ferrovia. **A verdade, porém, é que apesar do grande empenho dos seus administradores junto aos poderes competentes do paiz, a Petrolina-Therezina está numa situação material lastimável (...)**”

Nesse fragmento, observa-se a utilização do argumento quase-lógico da incompatibilidade, o qual resulta, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), de uma proposição inicialmente apresentada que é negada posteriormente. No segmento acima transcrito, vê-se que a condição esperada para a estrutura dos transportes de um entreposto comercial não se confirma para os que conhecem a situação da ferrovia. Implicitamente, com esse recurso da técnica da incompatibilidade, enfatiza-se a importância do acesso à informação para a consciência da realidade, nesse caso, concedida pelo periódico que assumia seu compromisso para com a verdade dos fatos.

A eleição do tema abordado no texto, o qual é enfatizado na tese principal, bem como a opção pelas técnicas argumentativas da incompatibilidade, do argumento probabilístico e das relações de sucessão, harmonizam-se com a ratificação da missão assumida pelo jornal. Mesmo após mais de 20 anos de fundação, a referência à imagem do orador atua argumentativamente na busca da adesão às teses formuladas por “O Pharol”, conforme se observa no excerto seguinte.

Excerto 7:

“**E é compreendendo a nossa missão de imprensa e zelando pelo bem estar e progresso da região em que surgimos, para defesa de seus altos interesses, que, encerrando esta nota, lançamos um veemente apello aos actuaes detentores da alta administração publica para que, patrioticamente, ponham termo á crise do transporte (...)**”

Da análise do editorial “A eterna crise dos transportes e a E.F. Petrolina – Therezina”, conclui-se que, em relação à identificação da tese, do auditório e da conjuntura da produção, o jornal supracitado revela-se atento às questões de interesse do seu contexto histórico e social, emitindo posicionamentos coerentes com os anseios de seu público-leitor. Ainda que o editorial seja finalizado com um apelo dirigido aos líderes governamentais, depreende-se que a seleção do tema, a definição da tese e a escolha dos argumentos são determinadas em função dos que, em sua maioria, compunham os anunciantes, patrocinadores e leitores desse periódico, ou seja, dos comerciantes da cidade. Pode-se fundamentar essa inferência acerca dos integrantes do auditório particular desse texto, no uso recorrente de palavras com radical relativo a “comércio”, no editorial em análise.

Quanto às técnicas argumentativas utilizadas, percebe-se a eleição de raciocínios quase-lógicos como técnica central, a exemplo do argumento probabilístico e da incompatibilidade, eficazes na abordagem de assunto que requer um trato mais racional. Como técnica de apoio, também se detectou a utilização de argumento baseado na estrutura do real, do tipo relação de sucessão, no qual se estabelece vínculo entre causas e consequências. No que concerne à relação entre os elementos do processo argumentativo: teses, técnicas e imagem do orador, percebe-se que, ao longo do texto analisado, é possível identificar a adoção de uma atitude de coerência para com a missão assumida por “O Pharol” perante a sociedade petrolinense desde o início de sua publicação. Ao optar pela abordagem de uma questão de relevância social, a construção das estradas que, de fato, concederia a emancipação da urbe, e ao fazer uso de técnicas argumentativas eficazes para o alcance de seus propósitos, o orador consolida sua imagem de veículo da imprensa sério e engajado na luta pela estruturação necessária ao desenvolvimento local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Norteando-se pelo objetivo geral deste estudo, concernente a analisar estratégias argumentativas utilizadas pelo jornal “O Pharol”, na construção de sua imagem de veículo da imprensa a serviço dos interesses do povo, do progresso de Petrolina – PE, podem ser formuladas algumas explicações, apresentadas em seguida.

A partir da análise do acervo digital de “O Pharol” e dos textos integrantes do *corpus* do presente artigo, depreende-se que o citado jornal se utilizava da reafirmação de sua missão de contribuir para o desenvolvimento de Petrolina – PE e de seu compromisso ético com a verdade dos fatos como estratégia para conquistar a adesão do auditório a suas teses. Esse compromisso e essa missão definiram os contornos da imagem que o citado periódico assumiu perante o seu auditório particular, majoritariamente integrado por cidadãos que não só desenvolviam atividades comerciais e inseriam-se na minoria alfabetizada, como também eram afetados pelos problemas de uma cidade sertaneja, assolada pelas intempéries do clima, isolada da capital pernambucana e alijada dos investimentos públicos.

Assim, o citado jornal assumiu sua posição nos debates locais, elaborando suas teses que, em algumas vezes, consistiam na reafirmação da sua imagem de veículo de imprensa a serviço das causas coletivas, a exemplo do que se verifica na tese principal identificada no editorial “O que é o edifício da instrução publica estadual”, a qual corresponde a: “A nossa missão de jornalistas incumbe-nos de proclamar a verdade dos factos e das cousas, apontando-os ao público.” Esse posicionamento justificou a eleição de tema de relevância social, sobretudo para seu auditório particular, como a educação. Em outros textos, as teses consistiam no posicionamento do jornal em relação aos problemas e temas locais, a exemplo dos efeitos negativos na economia local causados pela insuficiente estrutura viária da cidade, as quais convergiam para a reiteração da função social do periódico, na conclusão do texto, conforme se observou na análise do editorial “A eterna crise dos transportes e a E.F. Petrolina – Therezina”, cuja tese é “O commercio e as indústrias em nosso meio continuam seriamente prejudicados nos seus mais altos interesses pela falta, cada vez mais premente, de meios de transporte”.

Considerando o objetivo específico deste estudo, identificar técnicas argumentativas empregadas em dois textos de “O Pharol”, nos quais se observa a construção da imagem desse periódico como um jornal comprometido com o progresso de Petrolina – PE e com cumprimento ético de seu dever, observou-se que o orador recorria a diferentes técnicas, utilizando-se de argumentos quase-lógicos e baseados na estrutura do real, além da dissociação de noções. Foi possível constatar uma maior frequência dos argumentos que se baseiam nas ligações existentes entre elementos integrantes da realidade, como entre fenômenos e suas causas e conseqüências. Também

recorrente, mas com menor incidência, os argumentos probabilísticos e da incompatibilidade evidenciaram a importância do acesso à informação para uma melhor apreensão da realidade.

Sendo assim, a recorrência a argumentos baseados na estrutura do real pode ser explicada com o intento do periódico em evidenciar as ligações, a indissociabilidade dos fatores que compunham o contexto histórico e social do qual fazia parte, ao passo que os argumentos quase-lógicos explorados se mostraram eficazes por sua aparente racionalidade, vinculada aos veículos da imprensa. Além disso, as técnicas argumentativas empregadas contribuíram para a consolidação da imagem positiva do jornal, sendo esta uma das principais estratégias utilizadas para a adesão do auditório às teses defendidas.

Por fim, tendo em vista o objetivo geral deste trabalho, considera-se que os distintos procedimentos argumentativos foram manejados simultaneamente para o êxito das intenções comunicativas do orador, que teve uma atuação decisiva na transformação pela qual o Vale do São Francisco passou. Em outras palavras, a referência constante a si mesmo como um veículo de imprensa norteado pela missão de revelar o caminho para o desenvolvimento, explorada não apenas como traço distintivo do seu caráter, mas como argumento eficaz à adesão a seus posicionamentos; a eleição de temas em conformidade com as demandas históricas e sociais; a adoção de posicionamentos convergentes para os valores e anseios de seu público-leitor e a utilização de técnicas eficazes ao alcance de seus propósitos, configuram-se como estratégias argumentativas, que consolidaram a sua imagem de orador, edificada no e pelo discurso, além de tornarem exitosas as interações de “O Pharol”, uma vez observadas em Petrolina – PE, ao longo do século XX, diversas intervenções que se constituíram respostas aos problemas por ele apontados.

Dessa forma, as análises apresentadas pelo presente artigo podem se tornar profícuas para estudantes e docentes, por evidenciarem não só a importância da argumentação para a participação em debates decisivos da história, quer denunciando realidades injustas, quer anunciando novas possibilidades de existir, mas, sobretudo, por ressaltar a interação de todos os elementos que integram a cena discursiva: orador e auditório, teses e técnicas argumentativas.

Referências

- ARISTÓTELES [384-322 a. C.]. *Retórica*. Prefácio, tradução e notas: Manuel Alexandre Júnior. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2005.
- CAVALCANTI, Nomeriana; CÔRREA, Jean. *O Pharol: tempo, imagem e memória*. Trabalho de Conclusão de Curso. Comunicação Social: Jornalismo em Multimeios. Universidade do Estado da Bahia, 2008. CD-Rom.
- COSTA, Rosa Leite da. *Pau dos Ferros – RN em processos argumentativos de discursos fundantes: da gênese à evolução de um município*. 2020. 367 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Pau dos Ferros, 2020.
- FIORIN, José Luiz. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- O PHAROL. Petrolina, ano III, n. 23, 10 mar. 1918. Disponível em: <https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.
- O PHAROL. Petrolina, ano XXIII, n. 6, 12 out. 1937. Disponível em: <https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.
- O PHAROL. Petrolina, ano 5, n. 19, 8 fev. 1920. Disponível em: <https://opharolwebsite.wixsite.com/acervo>. Acesso em: 02 de dezembro de 2021.
- PERELMAN, Chaim. *O império retórico*. Retórica e Argumentação. Porto: Editora Asa, 1999.
- PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- SOUZA, Gilton Sampaio et al. As técnicas argumentativas em diferentes esferas da comunicação: proposta de análise em textos jornalísticos, lítero-musicais, jurídicos e acadêmicos. *ReVEL*, edição especial, v. 14, n. 12, p. 142-164, 2016.

Recebido em: 09/02/2022

Aceito em: 14/06/2022

O professor como inimigo: análise discursiva sobre disputas em torno da “ideologia de gênero” na escola

Marcela Rodrigues Santosⁱ

Ezequiel Martins Ferreiraⁱⁱ

RESUMO

Este texto busca compreender como os discursos em torno da “ideologia de gênero” constroem a figura do professor. Para tanto, empreende-se uma análise de caráter discursivo, baseada nos pressupostos da teoria bakhtiniana, sobretudo acerca das noções de dialogismo e polêmica. De modo a sistematizar essa análise, utiliza-se a proposta metodológica de Costa-Hüber (2017), inspirada em Bakhtin, que visa compreender a disposição dos elementos verbais e extraverbais que constituem os textos-enunciados. O material empírico analisado é uma matéria publicada no Jornal Cidade Online, em fevereiro de 2022. A partir da discussão e análise, conclui-se que a figura do professor ocupa, no imaginário social, o lugar de potencial inimigo, que precisa estar sempre sob vigilância. Entende-se que tal construção corresponde a um discurso mais amplo sobre a valorização negativa do professor.

Palavras-chave: ideologia de gênero; discurso; professor; Bakhtin.

ABSTRACT

This text seeks to understand how the discourses around “gender ideology” build the figure of the teacher. To this end, an analysis of a discursive nature is undertaken, based on the presuppositions of Bakhtin’s theory, especially on the notions of dialogism and controversy. In order to systematize this analysis, Costa Hüber’s (2017) methodological proposal is used, inspired by Bakhtin, which aims to understand the disposition of the verbal and extraverbal elements that constitute the uttered texts. The empirical material analyzed is an article published in Jornal Cidade Online, in February 2022. From the discussion and analysis, it is concluded that the figure of the teacher occupies, in the social

ⁱ Mestranda em Educação (UEG). Possui Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Brasileira de Cultura e Educação (2018) e Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas pela Faculdade Araguaia-GO (2012), licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2007) e graduação em Pedagogia, na modalidade de licenciatura plena pela Fundação Antares de Ensino Superior - FAESPE (2012). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6575-5058> | E-mail: proflppt@gmail.com

ⁱⁱ Doutorando em Performances Culturais (UFG). Possui Bacharelado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2011), Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz (2016), Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Goiás (2019) e mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás (2015). Atualmente é professor da Secretaria Municipal de Educação de Goiânia, pesquisador da Universidade Federal de Goiás e psicólogo clínico - Psicologia Clínica. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5468-6579> | E-mail: empgica@gmail.com

imaginary, the place of a potential enemy, who must always be under control. surveillance. It is understood that such construction corresponds to a broader discourse on the negative valuation of the teacher.

Keywords: gender ideology; discourse; teacher, Bakhtin.

INTRODUÇÃO

É possível perceber ao longo dos últimos anos um aumento progressivo do uso do termo “ideologia de gênero” nas discussões políticas no tocante aos campos religioso e educacional. No entanto, essas mesmas discussões aludem a uma concepção de “ideologia de gênero” que se faz discrepante dos próprios conceitos envolvidos na construção do termo, mascarando-se por uma representação dominante que atua em prol de impedir “o avanço de discussões relativas à educação sexual, à liberdade de expressão de identidade, assim como impedir o combate à intolerância quanto a LGBTfobia nos ambientes sociais, como a escola” (SANTOS; FERREIRA, 2022, p. 37).

Partindo dessa concepção em que a “ideologia de gênero” se propõe como um empecilho para a proliferação de discussões necessárias para o desenvolvimento humano saudável, essa pesquisa se pauta no questionamento quanto ao cerceamento do professor enquanto um articulador de questões básicas e primordiais na construção de educandos como cidadãos conscientes de seus direitos e deveres frente à sociedade no mundo contemporâneo.

Para tanto, delimita-se como objeto de estudo desta análise a construção do docente enquanto ator central na relação ensino-aprendizagem, já que é na figura do professor que se concentram vários anseios e projeções, por ele figurar como elo na relação entre alunos e conteúdos e entre escola e família. O objetivo geral do trabalho é, portanto, compreender como os discursos sobre “ideologia de gênero” constroem a figura do professor. Como objetivos específicos se pode elencar: a) contextualizar a noção de “ideologia de gênero”; b) verificar os sentidos que constroem a figura do professor no discurso do material jornalístico analisado; e c) identificar a relação entre as estratégias discursivas utilizadas e a valoração moral em torno da figura do professor.

O referencial teórico-metodológico é construído com base nos pressupostos de Mikhail Bakhtin e nas contribuições para a filosofia da linguagem propostas pelo Círculo

de Bakhtin – termo como ficou consagrado o grupo de teóricos que se organizava em torno do teórico russo. Os conceitos de dialogismo e polêmica são os que, de forma precípua, orientam a análise do material empírico. Privilegia-se, de tal modo, o estudo da linguagem, considerando que é através dela que temos acesso às formas como os sujeitos concebem a si e ao outro e também como elaboram suas visões de mundo.

Segundo Bakhtin (2003), os textos devem ser o ponto de partida de uma pesquisa em Ciências Humanas, já que é na forma de texto que os pensamentos, sentidos e significados são apresentados ao pesquisador. Dessa forma, o objeto de análise será composto por uma matéria publicada em fevereiro de 2022 pelo Jornal Cidade Online, um veículo midiático vinculado a pautas conservadoras e de alinhamento direto ao espectro político mais reacionário e de extrema-direita. Essa matéria será descrita e interpretada a partir de conceitos oriundos da obra bakhtiniana, sobretudo a partir de uma sistematização proposta por Costa-Hüber (2017). Metodologicamente, portanto, segue-se uma análise de caráter discursivo.

A “ideologia de gênero” tem sido um tema de pesquisa de diferentes áreas de estudo, sobretudo nos últimos anos, o que possivelmente converge com os avanços de políticos de extrema-direita ocupando cargos executivos no Brasil e na América Latina de maneira geral. Estudos como os mencionados anteriormente e que são referenciados neste artigo integram um rol de pesquisas que se dedicam a entender como tem se constituído essa cruzada moral contra a “ideologia de gênero”. Salienta-se que uma análise de caráter discursivo pode ajudar a entender outros aspectos dessa cruzada, sobretudo quando a perspectiva considera a forma como os discursos são historicamente construídos e situados. Por isso, justifica-se também a pesquisa deste trabalho nessa vertente. Embora seja um artigo ainda exploratório e inicial, acredita-se que ele possa contribuir para pensar nas estratégias de construção desse discurso e, mais especificamente para o campo da educação, refletir sobre como a figura do professor acaba sendo central nessa cruzada, embora seja colocada em um lugar de intensa disputa e sob constante vigilância.

O artigo está estruturado em duas partes, para além destas considerações introdutórias e das considerações finais. Na sequência, apresentam-se alguns pressupostos teórico-metodológicos baseados na obra bakhtiniana, que ajudam a

interpretação dos dados. Logo segue a análise da matéria jornalística, enquanto um exercício de interpretação de um material no qual o professor está no centro da disputa.

ORIENTAÇÕES DA TEORIA BAKHTINIANA

Ao privilegiar o *ser falante* na elaboração de suas teorias, Bakhtin (2003) oferece um aparato conceitual para refletirmos a alteridade que constitui as relações sociais. De tal modo, uma análise que segue essa perspectiva toma como ponto de partida textos-enunciados de uma maneira mais ampla e complexa, “olhando para sujeito(s) que, em determinado momento sócio-histórico e ideológico, ancora(m) sua intenção enunciativa, validando, assim, o projeto de dizer” (COSTA-HÜBES, 2017, p. 553). Nesse tipo de análise, não se considera apenas a manifestação verbal realizada pelo sujeito, mas também o contexto extraverbal de enunciação, que incide nos modos como o dizível é elaborado.

A palavra não é um objeto, mas um meio constantemente ativo, constantemente mutável de comunicação dialógica. Ela nunca basta a uma consciência, a uma voz. Sua vida está na passagem de boca em boca, de um contexto para outro, de um grupo social para outro, de uma geração para outra. Nesse processo ela não perde o seu caminho nem pode libertar-se até o fim do poder daqueles contextos concretos que integrou. (BAKHTIN, 2005, p. 203)

Isso significa prestar atenção no contexto que envolve o sujeito e o discurso por ele elaborado – isto é, considerar a importância do lugar, do momento histórico de produção discursiva dos interlocutores a quem o discurso é destinado, a intencionalidade e motivações, os interesses e valores em jogo (COSTA-HÜBES, 2017). Cereja (2010, p. 204) lembra que na perspectiva bakhtiniana, “palavra é indissociável do discurso; palavra é discurso. Mas palavra também é história, é ideologia, é luta social, já que ela é a síntese das práticas discursivas historicamente construídas”.

Um conceito bakhtiniano que explica essas relações é o dialogismo. Para o Círculo de Bakhtin, interessava pensar a linguagem porque é através dela que o real se apresenta – de modo semiótico, ou seja, pela mediação da linguagem (FIORIN, 2016). Nessas relações, entende-se que todo enunciado é dialógico, possui essas propriedades, independentemente de sua dimensão. Fiorin (2016, p. 22) explica: “todo discurso é inevitavelmente ocupado, atravessado, pelo discurso alheio. O dialogismo são as relações

de sentido que se estabelecem entre dois enunciados.” Para Bakhtin (2003, p. 400), “toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos”.

Assim, revelam-se duas características da teoria bakhtiniana: a importância de considerar que os discursos são produzidos histórica e socialmente, a partir de contextos específicos, e que essa produção discursiva está também submetida a uma relação dialógica, que corresponde aos modos de elaboração e apropriação e a inscrição dos sujeitos na própria tessitura discursiva. Esses aspectos são interessantes para pensar o material a ser analisado e compreender a elaboração desse tema que é a “ideologia de gênero”. O tema é aqui utilizado também no sentido dado por essa teoria, para a qual o tema tem a ver com o processo de enunciação localizado, considerando tanto o processo de produção quanto de circulação e recepção (CEREJA, 2010).

Então, para entender a “ideologia de gênero” enquanto um tema é preciso considerar os elementos verbais e extraverbais de construção do discurso. Nesse sentido, importa pensar de modo mais amplo essa construção, entendendo que a significação está relacionada a uma dimensão social. Certamente, esse sistema de significação não é fixo, mas mutável e flexível e até mesmo renovável (CEREJA, 2010), a depender das relações estabelecidas nos processos de circulação discursiva.

Quando se observa e se analisa um discurso inscrito em alguma discussão pública polêmica, é necessário olhar com mais apuro para o modo como esse discurso se relaciona com outros discursos que o antecedem para compreender como certos significados se cristalizaram. “Como demonstra Bakhtin, precisamente os significados comuns, públicos, fixados pela tradição, são os que mais se prestam a permanecer implícitos, mediados, escondidos, remotos, secundários, inconscientes” (PONZIO, 2008, p. 98).

Bakhtin (2005) também trabalha a noção de polêmica, especialmente a ideia de polêmica velada. Para o autor, a polêmica velada se refere aos modos como o enunciador imprime um tom valorativo – mesmo que seja de modo não tão explícito – ao objeto de discurso. Constrói-se uma relação axiológica, em camadas, já que o objeto já vem investido de outros atributos axiológicos. Por isso, a polêmica constrói-se através de relação dialógica (FRANCELINO, 2021). E, como mostra a análise a seguir, há um caráter de polêmica na matéria analisada, sobretudo porque ela tergiversa sobre o necessário respeito a pessoas dissidentes, enquanto reforça através de determinadas estratégias discursivas a ideia de que o professor não pode tocar em assuntos que não

estejam estritamente no currículo – assuntos, claro, que correspondem a gênero e sexualidade.

Cabe ainda destacar que o pesquisador, enquanto sujeito histórico, analisa a realidade também desde o seu lugar social e, nesse sentido, as interpretações estão perpassadas por suas experiências, valores e ideologias (COSTA-HÜBER, 2017). Isso demanda uma vigilância epistemológica constante, não para assegurar uma falsa objetividade ou neutralidade, mas sim para que o próprio pesquisador entenda esse seu lugar e o modo como suas compreensões do objeto são atravessadas por sua subjetividade.

Enquanto metodologia, seguem-se as orientações da teoria bakhtiniana para a leitura do material empírico. Esse objeto, como já dito, corresponde a uma matéria jornalística publicada no *Jornal Cidade Online* em fevereiro de 2022.

Para sistematizar a análise realizada, recorre-se às orientações de Costa-Hüber (2017), que auxiliam a compreensão de um texto-enunciado a partir da teoria bakhtiniana. Como a autora destaca, Voloshinov/Bakhtin (2009) estabelece três categorias analíticas para a interpretação de um enunciado: a) horizonte espacial e temporal, que corresponde ao lugar e ao momento da enunciação; b) horizonte temático, relativo ao conteúdo, daquilo que se fala; e c) horizonte axiológico, que diz respeito à atitude valorativa que os participantes do discurso têm em relação ao objeto de discurso. Essas três categorias estão relacionadas ao contexto extraverbal, isto é, a uma dimensão social da produção discursiva.

Além dessas categorias, Costa-Hüber (2017) ainda chama a atenção para os elementos verbais que constituem o discurso. Bakhtin (2003) definiu três desses elementos que podem ser considerados para essa análise. O primeiro deles é o conteúdo temático, ou tema da enunciação, que corresponde ao objeto do discurso e ao modo como esse objeto é elaborado a partir dos condicionantes sociais. O segundo elemento é o estilo, que refere aos “recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais (em enunciados verbais); ou cores, figuras, imagens, tamanho das letras etc. (em gêneros multimodais), selecionados pelo autor do texto-enunciado em função do que dizer, para quem, quando, onde, por que” (COSTA-HÜBER, 2017, p. 561). Por fim, há a construção composicional, que se relaciona com os elementos que organizam estruturalmente o enunciado e, portanto, refere-se principalmente ao gênero de discurso específico.

Essas categorias indicam uma orientação metodológica que auxilia a pensar o objeto em análise. Na seção seguinte, analisa-se uma matéria veiculada em um veículo jornalístico digital, a fim de compreender, a partir dessa peça, como o tema da “ideologia de gênero” é elaborado.

O QUE (NÃO) PODE UM PROFESSOR ENSINAR?

O material analisado neste texto é uma matéria publicada no dia 23 de fevereiro de 2022 pelo site Jornal da Cidade Online (JCO).ⁱ Reconhecido pela disseminação de informações enganosas ou distorcidas, como já demonstrado (DIAS; MACHADO, 2022), o JCO é um veículo que segue uma posição ideológica conservadora, cujas matérias e artigos de opinião comumente estão alinhados aos interesses de grupos políticos de extrema-direita. Entretanto, esse alinhamento ideológico não é anunciado na seção Institucional, parte dedicada a contar o histórico do veículo e a sua missão.ⁱⁱ Como *slogan*, o JCO apresenta a frase: “Um jornal consciente não abre mão do seu direito de crítica”. Há, portanto, uma demarcação de que o veículo possui um caráter opinativo.

A matéria mencionada traz como título “Professor é flagrado ‘ensinando’ ideologia de gênero em sala de aula (veja o vídeo)”. Um primeiro elemento que chama a atenção no enunciado são as aspas na palavra “ensinando”. Aspas são sinais gráficos que funcionam como destaque ou para demarcar uma citação no texto. Certamente, um professor ensina, é a função principal de seu ofício. Então, pode-se compreender que o uso das aspas, nesse caso, demarca uma ironia, afinal, o professor estaria falando sobre um tema que não deveria, algo interdito para o ambiente escolar e, portanto, não configura um “ensino”, nos termos do enunciador da manchete. Esse sentido é reforçado pelo termo “flagrado”, o que denota que o professor foi surpreendido fazendo algo (errado).

Além disso, é interessante perceber a utilização da expressão “(veja o vídeo)”, uma operação enunciativa que indica ao leitor a existência de uma materialidade que comprova o que o enunciado afirma. Materiais audiovisuais e fotográficos costumam ser âncoras importantes nas matérias jornalísticas, já que constituem um registro visual que materializa o que o texto descreve (DIAS; MACHADO, 2022). Ao inserir essa

informação na manchete, de modo imperativo, busca-se capturar a atenção do leitor, indicando a existência do vídeo flagrante.

O título da matéria demonstra uma característica apontada pela teoria bakhtiniana acerca da heterogeneidade dos enunciados. Todo enunciado revela duas posições: “a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói” (FIORIN, 2016, p. 26). Percebe-se, assim, como o enunciado é elaborado a partir de uma ideia concebida e compartilhada do que é um professor, de qual a sua função, do conteúdo que deve ou não ser ensinado e do espaço da sala de aula sendo (in)apropriado para determinada função.

O texto inicia com a citação de um *tweet* postado por Bia Kicis, deputada federal pelo Distrito Federal. O *tweet* havia sido publicado dois dias antes da matéria ser veiculada. Ele diz: “Há muito que a escola deixou de ser um lugar seguro para nossos filhos. Olha que LIXO de aula. Por isso o Homeschooling (ensino domiciliar) e o movimento #EscolaSemPartido são tão combatidos pela esquerda”. O *tweet* ainda tinha um vídeo agregado, filmado por algum aluno durante a aula em que um professor explicava as distinções entre transgeneridade e cisgeneridade.

O texto do *tweet* projeta uma relação entre passado e presente ao indicar que a escola, antes um lugar seguro para os estudantes, já não o é. A categoria temporal é aqui importante, principalmente porque o sujeito do discurso fala desde um lugar no qual é possível observar uma transformação, que é valorada como negativa. Ou seja, a escola é um lugar perigoso – “para nossos filhos”, demarca o enunciator, em uma estratégia que inclusive aproxima o interlocutor ao indicar que os seus filhos estão em perigo.

Na sequência, uma sentença imperativa (“olha”) que chama a atenção para o vídeo agregado, classificando a aula gravada como um “LIXO” – palavra grafada em letras maiúsculas, sinalização que tanto destaca quanto potencializa os sentidos que orbitam em torno desse termo. Antes de ver o vídeo, o interlocutor já recebe a informação de que não verá algo agradável, porquanto a palavra “lixo” qualifica o material como uma coisa que não presta.

Logo, indicam-se termos em oposição: de um lado, o ensino domiciliar e o movimento Escola Sem Partido; de outro, a esquerda. Se todo o discurso se constrói em um campo de embates e é indissociável da história e das lutas sociais (CEREJA, 2010), é importante pensar de que modo essas palavras se relacionam entre si e evocam sentidos que circulam nesse campo de disputas discursivas.

O Escola Sem Partido é um movimento que tem como objetivo combater o que seus integrantes entendem como uma doutrinação que estaria ocorrendo nas escolas e universidades brasileiras – doutrinação esta que concerne, ainda segundo o movimento, com o ensino do “marxismo cultural” e da “ideologia de gênero”. O ensino domiciliar acaba surgindo enquanto pauta de debate no âmbito político justamente por configurar uma possível solução para que as crianças e jovens não sejam doutrinados: isto é, transferir o local de ensino para a casa e relegar a função aos pais ou conceder a estes maior domínio sobre a situação do ensino e da aprendizagem.

O ensino domiciliar é uma pauta defendida por políticos conservadores, o que fica evidente quando o enunciado diz que “a esquerda” combate tal pauta. Nesse sentido, atrela-se o que é chamado de “ideologia de gênero” à esquerda – termo este relativamente amplo e que serve, no material analisado, para definir o “outro”, tudo aquilo que é diferente do “eu” enunciador. Lembremos de que na concepção bakhtiniana o eu se constitui a partir do(s) outro(s), tanto de modo positivo quanto negativo (SOBRAL; GIACOMELLI, 2020). No caso em tela, assinala-se um outro (“a esquerda”) que é tudo aquilo que se afasta do enunciador, convergindo aí em um campo axiológico de repulsa.

Após reproduzir o texto do *tweet* e inserir uma imagem de captura de tela do *tweet*, inicia-se o texto da matéria – composto por seis parágrafos curtos. O primeiro parágrafo introduz que um vídeo gravado por um estudante em sala de aula chamou a atenção, porque o “professor” (no texto, grafado entre aspas, novamente como estratégia de ironia) ensina gênero. O segundo parágrafo apresenta o elemento contraditório: “Porém, não exatamente sobre os gêneros masculino e feminino, ou seja *o biológico, como determina a ciência*, mas sobre a ideologia de gênero (também chamado de identidade de gênero)” (grifo nosso).

Na teoria bakhtiniana, a polêmica é construída dialogicamente, isto é, a partir do contato conflitivo entre discursos controversos e que evocam um conjunto de textos que constituem o embate (FRANCELINO, 2021). No trecho destacado, o enunciador assinala que, a princípio, não haveria problemas de ensinar gênero, desde que seja “o biológico”. Como forma de corroborar que tal perspectiva é a correta, segue a explicação “como determina a ciência”. Ou seja, ancora-se o argumento em uma autoridade científica, embora a concepção de gênero na contemporaneidade não atenda exclusivamente às determinações do sexo biológico.

O enunciado contrapõe “ciência”, que deveria ser ensinada, e “ideologia de gênero”, o que se julga que o professor estava ensinando. Embora o termo “ideologia” seja vasto e possa referir diferentes concepções, a depender de seus usos e apropriações, na noção “ideologia de gênero” esse termo remete diretamente à ideia de uma doutrinação, já que ideologia, nesse sentido, refere um conjunto de ideias cuja adesão é forçada. De tal modo, qualquer tema que concerne a gênero e sexualidade entraria no escopo dessa propalada “ideologia de gênero”. Vale notar que há ainda uma confusão que equipara “ideologia de gênero” com “identidade de gênero”.

O texto da matéria prossegue:

Na aula, ele explica o que são homens e mulheres trans, cisgenero, heterossexuais, homossexuais *e etc*, o que *deve ser respeitado, mas que não consta em currículo escolar*. Assim, muitas vezes, os pais estão mandando seus filhos para a escola, mas *não sabem exatamente* o que eles estão recebendo do lado de dentro, além de matemática, língua portuguesa, ciências, geografia, história e outras *matérias importantes* para o estudante. (grifos nossos)

As informações sobre do que se trata a aula do professor são lançadas sem uma necessária explicação, apenas sugeridas por palavras que remetem a gênero e sexualidade. O uso do termo “etc.”, aliás, indica que não há preocupação em explicar esses termos, mesmo que esse seja o papel de um veículo de comunicação. O enunciado assinala que “homens e mulheres trans, cisgenero, heterossexuais, homossexuais e etc” devem ser respeitados, mas que tais conteúdos não constam no currículo. Logo, não deveriam ser ensinados. A conjunção adversativa “mas” funciona de modo a renegar o que foi dito anteriormente, já que o enunciado se orienta pela norma representada pelo currículo. Qualquer desvio, nesse sentido, é rechaçado.

É por isso que algumas disciplinas são elencadas como sendo as “matérias importantes” para os estudantes, como se discussões de gênero e sexualidade não pudessem ser debatidas em sala de aula em qualquer uma dessas matérias. Nesse parágrafo é inserido um elemento do pânico moral que ronda as discussões sobre a “ideologia de gênero” (MISKOLCI, 2018), quando se menciona que os pais mandam os filhos para a escola sem saber o que nela é exatamente ensinado.

O texto finaliza assim:

Nas imagens não se sabe quem é o professor ou em qual escola ou cidade a aula foi gravada, *mas é claro que os alunos ainda são bem jovens e, muito*

provavelmente, sequer estão no ensino médio. Não se trata de preconceito, mas de tratar alguns temas com as pessoas certas, no momento certo e, principalmente, no lugar correto, sob risco de transformar um local desenvolvido para ensinar em um espaço de doutrinação. (grifos nossos)

A identificação do professor é desconhecida, embora ela tenha tido sua imagem exposta nas redes digitais a partir de uma gravação provavelmente realizada sem a sua permissão. Não se identifica nem a escola, nem a cidade onde ocorrera a situação, mas o texto enuncia que os alunos são jovens, presumindo que tenham menos de 15 anos, já que não estariam sequer cursando o ensino médio. Esse trecho é importante porque assinala quem é a possível “vítima”: a criança sob ameaça, da qual Balieiro (2018) já falava em seu texto. A ameaça toma forma na figura do professor, construído então como um inimigo por ensinar algo que não deveria.

Como Dias e Machado (2022) afirmam, não é a ameaça que cria o pânico em torno da “ideologia de gênero”, mas o contrário: é o pânico e o medo que criam essa ameaça, esse inimigo. A matéria jornalística é exemplar nesse sentido, já que constitui parte da construção desse medo, que ajuda a criar o inimigo. No campo axiológico, novamente retomando Bakhtin, há uma valoração negativa desse inimigo, que representa tudo que é necessário rejeitar. Na lógica dos combatentes da “ideologia de gênero”, são esses valores agregados à figura do professor desviante à norma que autorizam a sua exposição pública e perseguição.

O final da matéria mais uma vez reforça que “não se trata de preconceito”, estratégia discursiva que tenta afastar a discussão do campo dos direitos humanos. O texto insiste que a questão está no “lugar” e no “momento” em que tais discussões são levantadas – afinal, a escola não seria esse lugar e tampouco os estudantes jovens estariam no momento de aprender isso. Um sentido que atravessa o texto, portanto, é o da necessidade de proteção dessas crianças/jovens de professores doutrinadores.

Constrói-se, assim, uma polêmica. Nos termos da teoria bakhtiniana, a polêmica corresponde aos modos como o enunciador

[...] imprime um tom valorativo a um determinado objeto de discurso que já se encontra valorado por outra instância axiológica, um outro julgamento de valor acerca daquilo que se enuncia, revestido de outros acentos apreciativos. Há, nesse caso, um discurso em que se ouvem duas vozes, com matizes entonacionais valorativos diferentes. (FRANCELINO, 2021, p. 207)

Um último aspecto curioso é que o texto não é assinado. O autor, portanto, fica atrelado à imagem do JCO. No entanto, seguindo Bakhtin, compreende-se que um discurso é sempre povoado de vozes, remetendo de maneira dialógica a textos anteriores e demarcando diferentes posições enunciativas. Esse embate que constitui a polêmica anunciada se revela na relação entre aqueles que combatem a “ideologia de gênero” e a “esquerda”, da qual faz parte, por associação, o professor que ensina gênero e sexualidade em sua aula.

A fim de sistematizar a análise aqui empreendida e também compreender melhor a maneira como se estrutura o discurso analisado na matéria jornalística, recorre-se à proposta metodológica de Costa-Hüber (2017), já mencionada, que se apropria das teorias bakhtinianas. Nesse sentido, o quadro abaixo apresenta como é possível fazer uma leitura das dimensões verbal e extraverbal da matéria analisada.

Quadro 1 – Elementos de constituição do texto-enunciado em análise

Dimensão extraverbal	
Horizonte espacial e temporal	O texto foi produzido em fevereiro de 2022, no Brasil, e publicado pelo Jornal Cidade Online na internet. Portanto, sua circulação se deu nos ambientes digitais. Não há autoria identificada, mas cabe salientar que a matéria jornalística é baseada em uma postagem publicada na plataforma Twitter pela deputada federal Bia Kicis. Inscreve-se ainda um outro discurso, que é o vídeo gravado por um aluno, produzido no contexto de sala de aula, sem autoria definida, tampouco tempo e local.
Horizonte temático	A matéria trata da “ideologia de gênero” no contexto escolar. Parte de uma situação empírica: a gravação de um trecho de uma aula em que um professor ensina sobre identidade de gênero e orientação sexual. A finalidade do texto é informativa, visto que se trata de um veículo de informação, embora o texto se configure como uma peça cujo objetivo é alertar os pais de que os filhos podem ser alvos de doutrinação.

<p>Horizonte axiológico / interlocutores</p>	<p>Não há identificação do autor da matéria, portanto a autoria cabe à redação do jornal. Considera-se que o jornalismo detém legitimidade para tratar de temas públicos de debate. O jornal, cujo posicionamento político se situa no espectro político de direita, produz o texto enunciado para um leitor imaginado e que corresponde ao público conservador. Esse texto específico propõe como interlocutor os pais e mães, mencionando em alguns momentos esse direcionamento. A atitude valorativa central dos participantes é compartilhar a ideia de que a escola é um lugar potencialmente perigoso e que os professores podem atuar como inimigos.</p>
<p>Dimensão verbal</p>	
<p>Conteúdo temático</p>	<p>A “ideologia de gênero” é o conteúdo temático do texto. O autor se coloca contrário à ideia de que temas ligados a gênero e sexualidade devam ser debatidos/ensinados em sala de aula. É possível identificar um conteúdo de caráter conservador e reacionário, que parte de uma situação empírica específica (o vídeo de um professor falando sobre gênero em aula na escola) para defender que essa “ideologia” estaria se espalhando enquanto ameaça aos estudantes, submetidos à doutrinação. Não há abertura diante à alteridade, já que o texto mostra um fechamento a temáticas que, ao fim, dizem respeito a direitos de determinadas populações.</p>
<p>Construção composicional</p>	<p>O texto está escrito no gênero notícia, embora seja notável que a redação tem um caráter mais opinativo. Como a notícia é escrita de modo mais objetivo, percebe-se o quanto o texto se utiliza de uma linguagem jornalística para construir um texto de defesa a uma ideia.</p>
<p>Estilo</p>	<p>O estilo emula uma matéria jornalística escrita no presente como tempo verbal, embora utilize construções opinativas. É notável a utilização da conjunção adversativa “mas”, por costume empregada quando se</p>

	indica um pensamento contrário a algum direito, o que mostra a contradição entre dizer que respeita e ao mesmo tempo rejeitar a diferença.
--	--

Fonte: elaborado pela autora com base em Costa-Hüber (2017)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho era compreender como os discursos sobre “ideologia de gênero” constroem a figura do professor. A ideia partiu das inúmeras problematizações das famílias sobre o que pode o professor discutir ou não em sala de aula, enquanto coordenadora pedagógica, receber essas reclamações se tornou cada vez mais comum. Dessa forma, é possível perceber que as disputas em torno da “ideologia de gênero” se dão de modo acentuado no campo da Educação. Logo, julgou-se necessário investigar a forma como esse discurso construía semiótica e linguisticamente o docente, que é o elo entre os alunos e os conteúdos e também entre a escola e as famílias.

Buscou-se, assim, fazer uma contextualização sobre a noção de “ideologia de gênero”. Percebeu-se como essas disputas, embora de caráter transnacional, têm se acentuado no Brasil, principalmente na última década, em decorrência de um conjunto de fatores e articulações que configuram uma cruzada moral. O termo, é preciso pontuar, é utilizado de modo pejorativo por pessoas e grupos que classificam os estudos e políticas de gênero e sexualidade como uma ideologia – esta palavra é utilizada muito atrelada à ideia de doutrinação. A escola, nessa perspectiva, seria um lugar propício para essa doutrinação e, logo, precisa estar sob constante vigilância.

A doutrinação da “ideologia de gênero” se daria através dos professores e, por isso, seria preciso cuidar e criar mecanismos para coagir essas situações. É o que demonstra o material analisado. Essa coação ocorre em diferentes níveis – a própria matéria baseia-se no *tweet* de uma deputada federal, o que mostra o modo como essa discussão perpassa diferentes espaços e constitui uma disputa política e moral central na configuração atual do país.

A sistematização analítica a partir das teorias de Bakhtin ajudam a refletir sobre como esses discursos em torno da “ideologia de gênero” convergem em outros discursos em circulação e cristalizados historicamente, que tem a ver com a base patriarcal,

machista e homotransfóbica que constitui as relações sociais no Brasil. A resposta dada aqui é ainda inicial, já que este artigo configura uma pesquisa exploratória. Diante de tal limitação, indica-se que para o desenvolvimento da pesquisa seria necessário analisar um conjunto maior de materiais que pudessem mostrar como esse discurso tem sido construído sobre a figura do professor, bem como esse discurso contra os docentes acerca da doutrinação também converge com outros discursos que colocam o professor como uma figura não apenas inimiga como também não-trabalhadora. Esses discursos têm circulado com maior força nos últimos anos e caberia, como proposta de desenvolvimento de pesquisa, pensar nessas relações entre os textos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

BALIEIRO, Fernando Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, 2018.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 201-220.

COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. A pesquisa em Ciências Humanas sob um viés bakhtiniano. *Revista Pesquisa Qualitativa*, São Paulo, v. 5, n. 9, p. 552-568, dez. 2017.

DIAS, Marlon Santa Maria; MACHADO, Alisson. “Queimem a bruxa”: operações midiáticas na cruzada moral contra a ideologia de gênero no Brasil. *E-compós*, Brasília, v. 25, jan./dez. 2022, p. 1-20.

FIORIN, José Luiz. O dialogismo. In: FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 21-65.

FRANCELINO, Pedro Farias. No(s) (des/re)encontro(s) das vozes, a construção dialógica da polêmica em enunciados de temática político-religiosa. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 200-220, abr./jun. 2021.

MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, 2018.

PONZIO, Augusto. Signo e sentido em Bakhtin. In: PONZIO, Augusto. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 89-100.

SANTOS, Marcela; FERREIRA, Ezequiel. Afinal, o que é ideologia de gênero? In FERREIRA, Ezequiel (org.). *Gênero e sexualidade: lugares, história e condições* 3. Ponta Grossa - PR: Editora Atena, 2022, p. 36-41.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Corpo, palavra, sujeitos: quando a constituição do eu pelo outro é cruel. In: CRISTÓVÃO, Assunção; BUBNOVA, Tatiana; RICHARTZ, Terezinha (org.). *Corpo, tempo e espaço*. Franca: Unifran, 2020, p. 15-35.

VOLOCHINOV, Valentin/BAKHTIN; Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.

Recebido em: 06/09/2022

Aceito em: 21/10/2022

ⁱ Disponível em: <https://bit.ly/3OCxzoA>. Acesso em: 21 jun. 2022.

ⁱⁱ O Jornal da Cidade foi criado em 1978 e circulou por duas décadas como semanário em Campo Grande (MS). Em 2007, retornou às atividades no formato eletrônico e tem hoje a sua sede no Rio Grande do Sul. Informações disponíveis em: <https://www.jornaldacidadeonline.com.br/paginas/institucional>. Acesso em: 21 jun. 2022.

As pupilas da ditadura: a metáfora conceptual como estratégia de articulação de ideologia nos discursos políticos de Salazar e Caetano

Victor Gil Mazzoleni Reisⁱ

RESUMO

Neste artigo, procuramos verificar como as metáforas conceptuais empregadas em dois discursos políticos (1947 e 1969) dos chefes do Estado Novo Português (1933-1974), António Salazar e Marcelo Caetano, representam estratégias persuasivas e de manipulação ideológica. Considerando a função semântico-discursiva da metáfora, a análise foi realizada à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 2002), a partir do método de identificação do domínio alvo para o mapeamento da metáfora. Os resultados apontam para a presença de metáforas com força persuasiva de cunho ideológico, como a luta contra o comunismo, o combate à emigração e a manutenção dos valores morais, reafirmando seu uso como estratégia de manipulação.

Palavras-chave: Metáfora Conceptual; Manipulação Ideológica; Estado Novo Português.

ABSTRACT

In this article, we aimed to verify how the conceptual metaphors used in two political speeches (1947 and 1969), made by the heads of the Portuguese Estado Novo (“Portuguese Dictatorship”, 1933-1974) António Salazar and Marcelo Caetano, represent strategies of persuasion and ideological manipulation. Considering the semantic-discursive function of metaphors, the analysis was held in the light of Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF & JOHNSON, 2002), using the target-domain method for the mapping of metaphor. The results portray the presence of metaphors with ideological persuasive force, such as fighting communism, emigration control policies, and maintenance of moral values, reaffirming its use as a manipulative strategy.

Keywords: Conceptual Metaphor; Ideological Manipulation; Portuguese *Estado Novo*.

ⁱ Mestrando em Letras, na especialidade Linguística, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Literaturas em Língua Inglesa pelas Faculdades São Luís. Licenciado em Letras Português/Inglês pelas Faculdades Integradas Campo-Grandenses - FIC / FEUC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8528-1491> | victormazzoleni@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O discurso político tem como objetivo imprimir uma ideologia, persuadir e incitar ações. Para isso, o enunciador, ao manipular a língua para atender aos seus interesses comunicativos, faz uso de estratégias argumentativas e recursos linguísticos capazes de gerar efeitos persuasivos (CHARTERIS-BLACK, 2013; SOARES, 2015). A metáfora é concebida como uma figura de pensamento, um produto da cognição coletiva e socioculturalmente situada, e que constitui uma poderosa estratégia conceptual e discursiva na veiculação de textos de caráter emocional, moral e ideológico (LAKOFF e JOHNSON, 2002).

A ideologia, conjunto de ideias e crenças defendidas por um grupo social, possui uma natureza manipuladora, uma vez que contribui para manter ou alterar relações de poder. Sua articulação no discurso político, por exemplo, aliada ao uso de elementos retóricos, é frequentemente realizada através da metáfora conceptual, recurso que visa auxiliar no direcionamento dos processos de categorização e perspectivação operados pelo público, facilitando, assim, a manipulação e a persuasão (SOARES, 2015; KOLLER, 2014; VAN DIJK, 2006). Logo, o estudo da metáfora conceptual torna-se de grande importância para elucidar as intenções dos articuladores políticos e os efeitos esperados, integrando o escopo dos estudos em Linguística Cognitiva Aplicada (SALIÉS, 2020).

Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo analisar as metáforas de cunho ideológico presentes em dois discursos dos dirigentes do Estado Novo em Portugal (regime ditatorial, 1933-1974), à luz da Teoria da Metáfora Conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (2002). Logo, procuramos responder à seguinte pergunta de pesquisa: de que modo as metáforas conceptuais contribuíram para a disseminação de ideologias nos discursos políticos de António Salazar e Marcelo Caetano, durante o regime ditatorial português?

Nesse sentido, este artigo, inicialmente, oferece um breve panorama acerca do estudo da metáfora, tanto como figura de linguagem quanto figura de pensamento, e dos contextos histórico e social de Portugal durante o Estado Novo. Em relação à abordagem metodológica, esta pesquisa, de caráter qualitativo, compreendeu as seguintes etapas: (a) seleção e transcrição do *corpus* (discursos); (b) identificação

manual das metáforas conceptuais de cunho ideológico; (c) interpretação das metáforas (Teoria da Metáfora Conceptual); e (d) análise do uso da metáfora como estratégia persuasiva no discurso político.

Dentre os inúmeros discursos proferidos pelos chefes do Estado Novo durante os 40 anos de governo, selecionamos dois que apresentam características do seu auge (final da década de 1940) e o início do seu declínio (final dos anos 60). Assim, no primeiro discurso, apresentado na Assembleia Nacional de Lisboa em novembro de 1947, Salazar aponta o caráter sórdido do movimento comunista, prejudicial à manutenção do seu governo ditatorial, e o enfraquecimento político europeu no período posterior à Segunda Guerra (1939-1945). O segundo discurso, gravado por Marcelo Caetano, sucessor de Salazar, para exibição em programa televisivo em abril de 1969, versa sobre a questão da emigração portuguesa em massa, a adoção de medidas de revitalização das zonas rurais e o estímulo ao exercício do dever moral do cidadão (zelar pelo bem-estar social). Isto posto, iremos verificar como as metáforas conceptuais articuladas nos dois discursos selecionados compreendem profícuas estratégias argumentativas na disseminação dos ideais da ditadura salazarista.

1. A METÁFORA COMO ESTRATÉGIA PERSUASIVA NO DISCURSO POLÍTICO

Os estudos acerca da metáfora sofreram modificações ao longo dos séculos. Partindo de uma perspectiva aristotélica, a metáfora era definida como uma figura de estilo, característica da linguagem literária. Com o uso centrado no léxico, essa visão tradicional da metáfora, essencialmente figurativa, compreende o transporte de sentido de um vocábulo para outro, o que possibilita dizer que cada palavra possui um sentido literal (denotativo), que, por ser pré-determinado, não leva em consideração os diferentes contextos relacionados às práticas sociais. Nessa visão, portanto, a metáfora não apresenta uma relação direta entre palavra, conceito e realidade, sendo apenas um desvio do sentido de determinada palavra (FREITAS, 2015; FERRÃO, 2008).

Posteriormente, o ano de 1980 marcou uma mudança significativa no estudo da metáfora, a partir da publicação de *Metaphors we live by*, por Lakoff e Johnson. Esta

obra considera a metáfora como figura de pensamento - e não mais de linguagem -, ou seja, um modelo cognitivo recorrente que direciona a compreensão humana sobre o mundo (FREITAS, 2015). Lakoff e Johnson apresentam em seu estudo inúmeros exemplos do uso da metáfora em situações cotidianas, não apenas no âmbito da linguagem, mas também no pensamento e na ação. Diante disso, Ferrari (2020) aponta que os autores propuseram a Teoria da Metáfora Conceptual, um dos objetos de estudo das Ciências Cognitivas, que viria a romper com o modelo de metáfora como elemento artístico da linguagem literária.

Lakoff e Johnson (2002) sublinham que a linguagem é estruturada metaforicamente e que a metáfora conceptual consiste em um componente de um inconsciente cognitivo coletivo que se realiza no discurso através de metáforas linguísticas (licenciamento). Assim, a metáfora conceptual é um esquema responsável pela projeção (ou mapeamento) de um domínio de experiência mais concreto (domínio fonte) em termos de outro mais abstrato (domínio alvo), com base nas práticas sociais e de interação, e que constitui um meio de conhecimento e compreensão do mundo.

Os autores supracitados agrupam as metáforas conceptuais em três categorias, estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas estruturais são aquelas em que um conceito é estruturado em relação a outro devido a atributos em comum, como em TEMPO É DINHEIRO. As metáforas orientacionais, por outro lado, organizam um sistema de conceitos em relação a outro, estabelecendo uma orientação espacial, como observado em FELIZ É PARA CIMA. Por último, as metáforas ontológicas permitem que eventos, emoções e atividades sejam conceptualizados como entidades e substâncias, a julgar pelo exemplo INFLAÇÃO É ENTIDADE. Quando inseridas no discurso, segundo o modelo teórico da semântica cognitiva (LAKOFF e JOHNSON, 2002) e vinculadas a um contexto sociocultural, as metáforas reforçam um ponto de vista e criam diferentes realidades.

As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode assim ser um guia para ações futuras. Essas ações, é claro, irão adequar - se à metáfora. Isso, por sua vez, reforçará o poder da metáfora de tornar a experiência coerente. Nesse sentido, as metáforas podem ser profecias auto-suficientes (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 257)

O estudo da metáfora conceptual, consoante Soares (2015), não pode ser dissociado do contexto sociocultural e da interação discursiva, fatores estes não abordados no pioneiro trabalho de Lakoff e Johnson, que conferia uma série de exemplos cotidianos, porém descontextualizados, da metáfora. A abordagem contextualizada da metáfora conceptual, discursivamente construída e socioculturalmente situada, permite investigar como essas figuras de pensamento constituem poderosas estratégias discursivas e de persuasão para veicular propósitos morais, ideológicos e políticos.

Assim, Martin (2014) salienta que esses propósitos requerem a tomada de decisões em contextos distintos, fazendo com que o enunciador escolha argumentos favoráveis a fim de persuadir o público com quem dialoga. Uma das maneiras mais eficazes de persuasão dá-se através da palavra, posicionando o discurso como elemento central na articulação de ideologias. Essa finalidade da metáfora, como elemento persuasivo, pode ser observada (e mapeada) no discurso político, por exemplo, frequentemente marcado pela exposição e manipulação de ideologias e por suscitar o público a realizar determinada ação (CHARTERIS-BLACK, 2013). Dessa forma, a metáfora, quando articulada de forma a atender aos interesses do enunciador, pode gerar diferentes efeitos no público, como a aceitação e refutação de ideologias.

No tocante ao significado do vocábulo “ideologia”, Van Dijk (2006) a define como um conjunto de ideias e crenças defendidas por um grupo de pessoas, que conduz a uma representação mental do mundo, com o intuito de mobilizar os indivíduos de uma sociedade a adotar determinada postura e a agir. Devido à sua natureza manipuladora, uma vez que contribui para manter ou alterar relações de poder, a ideologia articula os elementos retóricos persuasivos, o *ethos* (credibilidade), o *pathos* (emoção) e o *logos* (razão), para construir um discurso que atenda às necessidades de determinado grupo social (SOARES, 2015; CHARTERIS-BLACK, 2011). Nesse sentido, a ideologia é compreendida a partir de uma perspectiva que integra a cognição, a sociedade e o discurso, refletindo a sua função cognitiva na representação de ideias, a sua função social ao lidar com imposições, e o seu aspecto discursivo associado à linguagem. A respeito da função cognitiva da ideologia, Koller (2014) pontua que o processo de categorização também é promovido pela ideologia, ao permitir que pessoas e ideias sejam classificadas e agrupadas a partir de características próprias. Assim, a ideologia

age diretamente nas operações de *construal* (LANGACKER, 2008), revelando, através do discurso, novas formas de perspectivar uma situação.

A natureza do discurso político está na confluência entre linguagem e ação, componentes de troca social, uma vez que “todo ato de linguagem é um agir sobre o outro” (CHARAUDEAU, 2006, p. 253). Assim, por se tratar de um gênero que aborda questões sociais inerentes a contextos culturais específicos, o discurso político pode ser analisado, no tocante ao estudo da linguagem, sob diferentes vertentes teóricas e metodológicas, como a Análise do Discurso, a Linguística Cognitiva Aplicada, e, ao focar no uso da metáfora como estratégia argumentativa, a Teoria da Metáfora Conceptual (FREITAS, 2015).

A metáfora, portanto, quando articulada no discurso político, parece ser um recurso linguístico-discursivo de grande relevância para a persuasão, corroborando com as suas finalidades descritas por Charteris-Black (2013), dentre as quais destacamos a retórica, a simplificação de assuntos para facilitar a compreensão por parte do público, a emoção e a articulação ideológica, ao impor uma visão de mundo particular. Nesse sentido, a análise da metáfora conceptual é uma importante ferramenta na identificação de ideologias e intenções do interlocutor e dos seus efeitos persuasivos para com o público.

2. O ESTADO NOVO EM PORTUGAL E OS DISCURSOS DOS CHEFES DE ESTADO

A década de 1920 foi palco de grandes mudanças políticas e sociais para Portugal advindas dos eventos anteriores, como a destituição do regime monárquico, e consequente implantação da Primeira República Portuguesa (1910), e os efeitos gerados pela eclosão da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Esse cenário contribuiu para a disseminação de um pensamento e discurso autoritários, culminando no Golpe Militar de 28 de maio de 1926, que instaurou um regime ditatorial no país. Em 1928, o professor António de Oliveira Salazar assumiu o cargo de chefe do Ministério das Finanças e, em 1933, tornou-se presidente do Conselho dos Ministros, cargo equivalente ao de chefe de Estado. Com isso, deu-se início no país à ditadura conhecida como Estado Novo (1933-1974) (MARQUES, 2016).

A primeira década da ditadura salazarista, como ficou popularmente conhecido o Estado Novo em Portugal, de inclinação fascista, foi marcada pelo conservadorismo e pela adoção de políticas que assegurassem os interesses da Igreja Católica e das elites locais. Ademais, um sentimento nacionalista era constantemente propagado como forma de minimizar rebeliões. A imprensa portuguesa foi controlada pelo Secretariado de Propaganda Nacional (SNP), criado em 1933, responsável pelos serviços de censura e pela divulgação em massa do projeto cultural de governo, a restauração dos valores morais e o amor à pátria. Para tanto, o SNP organizava eventos públicos que resgatavam elementos folclóricos e episódios da história de Portugal para propagar os ideais de manutenção da moral e da fé e a fidelidade ao país (MARTINHO, 2007).

Sobre o governo de António Salazar, Rampinelli (2014) afirma que o ditador escolhia criteriosamente os seus ministros e mantinha Portugal à margem da industrialização, evitando, assim, a ascensão da classe operária e a consequente luta de classes. O regime fascista perdurou por quase 40 anos de governo, devido à manutenção do colonialismo em África, uma vez que os produtos obtidos no ultramar favoreciam o comércio das elites. Zelar pela ordem social a qualquer custo e lutar contra o avanço do movimento comunista eram as principais preocupações do Estado Novo, o que impulsionou a criação, em 1945, da Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), cuja função era perseguir, prender e torturar para interrogar qualquer indivíduo considerado contrário ao regime (LIMA, 2019).

Uma das estratégias que Salazar utilizou para governar até o ano de 1968, quando precisou ser afastado por motivos de saúde, foi o discurso político. Todos os seus pronunciamentos em público eram cuidadosamente redigidos de modo a oferecer um panorama do cenário socioeconômico vigente e incitar os portugueses a se orgulhar da pátria lusitana (MENÉNDEZ, 2006). Assim, seus discursos apelavam para os valores morais, para a honestidade e integridade das famílias cristãs, valores estes dispersos durante o longo período de instabilidade política do regime anterior (Primeira República, 1910-1926).

Mesmo com o afastamento de Salazar em 1968, o regime ditatorial português foi mantido, liderado pelo novo chefe de Estado Marcelo Caetano. Seu governo, diferentemente dos planos do seu antecessor, foi marcado pelo avanço do movimento progressista, que reivindicava a industrialização do país e a revitalização das zonas

rurais, cuja produção entrara em declínio no início da ditadura devido ao constante fluxo migratório da população portuguesa. O historiador Victor Pereira, em sua obra dedicada à emigração portuguesa durante o Estado Novo, pontua que, diante desse cenário, Caetano evocou o assunto da emigração com certa regularidade, demonstrando defender as mudanças propostas pelos modernizadores e acreditando que a única solução para frear esse movimento seria aumentar o nível de vida dos portugueses, incentivando a sua permanência no país e, para os que partiram, o seu próspero retorno (PEREIRA, 2014).

Pereira (2014) afirma ainda que Caetano também se valeu do discurso persuasivo como ferramenta de manutenção dos valores morais e do incentivo ao investimento interno para a prosperidade de Portugal. O ditador não só discursava em eventos públicos, como também gravava seus textos para serem transmitidos no habitual programa televisivo *Conversa em Família* (1969-1974). Os assuntos frequentemente abordados no programa versavam sobre os acontecimentos recentes em Portugal e no continente europeu, as demandas econômicas e a necessidade de ajudar o país a se reerguer como potência mundial.

Insatisfeita com o governo de Caetano, a população portuguesa obteve ajuda do Movimento das Forças Armadas que, em 25 de abril de 1974, pôs fim ao Estado Novo, instaurando um regime democrático no país, permitindo a sua modernização, garantindo a liberdade política e impulsionando os movimentos de independência das colônias em África. Esse episódio, conhecido como Revolução dos Cravos, reflete a demanda por justiça e liberdade política e econômica, permitindo o avanço do capitalismo. Sobre esse cenário de intensas mudanças sociais, Lima (2019) reflete que:

A democracia era o resultado do fim do império. Ela era o oposto da ditadura fascista. Como a superestrutura política era o entrave à outra forma de expansão das relações de produção capitalistas, fosse ela dependente da Europa ou de transição socialista, a democracia seria a força que derrubaria o império colonial como um todo. (p. 160)

3. A METÁFORA CONCEPTUAL COMO ELEMENTO PROPAGADOR DE IDEOLOGIAS: PROCEDIMENTOS E ANÁLISE

Considerando o papel da metáfora conceptual como elemento persuasivo na articulação de ideologias no discurso político, escolhemos analisar, pelo viés da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), proposta por Lakoff e Johnson (2002), trechos de discursos proferidos pelos chefes do Estado Novo português António Salazar e Marcelo Caetano. Nesse sentido, a presente pesquisa segue a abordagem qualitativa, pois procura compreender e explicar fenômenos sociais a partir de análises de experiências sociais documentadas (PAIVA, 2019) e se enquadra no escopo da Linguística Cognitiva Aplicada (LCA), que tem como característica o diálogo interdisciplinar como catalisador para a compreensão das questões sociais (SALIÉS, 2020). Este tema de pesquisa foi escolhido visando a contribuir com estudos acerca da metáfora conceptual no discurso político, em especial nos elaborados durante o Estado Novo em Portugal, ainda pouco estudados sob esta abordagem (TMC).

Em contextos políticos, por exemplo, a LCA vai analisar as estratégias argumentativas articuladas pelos enunciadores e os seus efeitos na sociedade. A análise da metáfora, estratégia frequentemente presente nos discursos políticos devido a suas múltiplas finalidades (CHARTERIS-BLACK, 2013), permite descortinar as motivações e crenças do enunciador e os possíveis desdobramentos ideológicos e morais. Desse modo, fazer LCA, como defendido por Saliés (2020), é entender como, através do discurso, pontos de vista, crenças, ideologias e valores morais são concebidos e perspectivados (*construal*).

Os procedimentos metodológicos adotados compreendem as seguintes etapas: (a) seleção e transcrição do *corpus*; (b) identificação manual das metáforas conceptuais relacionadas à articulação de valores ideológicos e morais; (c) mapeamento e a interpretação das metáforas, explicitando os domínios fonte e alvo, à luz da TMC; e (d) análise do emprego dessa estratégia argumentativa como elemento de persuasão no discurso político.

O *corpus* de análise compreendeu quatro trechos de dois discursos proferidos pelos ditadores que ilustram a articulação ideológica com o objetivo de sustentar uma ideia, gerar comoção e zelar pela manutenção dos valores morais. Os dois primeiros

excertos foram selecionados do discurso de Salazar proferido na Assembleia Nacional de Lisboa, em 25 de novembro de 1947, e os dois trechos seguintes foram retirados do discurso televisivo de Caetano, originalmente exibido no programa *Conversa em Família*, em 08 de abril de 1969. Neste recorte temporal, podemos observar dois momentos do regime ditatorial, o seu auge na década de 1940, sustentado principalmente pela posição de neutralidade assumida por Portugal durante a Segunda Guerra Mundial, o que favorecia o discurso de que o governo mantinha a “nação unida e inquebrantável”, e, por outro lado, o seu declínio no final dos anos 60, marcado pelo desgaste de anos de opressão e tentativas infrutíferas de modernização.

Este discurso de Salazar compreende diferentes assuntos de ordem política, que vão desde um panorama sobre o cenário português (e europeu) após as mazelas da Segunda Guerra, até a propagação de um ideal anticomunista. Segundo Pereira (2014), o comunismo era enfatizado nos discursos do ditador como um movimento prejudicial à estrutura familiar e, conseqüentemente, à nação. Dessa forma, o presidente firmava o seu governo como viável e próspero, garantindo a segurança e o bem-estar da população.

No que diz respeito ao uso de metáforas conceptuais, que fazem parte do comportamento humano e são geradas a partir das nossas experiências socioculturais, no referido discurso de Salazar, selecionamos as expressões metafóricas que imprimem uma ideologia anticomunista, como retratado a seguir (grifos nossos).

(1) Este modo de proceder não pode deixar de significar ou que se considera o comunismo tão legítimo como outro qualquer programa partidário e apto à realização do interesse nacional ou que se espera torná-lo inofensivo num regime de absoluta liberdade política. Todos, aliás, temos ouvido dizer que os grandes **remédios** contra a **doença comunista** são: na Europa, a democracia e o socialismo; na América, a liberdade e o bem-estar geral. (SALAZAR, 2012, p. 5)

(2) O resultado da última guerra e a decisiva intervenção norte-americana, com o apoio de todo o hemisfério ocidental, tiveram como efeito deslocar para oeste, como já várias vezes tenho notado, **o centro de gravidade da política mundial** [...] Será necessário alguma coisa de decidido e construtivo, se a Europa não quer **demitir-sua posição**: embora **diminuída na relatividade das coisas**, é ainda capaz de partilhar com o continente americano, filho do Ocidente e felizmente solidário com ele, as maiores responsabilidades. (SALAZAR, 2012, p. 3-4)

No excerto (1), destacamos as expressões metafóricas “remédios” e “doença comunista” para análise. Na primeira expressão, o vocábulo “remédios” (domínio fonte)

parece ter sido conceptualizado como “armas contra uma ameaça” (domínio alvo), formando a metáfora REMÉDIOS SÃO ARMAS. Nesse caso, os remédios, explicitados em seguida como formas de governo e valores morais (democracia, socialismo, liberdade, bem-estar geral), são armas que defendem a nação portuguesa do avanço da ideologia comunista. Nesse sentido, o comunismo (domínio fonte), no segundo grifo, parece ter sido conceptualizado, através de clara adjetivação, como doença (domínio alvo), que possibilita que a metáfora seja mapeada como COMUNISMO É DOENÇA. Segundo a classificação de Lakoff e Johnson (2002), ambas as metáforas são estruturais, pois apresentam um conceito sendo estruturado a partir de outro.

Através da imposição dessa ideologia, Salazar procurava garantir que o povo português tivesse medo do comunismo e, conseqüentemente, adotasse uma postura de total alienação política, diferentemente do que ocorria com os portugueses que conseguiam emigrar para demais países europeus e tinham contato com outros ideais políticos. Ressaltamos, como mostra Rampinelli (2014), o repúdio do governo salazarista ao comunismo, contando inclusive com o apoio da Igreja Católica na manutenção dessa ideologia. Para as elites locais, apoiadoras do Estado Novo, o comunismo lhes era apresentado como fator decisivo para o fim do colonialismo português, representando um grande prejuízo econômico para a nação.

No segundo excerto (2), no qual a Europa e os Estados Unidos são entidades personificadas, destacamos as expressões “o centro de gravidade da política mundial”, “demitir-se da sua posição” e “diminuída na relatividade das coisas”. Na primeira, o “centro de gravidade da política mundial” (domínio fonte) pode ser conceptualizado como “força centralizadora do poder político” (domínio alvo), resultante da vitória dos Aliados na Segunda Guerra e a conseqüente elevação dos Estados Unidos como potência mundial. Assim, conseguimos mapear a metáfora estrutural FORÇA CENTRALIZADORA É HEGEMONIA POLÍTICA. Logo, os Estados Unidos assumiriam a posição de nação economicamente privilegiada, posto antes ocupado por alguns países europeus, e seu governo neoliberal se tornaria um exemplo de liderança política a ser seguida, o que contrariava os ditames de uma ditadura. Na segunda expressão destacada, o termo “demitir-se da sua posição” (domínio fonte) é conceptualizado como “perda de poder político” (domínio alvo), a partir do qual identificamos a metáfora estrutural DEMISSÃO É ENFRAQUECIMENTO POLÍTICO.

Nesse sentido, o ditador enfatiza a necessidade de a Europa reagir para não deixar de ser um modelo político e econômico a ser seguido.

A terceira expressão assinalada, “diminuída na relatividade das coisas”, assim como sua antecessora, traduz a ideia de que a Europa, novamente personificada, encontra-se enfraquecida política e economicamente, em comparação ao rápido crescimento norte-americano. Podemos, dessa forma, observar que uma orientação espacial é estabelecida, visto que a “perda do controle político” (domínio fonte) é direcionada “para baixo” (domínio alvo), compondo a metáfora orientacional PERDER O CONTROLE É PARA BAIXO.

Embora sofrendo os efeitos esmagadores da guerra, o continente europeu ainda detinha riquezas, inclusive em outros continentes, razão pela qual não poderiam perder a posição de prestígio e a hegemonia política (PEREIRA, 2014). Percebemos, portanto, que, em ambos os trechos, Salazar valeu-se de elementos da retórica aristotélica, *ethos* (credibilidade como governante), *pathos* (apelo emocional ao retratar os assombros do comunismo e por incentivar os portugueses a valorizar sua pátria) e *logos* (apresentação de evidências que comprovam as mudanças no cenário político e econômico mundial), para persuadir o seu público a agir contra o comunismo e a favor da recuperação econômica.

Os excertos (3) e (4) constituem o discurso televisivo de Marcelo Caetano sobre as relações entre Portugal e os Estados Unidos, a preocupação do governo com a questão da emigração em massa e as reestruturações das zonas rurais. Esses excertos escolhidos para análise (grifos nossos) destacam as implicações políticas e sociais da emigração portuguesa (3) e algumas medidas práticas de revitalização das zonas rurais (4), como parte da política de modernização defendida pelos progressistas.

(3) Como todas as coisas, a emigração tem vantagens e inconvenientes. Mas a partir de certo limite, os inconvenientes serão maiores do que os benefícios. Não podemos deixar-nos **sangrareternamente**. [...] Se tivermos uma agricultura mais rica, associada à indústria e produzindo para grandes mercados, poderá haver trabalho mais constante e melhores salários, previdência e assistência eficazes para os trabalhadores. (CAETANO, 2022, 06’57’’ - 07’50’’)

(4) A valorização da província portuguesa e a promoção das populações rurais deve ser obra de todos, e não apenas do governo. Não quero omitir a referência a tantos devotados funcionários que sabem fazer de seus cargos **instrumentos da ação útil e oportuna**. [...] Ainda há por essa província

médicos com espírito do João Semana. (CAETANO, 2022, 10'16'' - 11'12'')

No excerto (3), destacamos a expressão metafórica “sangrar eternamente”. É possível notar que o fluxo migratório (domínio fonte) é conceptualizado como sangue (domínio alvo), sendo que o verbo “sangrar” denota a perda de fluido vital, responsável pelo funcionamento de todo o organismo, que pode ser conceptualizado como a nação portuguesa (em constante declínio populacional). Logo, esta expressão é mapeada pela metáfora estrutural EMIGRAR É SANGRAR.

No excerto (4), as expressões “instrumentos da ação útil e oportuna” e “médicos com espírito do João Semana” são os gatilhos para concepções metafóricas. A primeira, com função predicativa para “cargos”, evoca o ideal de moralidade, visto que alguns funcionários (do governo ou não) exerciam suas funções de maneira útil e oportuna para a sociedade (domínio fonte), ou seja, zelando pelo bem-estar da nação, que vai de encontro ao conceito de moralidade (domínio alvo), entendida como um conjunto de princípios e costumes que prezam pela manutenção do bem-estar social (LAKOFF e JOHNSON, 1999). Temos, então, a metáfora estrutural TRABALHO É MANUTENÇÃO DA MORAL. Esse discurso corrobora as ideologias defendidas durante o regime ditatorial português, marcado pela censura aos veículos de comunicação, perseguição política, favorecimento das elites e manutenção da ordem pública.

O segundo gatilho do excerto (4), “médicos com espírito do João Semana”, faz alusão a um personagem literário do Romantismo português, o médico João Semana, do romance *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867), de Júlio Dinis. Pouco antes de proferir esta sentença, Caetano discursava sobre a importância de alguns profissionais para a sociedade, como os professores, párocos e médicos. Para melhor compreendermos a metáfora, faz-se necessário descrever brevemente a relevância do personagem para a obra. João Semana era um médico octogenário que cuidava da saúde dos moradores de um povoado do interior de Portugal. Avesso aos avanços da medicina, ele empregava técnicas tradicionais que aprendera ainda em sua formação. Extremamente generoso e ético no exercício de suas funções, Semana costumava cavalgar pelas ruas verificando se todos estavam com boa saúde (DINIS, 2008).

A partir desse breve adendo, podemos enxergar no médico da ficção as características que o Estado procurava nos seus profissionais da saúde: apego à tradição, altruísmo para com os habitantes das zonas rurais (prejudicada com a emigração portuguesa em massa) e o gosto pela manutenção da moral. Nesse sentido, o governo pretendia revitalizar as zonas rurais, dirigindo a atenção dos espectadores para essas áreas, principalmente os profissionais de maior necessidade, como os médicos, que, movidos pelo espírito altruísta do João Semana para a solução de problemas (domínio fonte), ajudariam a zelar pela moral (domínio alvo), conter possíveis reivindicações e tentar (re)erguer as regiões mais afetadas pela emigração. Diante disso, mapeamos a metáfora estrutural SOLUCIONAR PROBLEMAS É ZELAR PELA MORAL, que reflete um dos principais ideais do Estado Novo: conter possíveis rebeliões nas zonas rurais (mais afastadas) e revitalizar essas regiões, satisfazendo aos interesses dos agricultores, mantendo-os, assim, favoráveis à manutenção do regime no país.

As metáforas conceptuais presentes no excerto (4), portanto, expressam a necessidade de manutenção dos valores morais. Mesmo não sendo uma categoria de análise deste trabalho, julgamos importante mencionar a vertente do Sistema da Metáfora Moral, proposto por Lakoff e Johnson (1999). Os autores argumentam que os enunciadores políticos costumam articular constantemente em seus discursos os ideais de justiça, liberdade, tolerância e direitos, necessários para o bem-estar social. Como esses conceitos morais são abstratos, eles são estruturados metaforicamente e agrupados em categorias. Uma dessas categorias é a metáfora “moralidade como cuidado”, que traduz a necessidade de zelar pela proteção dos outros indivíduos, como observado no excerto (4).

Todos os quatro excertos dos discursos dos chefes de estado aqui analisados refletem a imposição de uma ideologia (combater o comunismo), que dialoga com a manutenção dos valores morais da sociedade, argumento esse enfatizado durante todo o regime ditatorial em Portugal. A questão do crescente fluxo migratório também era uma preocupação constante do governo, o que prejudicava a reativação das áreas rurais, controlada pela elite campesina, forte apoiadora do regime. Valendo-se de metáforas conceptuais como estratégias argumentativas, Salazar e Caetano buscaram estabelecer confiança e apelar para o emocional nos seus discursos, comparando o comunismo à doença; o sangue, essencial à vida, à emigração; e o exercício das atividades laborais à

moralidade. Essa análise, portanto, ilustrou como a metáfora conceptual pode funcionar como valiosa estratégia argumentativa do discurso político, facilitando a imposição de ideologias, conferindo credibilidade moral aos seus articuladores e gerando efeitos persuasivos no público.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme a literatura resenhada, a metáfora é uma poderosa estratégia conceptual e argumentativa empregada frequentemente no discurso político com o intuito de persuadir. Quando articulada por um enunciador político, principalmente quando este se apoia na retórica aristotélica, a metáfora é capaz de exprimir ideologias e suscitar ações (CHARTERIS-BLACK, 2013; SOARES, 2015). Diante disso, este trabalho procurou analisar as metáforas utilizadas nos discursos de António Salazar e Marcelo Caetano, chefes do Estado Novo português, regime ditatorial (1933-1974) que teve como pilares a manutenção dos valores morais e o apreço pelo país, à luz da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 2002).

Os discursos selecionados para análise contemplaram dois períodos significativos da ditadura em Portugal, o seu auge no final da década de 1940, período pós-Segunda Guerra Mundial, e o seu declínio no final dos anos 60. Os dois dirigentes do período, Salazar e Caetano, tinham como principal preocupação a manutenção da ordem pública e dos valores morais, questões frequentemente elencadas em seus discursos. Assim, o *corpus* desta pesquisa compreendeu um discurso de Salazar, proferido na Assembleia Nacional de Lisboa (novembro de 1947), que criticava ferozmente o comunismo e reconhecia o enfraquecimento político europeu, e um discurso televisivo de Caetano, transmitido originalmente em abril de 1969, que abordava a questão da emigração portuguesa em massa e direcionava a atenção do público para a necessidade de um crescimento interno.

A análise do *corpus* envolveu a identificação e a interpretação das metáforas conceptuais que articulam valores ideológicos, levando em consideração os contextos social e histórico vigentes. As metáforas mapeadas, em sua maioria estruturais, revelam a imposição de uma ideologia anticomunista (COMUNISMO É DOENÇA), necessária

para atender aos interesses do governo e da elite que o apoiava, e de uma ideologia conservadora, que vislumbrava a manutenção dos valores morais (TRABALHO É MANUTENÇÃO DA MORAL) e sociais, como lutar para que a Europa, arrasada com os efeitos da guerra, consiga se reerguer como potência política (DEMISSÃO É ENFRAQUECIMENTO POLÍTICO).

Outra questão conturbada para o regime ditatorial era a emigração, conforme apontado por Pereira (2014), que gerou um despovoamento das regiões rurais e consequente queda de produção da elite campesina. O assunto foi pauta do discurso de Caetano, que imprimia uma ideologia nacionalista ao persuadir o cidadão português a continuar no país (EMIGRAR É SANGRAR) e a contribuir para o seu desenvolvimento (SOLUCIONAR PROBLEMAS É ZELAR PELA MORAL).

Assim, com base na análise do *corpus* selecionado, pudemos ilustrar a natureza persuasiva do discurso político, pois faz uso da linguagem para incitar uma ação, favorecendo os ideais impostos pelos seus enunciadores. Desse modo, e por outras razões, a ditadura em Portugal perdurou por 40 anos, tendo o discurso dos seus dirigentes papel fundamental na disseminação de uma ideologia conservadora e nacionalista, que procurava “zelar” pelo bem-estar social a todo custo.

Esperamos, portanto, que este trabalho contribua com avanços nas pesquisas na área da Linguística Cognitiva Aplicada, em especial no tocante à análise das metáforas conceptuais como estratégias argumentativas para a articulação de ideologias, e nos estudos acerca da ditadura em Portugal sob o viés documental dos discursos dos chefes de Estado, tema este que ainda carece de maiores investigações.

Referências

- CAETANO, M. Conversa em Família: discurso televisivo de 08/04/1969. *RTP Arquivos*, 1 vídeo (20 min.), 2020. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-em-familia-4/>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- CHARAUDEAU, P. O Discurso Político. In: EMEDIATO, W. *et al.* (Orgs.). *Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

CHARTERIS-BLACK, J. *Politicians and Rhetoric: the Persuasive Power of Metaphor*. 2. ed. Basingstoke: Palgrave, 2011.

CHARTERIS-BLACK, J. What is the Purpose of Metaphor in Political Discourse? An Answer from Critical Metaphor Analysis. In: SOARES, A.S.; MARTINS, C.; MAGALHÃES, L.; GONÇALVES, M. (Orgs.). *Comunicação Política e Económica: Dimensões Cognitivas e Discursivas*. Braga: Aletheia, Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, 2013, p. 69-87.

DINIS, Júlio. *As Pupilas do Senhor Reitor*. São Paulo: Martin Claret, 2008.

FERRÃO, M.C. *Teoria da metáfora conceptual: uma breve introdução*. 2008.

Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/242715095_TEORIA_DA_METAFORA_CO_NCEPTUAL_UMA_BREVE_INTRODUCAO. Acesso em: 26 mar. 2022.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1. ed., 4. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

FREITAS, N. L. Uso da metaforicidade como estratégia argumentativa de Luciana Genro em um debate eleitoral televisivo: aspectos sociocognitivos, situados e interacionais. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, 2015.

KOLLER, V. Cognitive Linguistics and Ideology. In: LITTLEMORE, J.; TAYLOR, J.R. (Orgs.), *The Bloomsbury Companion to Cognitive Linguistics*. London: Bloomsbury Publishing, 2014, p. 234-252.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Coord. da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: EDUC, 2002.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.

LIMA, V.S.G. A política repressiva do Estado Novo: as ações da Polícia Internacional de Defesa do Estado/ Direção-Geral de Segurança (PIDE/DGS) através das páginas do Diário de Lisboa (1968-1975). In: PICCOLO, Monica; CHAVES, Leonardo Leal. (Org.). *O Estado ditatorial contemporâneo sob investigação: ações, reações e ocaso*. Covilhã/São Luís: EDUEMA, 2019, v. 1, p. 153-166.

MARTIN, James. *Politics and Rhetoric: a critical introduction*. Londres: Routledge, 2014.

MARTINHO, F.C.P. O pensamento autoritário no Estado Novo português: algumas interpretações. *Revista Locus*, Juiz de Fora, Minas Gerais, v. 13, n. 2, p. 9-30, 2007.

MARQUES, A.H.O. *Brevíssima História de Portugal*. Rio de Janeiro: Tinta-da-China Brasil, 2016.

MENÉNDEZ, F.M. Salazar ou a conquista discursiva do poder. *Veredas*, v. 10, n. 1 e 2, jul. 2006.

PAIVA, V.L.M.O. *Manual de pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola, 2019.

PEREIRA, Victor. *A ditadura de Salazar e a emigração*. Trad.: Maria Irene Bigotte de Carvalho. Lisboa: Círculo de Leitores, 2014.

RAMPINELLI, W.J. Salazar: uma longa ditadura derrotada pelo colonialismo. *Lutas Sociais*, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 119-132, jan./jun. 2014.

SALAZAR, A.O. *Discursos e notas públicas*. Vol. IV: 1949-1950. Coimbra: Coimbra Editora, 2012. Disponível em:

https://www.cvce.eu/content/publication/2008/1/9/09a6b919-8501-4dbd-a1f5-d281ede7eeb7/publishable_pt.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

SALIÉS, T. G. (Org.) *Linguística Cognitiva Aplicada*. Rio de Janeiro: LetraCapital, 2020, p. 7-23.

SOARES, A. da S. Metáfora conceptual e ideologia: o caso do discurso das políticas de austeridade na imprensa portuguesa. *Revista Investigações*, v. 28, n. 2, jul. 2015.

VAN DIJK, T. A. Ideology and discourse analysis. *Journal of Political Ideologies*, n. 11, p. 115-140, 2006.

Recebido em: 24/09/2022

Aceito em: 18/10/2022

Michel Temer e a persuasão no discurso de posse presidencial: um olhar sistêmico-funcional

Aline Andrea Zamboni Milanezⁱ

RESUMO

O objetivo deste artigo, tema de dissertação de mestrado, foi o exame crítico do primeiro discurso de Michel Temer como presidente da República, após um conturbado processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Este estudo se apoiou na Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), que é uma proposta teórico-metodológica que vê a língua como um sistema de significados realizados por meio de opções gramaticais selecionadas pelo usuário da língua. A importância deste trabalho reside na desconstrução textual e reconstrução de significados por trás do discurso e mostra que a persuasão implícita ocorre nas entrelinhas do texto e que, para a sua revelação, é necessário o enfoque das escolhas léxico-gramaticais feitas na microestrutura do texto com o que se encontram na macroestrutura do discurso, cujo entendimento depende do contexto do interlocutor.

Palavras-chave: discurso presidencial; avaliatividade; linguística sistêmico-funcional; persuasão.

ABSTRACT

The purpose of this article, the subject of a master's dissertation, was the critical examination of Michel Temer's first speech as president of the Republic, after a troubled impeachment process of president Dilma Rousseff. This study was based on Systemic-Functional Linguistics (SFL), which is a theoretical-methodological proposal that sees language as a system of meanings realized through grammatical options selected by the language user. The importance of this study lies in the textual deconstruction and reconstruction of meanings behind the discourse, and shows that the implicit persuasion occurs between the lines of the text and that, for its revelation, it is necessary to focus on the lexicogrammatical choices made in the microstructure of the text with the that are found in the macrostructure of the discourse, whose understanding depends on the interlocutor's frame.

Keywords: presidential speech; appraisal; systemic-functional linguistics; persuasion.

ⁱ Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9067-5997> E-mail: alinezmilanez@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na comunicação, seja ela escrita, visual ou oral, há sempre um ato persuasivo, um objetivo a ser alcançado, pois, como já dizia Koch (1987, p.19), “o ato de argumentar, de orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões, constitui o ato linguístico fundamental, pois a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia”.

Os meios utilizados para persuadir, segundo Breton (2003), são extremamente variados, colocando em ação procedimentos complexos que utilizam a riqueza dos comportamentos humanos. Um desses meios é a argumentação, cuja especificidade é acionar um raciocínio em uma situação de comunicação. Nesse contexto, uma condição cognitiva crucial da manipulação é levar os alvos da manipulação (pessoas, grupos, etc.) a acreditar que algumas ações ou políticas visam ao seu próprio interesse, quando, na realidade, elas são do interesse dos manipuladores e seus associados, explica o autor. E, ainda, embora as estruturas discursivas *per se* não sejam claramente manipulativas, algumas dessas estruturas podem ser extremamente eficientes no processo de influenciar as mentes dos receptores, adverte Van Dijk (1985).

As estratégias gerais do discurso manipulativo parecem ser amplamente semânticas, isto é, focalizadas no conteúdo manipulativo da escrita ou da conversa. Porém, continua Van Dijk (1985), como no caso da implementação de ideologias, esses significados podem ser enfatizados ou (des)enfatizados por estratégias de cunho pragmático, tais como atos de fala específicos, significados locais que podem ser mais ou menos precisos, manipulação da informação explícita *versus* implícita, lexicalização, metáforas e outras figuras retóricas, bem como por realização específica (entonação, volume, rapidez, layout, tipo de letra, foto, etc.).

Um dos elementos da comunicação que assume uma parte fundamental na manipulação é a noção de avaliação, uma área de constante interesse de linguistas (PRECHT, 2003). De algum modo, o conceito de avaliação é um construto linguístico perfeito: ao examinar a avaliação, estamos investigando o espaço na linguagem em que os significados literal, figurativo e o funcional se cruzam. Por exemplo, “pode ser” expressa literalmente possibilidade ou incerteza, mas pode ser usado na conversa para: sugerir (“pode ser que tenhamos de comer”), fazer uma estimativa (“pode ser que houvesse umas cinco pessoas”) ou modalizar (“Não sei, pode ser...”).

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: além desta introdução, o restante consiste em quatro tópicos: o primeiro é dedicado ao quadro teórico, o segundo refere-se à metodologia em termos de questões de pesquisa, coleta de dados, unidade de análise e procedimento analítico. O terceiro trata da análise e da discussão dos resultados do discurso de Michel Temer. Por último, as considerações finais.

1 CONTEXTO HISTÓRICO-POLÍTICO

A presidente Dilma Rousseff e o seu, então, vice-presidente Michel Temer, pertencentes respectivamente aos partidos PT (Partido dos Trabalhadores) e PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro) – atual MDB (Movimento Democrático Brasileiro) –, foram reeleitos em 2014 no turno mais disputado da história das eleições presidenciais no Brasil, até o presente momento. Dilma assumiu a presidência em 2015 em meio a uma crise econômica e política que teve início no seu primeiro mandato, com vários eventos, dentre eles escândalos de corrupção na Petrobrás e acusações de crime de responsabilidade fiscal cometidos por seu governo.

Até setembro de 2015, ou seja, ainda no seu primeiro ano do segundo mandato, já havia 37 pedidos de *impeachment* protocolados na Câmara dos Deputados contra Dilma, mas somente um foi aceito, em 2 de dezembro do mesmo ano, pelo presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB). Tratava-se de uma denúncia por crime de responsabilidade fiscal apresentada pelo procurador de justiça aposentado Hélio Bicudo e pelos advogados Miguel Reale Júnior e Janaina Paschoal.

A complexidade política da época ia além da violação orçamentária. Eduardo Cunha era investigado na Operação Lava Jato e corria o risco de perder seu mandato, pois o Conselho de Ética da Câmara movia um processo contra ele sob denúncias de ter recebido propina da Petrobrás e de manter contas secretas na Suíça. Existiam boatos sobre algumas tentativas de acordo entre o presidente da Câmara e filiados ao PT para encerrar o processo. Quando os petistas anunciaram o seu apoio à perda do mandato de Cunha no Conselho de Ética, ele aceitou o pedido de *impeachment*.

Segundo membros do Partido dos Trabalhadores, a atuação de Michel Temer nos bastidores ao lado de Eduardo Cunha, ambos pertencentes ao antigo partido PMDB, foi fundamental para intensificar o apoio ao *impeachment* na Câmara dos Deputados, o que

acabaria levando à conclusão de que o vice tramou um golpe para assumir a presidência após a derrota de Dilma no Congresso.

O *impeachment* se encerra no dia 31 de agosto de 2016, resultando na cassação do mandato de Dilma Rousseff, que se torna a segunda pessoa a exercer o cargo de Presidente da República a sofrer *impeachment* no Brasil, sendo Fernando Collor o primeiro, em 1992. Como Collor renunciou antes do processo se concluir, Dilma se torna a primeira pessoa a sofrer todo o processo *impeachment* no país.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Linguística Sistêmico-Funcional

O presente estudo tem o apoio teórico-metodológico da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY, MATTHIESSEN, 2004). A LSF estabelece que o uso da língua é funcional e sua função é a de construir significados, esses significados, por sua vez, são influenciados pelo contexto social e cultural em que são intercambiados; onde o processo de uso da língua é um processo semiótico de fazer significado por meio de escolhas.

Assim, quando se faz uma escolha no sistema linguístico, o que se escreve ou o que se diz adquire significado contra um fundo em que se encontram as escolhas que poderiam ter sido feitas, mas que não o foram, fato importante na análise do discurso. Essas escolhas são descritas em termos funcionais para que sejam significativas semântica e pragmaticamente.

Para a LSF, a língua está estruturada para construir três tipos de significados: *ideacional*, *interpessoal* e *textual*, que agem simultaneamente: cada palavra que dizemos realiza as três metafunções, ou seja, tudo que expressamos linguisticamente quer dizer, simultaneamente, três coisas: alguma coisa (ideacional) dita a alguém (interpessoal) de algum modo (textual). Essa simultaneidade é possível graças a um nível intermediário de codificação – a lexicogramática. A seguir, são apresentadas cada uma das metafunções:

Metafunção Ideacional – A metafunção ideacional, diz Halliday (1994), tem a função de representar padrões de experiência. As línguas capacitam o ser humano a construir um quadro mental da realidade para que ele entenda o que acontece ao seu redor e no seu interior (1994, p. 106). Aqui novamente a oração tem um papel central, porque

ela incorpora um princípio geral de modelagem da experiência – ou seja, o princípio de que a realidade é feita de *processos*.

Nossa impressão mais poderosa da experiência é de que ela consiste de “eventos” – *acontecer, fazer, sentir, significar, ser e tornar-se*. Para Halliday (1994), todos esses eventos estão distinguidos na gramática da oração. A oração é também um modo de reflexão, de ordenação da variação infinita do fluxo de eventos. O sistema gramatical pelo qual isso é alcançado é o da *transitividade*. O sistema de transitividade constrói o mundo da experiência em um conjunto manipulável de *tipos de processo*. A análise da transitividade pode, examinando as escolhas feitas no texto referentes a estados de ser, ações, eventos e situações referentes a dada sociedade, mostrar o viés e a manipulação envolvidos nessas representações.

Halliday (1994) sugere que os processos semânticos representados na oração têm potencialmente três componentes: o próprio *processo*, que é expresso pelo grupo verbal da oração; os *participantes* envolvidos no processo, realizados pelos grupos nominais da oração; e as *circunstâncias* associadas com o processo, expressas por grupos adverbiais ou preposicionais. Halliday ainda sugere a classificação dos processos, conforme representem ações, eventos, estados da mente ou estados de ser; *material, mental e relacional* são os três tipos principais no sistema da transitividade, referindo-se respectivamente a ações ou eventos do mundo externo, a experiência interna da consciência e os processos que classificam e identificam, respectivamente. Nos limites entre eles estão os processos: *comportamental* (que representa manifestações de atividades internas), *verbal* (relações simbólicas construídas na consciência humana e em estados fisiológicos) e *existencial* (processos relacionados à existência). O Quadro 1 apresenta o sistema da transitividade com exemplos:

Quadro 1 - Tipos de processos na LSF

Participantes ligados ao Processo			
<u>João</u> Ator	QUEBROU Material	<u>a mesa</u> Meta	<u>com um soco</u> Circunstância
<u>Ele</u> Comportante	[perdeu a cabeça e]	SOCOUCO Comportamental	<u>a mesa</u> Alcance
<u>Eliana</u> Experienciador	ENTENDEU Mental	<u>o seu sofrimento</u> Fenômeno	
<u>O rapaz</u> Dizente	CONTOU - Verbal	<u>me</u> Receptor	<u>sobre a difícil situação</u> Verbiagem
<u>João</u> Portador	ERA Relacional	<u>deputado</u> Atributo	
<u>O deputado</u> Identificado	ERA Relacional	<u>o João.</u> Identificador	
HOUVE Existencial	<u>motivos</u> Existente	<u>com certeza.</u> Circunstancial	

Fonte: HALLIDAY (1994)

Metáfora de processo – Kitis e Milapides (1997) mostram que um verbo de processo mental, no exemplo tirado de um artigo publicado na revista *Time* (“A Grécia está lembrando o mundo de que ela também é um país dos Balcãs”), é usado no modelo transacional para denotar mais uma ação verbal e física do que uma ação mental.

Metafunção Interpessoal – A metafunção interpessoal refere-se ao fato de a oração além de informar, estar também organizada como um evento interativo, envolvendo falante (ou escritor) e audiência.

Metafunção Textual – A metafunção textual refere-se ao fluxo das palavras na oração. A metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais de uma oração, trabalhando os significados advindos da ordem das palavras na oração em termos de Tema e Rema.

Por outro lado, é imprescindível para a LSF a consideração da inter-relação entre língua e contexto. Os contextos que afetam a língua, para os sistemicistas, são *sociais*: *gênero* (contexto cultural) e *registro* (contexto situacional). Mais recentemente, a LSF tem abordado o contexto ideológico.

2.2 Avaliatividade

Martin (2000) examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau, com o rótulo de avaliatividade (tradução de *appraisal*). O sistema de escolhas usado para descrever essa área de significado potencial, que chamou de avaliatividade, constitui-se dos seguintes subsistemas: ATITUDE: envolvendo afeto (emoção), julgamento (ética) e apreciação (estética); ENGAJAMENTO: sinalizando o posicionamento do falante, se conclusivo – monoglossia – ou disposto à negociação – heteroglossia; e GRADAÇÃO: controlando a intensidade da avaliação para mais ou para menos.

A avaliatividade trata das expressões de atitude *implícitas* e *explícitas*, que entram em uma espécie de dança através do texto criando um espaço semântico mais amplo que, por si, se torna avaliativo. A noção de avaliatividade – rótulo para uma coleção de recursos semânticos para negociar emoções, julgamento e apreciação –, ampliou o poder analítico da metafunção interpessoal e tem importante participação na análise do discurso.

As normas sociais para o uso da avaliação são sistematicamente diferentes através de culturas, afirma Precht (2000). Os recursos da língua possibilitam um número virtualmente ilimitado de modos pelos quais podemos nos expressar, mas, segundo a autora, estamos “programados” a usar um subconjunto muito limitado e específico dessas opções. Nossa expressão de avaliação está formatada pela cultura – somos socializados a usar marcadores específicos de modo específico.

O autor sugere que os marcadores de avaliação codificam elementos-chave da relação entre os interlocutores, tais como: solidariedade, afinidade e outras relações de poder:

a expressão de alta afinidade pode ter pouco a ver com o comprometimento de alguém com a proposição, mas muito a ver com o desejo de mostrar solidariedade. Inversamente, pouca afinidade com a proposição pode expressar falta de convicção ou de conhecimento (FAIRCLOUGH, 1992, p. 159).

2.3 Ironia, a linguagem da dissensão

Ironia é uma palavra de origem grega “*eironeia*”, que quer dizer disfarçar, mascarar. A noção de ironia tem contribuído para superar o fato observado por alguns

linguistas de que a dissensão social é em geral articulada por meios muito semelhantes à linguagem dominante. Daí a dificuldade fundamental de achar uma nova linguagem para expressar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente.

O que dá à ironia seu potencial subversivo, explica El Refaie (2005), é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

Sinalizando um *frame*ⁱ distante sobre o que é expresso, torna-se possível tanto afirmar quanto negar o que está no enquadre, sinalizam Clift e Holt (1999). A ironia, assim como o humor, apresenta-nos uma perspectiva dupla que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser.

A meta do enquadre irônico de um significado é, geralmente, a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao interlocutor para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é irônica. Como Booth (1974, p. 13) mostra, o que é surpreendente na ironia “não é que ela deveria ser malsucedida como frequentemente acontece, mas que ela deveria ser sempre bem-sucedida”.

2.4 Persuasão

Poggy (2005) apresenta um modelo de persuasão em termos de metas e crenças. Ela vê a persuasão como um meio de influenciar uma pessoa, isto é, de gerar novas metas ou ativar metas antigas, por meio do recurso da meta comunicativa de fisgamento, especialmente através da convicção: A persuade B quando A, por meio da comunicação, consegue que B persiga uma meta MA (meta de A) proposta por A. A assim faz levando B a acreditar que MA é uma submeta da meta de MB. A fim de persuadir B, A pode usar três diferentes estratégias: *logos* – argumentando que MA é útil para MB; *ethos* – aparentando ser confiável a B; e *pathos* – fazendo B sentir emoções que desencadeiam

MA ou antecipando emoções que seriam sentidas aceitando MA. Ela argumenta que essas estratégias estão em geral ativas em discursos persuasivos verbais ou não-verbais, e mostra como, em termos de hierarquia de metas, uma análise de diferentes tipos de atos persuasivos – discursos políticos, propaganda, diálogos – esclarecem a relação entre as metas do persuasor e do persuadido e elucida quão e como o persuasor recorre a *logo*, *ethos* e *pathos* em seu discurso.

Por outro lado, “O resultado de uma persuasão retórica é que os participantes devem ser convencidos de que não foram convencidos” (LATOURET; WOOLGAR, 1979, p. 240). Segue-se que a persuasão tende a ser altamente implícita e a evitar a linguagem atitudinal normalmente associada ao significado interpessoal, dependendo em grande parte, por exemplo, do sistema de valores partilhados (HALLIDAY, 1985).

Em sua função de fazer o interlocutor alinhar-se com uma determinada opinião ou ponto de vista, a persuasão apoia-se na argumentação, que por sua vez apoia-se em diversos recursos.

2.5 Argumentação

A argumentação pertence à família das ações humanas que têm como objetivo persuadir. A definição da argumentação que foi adotada por Breton (2003) coloca seu estudo radicalmente no campo das chamadas ciências da comunicação. Segundo o autor, essa disciplina, ou melhor, essa “interdisciplinar”, trata de tudo o que está relacionado com a formatação e o transporte de mensagens, bem como o significado social de tais processos.

Nesse sentido a argumentação é uma prática discursiva essencialmente dialógica: reivindicação e desafio, reivindicação e contra-reivindicação são prototipicamente realizados de forma dialógica, explica Lauerbach (2007). Portanto, são sequências de pergunta-resposta que subjazem à lógica do argumento cotidiano, segundo Toulmin (2006). O autor propõe as seguintes categorias teóricas de uma argumentação: *reivindicação*, *dados*, *garantia*, *apoio*, *qualificação* e *condições de refutação*, potencialmente sujeitas ao desafio com respeito ao seu apoio ou à sua validade. Deve-se, assim, avaliar a veracidade das afirmações do falante, aplicando-se essa sequência, pela qual se verifica a garantia oferecida para os dados apresentados como apoio à reivindicação.

2.5.1 Meios para persuadir

Um desses procedimentos persuasivos é a manipulação. A manipulação é, segundo Van Dijk (1985), uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes equipados para a reprodução do poder, realizados de várias maneiras, por meio de: persuasão, informação, educação, instrução e outras práticas sociais que objetivam influenciar o conhecimento, crenças e (indiretamente) as ações dos receptores. Algumas dessas práticas, nota o autor, podem ser legítimas, como a informação proporcionada por jornalistas e professores para suas audiências.

Pode-se persuadir com a ajuda de métodos mais suaves, como acontece com a sedução, a persuasão por meio da emoção. Esse recurso é frequentemente usado para levar o outro, ou até públicos inteiros, a compartilhar determinado ponto de vista, sendo muito utilizado por políticos durante sua vida pública, eles se utilizam desse artifício estabelecendo uma relação quase carnal com seus eleitores. Lauerbach (2007) apresenta dois conceitos que interessam ao processo de persuasão: (a) o conceito de entimema, ou premissa implícita de um argumento; (b) o conceito de falácia ou raciocínio falho.

Além desses conceitos, há outros que contribuem no processo persuasivo do interlocutor. São eles: *Manipulação, Política do Apito do Cão, Mundo Textual, Legitimação no Discurso* (doravante, LEG), *Implicatura, Pressuposição e Topicalização, Contrabando de Informação*, que ocorre quando a uma informação negativa é subrepticamente inserida na declaração do interlocutor, como acontece no exemplo de Luchjenbroers e Aldridge (2007, p. 351) “Ele lhe falou sobre como você gostava de atirar em patos?”. A escolha lexical de “atirar” (em patos) desencadeia nos ouvintes um *frame* em que se encontram fatos avaliados negativamente por força do mito cultural.

3 METODOLOGIA

A metodologia em que a análise é apoiada decorre da proposta teórico-metodológica da LSF, apontada como a mais adequada para esse tipo de análise (FOWLER, 1991; FAIRCLOUGH, 1992; CHARTERIS-BLACK, 2004), ou seja, crítica, focada, em especial, na persuasão por meio da avaliatividade, que se inclui na metafunção interpessoal da LSF.

Michael K. Halliday, principal representante da vertente funcionalista da Escola de Londres, desenvolveu a perspectiva conhecida como Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Tal teoria baseia-se na concepção de língua enquanto fenômeno primordialmente social, sendo internalizada pelos falantes em um processo de desenvolvimento de necessidades e restrições comunicativas, biológicas, psicológicas e contextuais.

3.1 Dados

A pesquisa analisa o primeiro discurso do presidente da República, Michel Temer, ocorrido durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado, no Palácio do Planalto, no dia 12 de maio de 2016, em Brasília, após o afastamento da presidenta Dilma Rousseff e, como vice-presidente, Temer assume o governo. O discurso tem duração de 28 min e 12s, disponível no site da Biblioteca da Presidência da República.ⁱⁱ

3.2 Procedimento de Análise

Durante a análise, alguns trechos do discurso foram considerados mais representativos sob a ótica das teorias trabalhadas na LSF. Esses trechos serão colocados em quadros onde analisamos da seguinte forma:

- Logo abaixo do texto, é feita a análise da transitividade (metafunção ideacional).
- A seguir, na linha seguinte, é feita a análise da modalidade e da avaliatividade (da metafunção interpessoal), envolvendo os *tokens* de atitude, a avaliação implícita, que depende de contexto.
- Cada trecho analisado é seguido pela discussão, em que focalizamos os recursos utilizados para fins persuasivos.
- Devido à extensão do texto, foi selecionado parte do discurso para análise, enquanto a parte não analisada permanece no texto sob a forma de co-texto em tipo Arial 10.

Para facilitar o acompanhamento da análise, sigo a seguinte codificação:

- CAIXA ALTA – indicação do Processo.
- Sublinhado – Participantes e Circunstâncias.
- **Negrito** – análise da Avaliatividade e da Modalidade.
- (+) ou (-) se a Avaliatividade for positiva ou negativa, respectivamente.
- (↑) ou (↓) se a Avaliatividade for intensificada ou diminuída.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 Análise e Discussão do Discurso de Posse do Presidente Michel Temer

Para este artigo, foi selecionada parte da análise da Dissertação de mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (MILANEZ, 2019).

DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE MICHEL TEMER

Co-texto: Olhe, meus amigos, eu quero cumprimentar todos os ministros empossados, os senhores governadores, senhoras e senhores parlamentares, familiares, amigos, senhoras e senhores.

“Eu	PRETENDIA	que esta cerimônia	FOSSE	extremamente
	Pr. Mental		Pr. Relacional	
				Graduação (↑)
sóbria e discreta,	como	CONVÉM	ao momento que	vivemos.
		Pr. Relacional		
Apreciação (-)Token				Avaliação Social (-)
Entretanto, eu	VEJO	<u>o entusiasmo dos colegas parlamentares, dos senhores</u>		
	Pr.Mental		Fenômeno	
				Apreciação (+)
<u>governadores,</u> e tenho	absoluta	CONVICÇÃO	de que este entusiasmo deriva,	
		Pr. Relacional		
				Graduação (↑)
precisamente, <u>da longa convivência</u>		que nós todos tivemos	<u>ao longo do tempo.</u>	Apreciação (+)
Circunstância			Circunstância	
Graduação (↑)				
		Apreciação (+)		Apreciação (+)
Até PENSEI,	<u>num primeiro momento,</u>	que não	lançaria	nenhuma mensagem
Pr. Mental	Circunstância			
				Apreciação (+)

neste momento. Mas PERCEBI , pelos contatos que tive nestes dois últimos dias, Pr.Mental
Julgamento (+)
que indispensável SERIA <u>esta manifestação.</u> Pr. Relacional Portador
Atributo

Discussão: Valluari e Masia (2014) propõem a noção de *implicatura*, pela qual o conteúdo da mensagem deixa de ser expresso total ou parcialmente. Dependendo do conhecimento de mundo do ouvinte (o *frame*), esse conteúdo pode ou não ser recuperado.

Temer tem o cuidado de dizer que preferiria uma “cerimônia extremamente sóbria e discreta”, que, pelo processo da implicatura – omitir informação – poderia significar que assim faria em um contexto em que nem todos estariam satisfeitos com sua indicação para a presidência da República. Na expressão “no momento em que vivemos”, Temer poderia estar inserindo um *contrabando de informação*, quando uma escolha linguística provoca no *frame* do interlocutor uma série de fatos a ela ligada, no caso, a questão do *impeachment* de Dilma, quando se esperou que Temer tivesse o mesmo destino.

Ele recorre também ao processo da *pressuposição* – colocando na voz de “colegas parlamentares” e “governadores”, com quem desfruta de “longa convivência”, bem como de “contatos nos últimos dias” –, que lhe teria transmitido um grande entusiasmo em relação à sua posse, que, desse modo, ter-lhe-iam obrigado a mudar o rumo de seu discurso. Desse modo, pavimentando sua trajetória não somente com uma fala que transmite seu conhecimento da difícil realidade do momento, bem como do apoio que teria chegado de seus colegas, recursos retóricos que Temer utiliza para persuadir o auditório para que aceite sua fala.

Co-texto: E minha primeira palavra ao povo brasileiro é a palavra confiança.

Confiança nos valores que FORMAM Pr. Material	o caráter de nossa gente, Meta
Avaliação Social (+)	Avaliação Social (+)
na vitalidade da nossa democracia; Circunstância	confiança na recuperação da economia
Avaliação Social (+)	Avaliação Social (+)
nacional, nos potenciais do nosso país, em suas instituições sociais e políticas e na Circunstância	

<u>capacidade</u>	de que, unidos,	poderemos	ENFRENTAR	<u>os desafios</u> deste
	Atributo		Pr. Material	Meta
Avaliação Social (+)	Avaliação Social (+)			Avaliação Social (-)
<u>momento</u> que	É	de grande dificuldade.		
Meta	Pr. Relacional			
		Avaliação Social (-) ↑		
Reitero, como tenho dito ao longo do tempo, que	É	urgente	PACIFICAR	
	Pr. Relacional	Atributo	Pr. Material	
	Avaliação Social (+)	Graduação (↑)		
a nação e UNIFICAR o Brasil. É urgente	FAZERMOS um governo de salvação			
Pr. Material	Atributo	Pr. Material		
Avaliação Social (+)	Graduação (↑)		Avaliação Social (+)	
nacional. <u>Partidos políticos, lideranças e entidades organizadas e o povo brasileiro</u>				
	Ator			
hão de EMPRESTAR <u>sua colaboração</u> para TIRAR	o país <u>dessa grave crise</u>			
Pr. Material	Meta	Pr. Material	Circunstância	
	Avaliação Social (+)		Avaliação Social (-)	
			Graduação (↑)	
em que nos encontramos. O diálogo é o primeiro passo para ENFRENTARMOS				
			Pr. Material	
			Avaliação Social (+)	
<u>os desafios</u> para AVANÇAR e GARANTIR a retomada do crescimento.				
Meta	Pr. Material	Meta		
			Avaliação Social (+)	
Ninguém, absolutamente ninguém, individualmente, TEM as melhores receitas				
Portador		Pr. Relacional		
			Avaliação Social (+) (↑)	
para as reformas que precisamos REALIZAR. Mas nós, governo, Parlamento e				
			Pr. Material	
sociedade, juntos, vamos ENCONTRÁ-las.				
			Pr. Material	

Discussão: Confiança é a palavra de ordem de Temer. Confiança nos valores que formam o caráter do povo brasileiro, na vitalidade da nossa democracia. E, com essa confiança, Temer espera vencer as grandes dificuldades que o país atravessa. É necessário unir forças para recuperar não só a economia, que hoje enfrenta desafios, mas também as instituições sociais e políticas. Por meio de avaliatividade de *Avaliação Social positiva*,

as escolhas lexicais de Temer tentam a persuasão por meio da sedução, traçando um cenário com o apoio da futuridade hipotética, desejável, mas sem garantia.

Nesse ponto, a menção à grave crise em que se encontra o país, traz à cena – pelo processo do contrabando de informação – *implicando* – portanto, sem mencionar explicitamente –, uma crítica ao governo de Dilma Rousseff, que teria causado a situação de grave crise que se encontra o Brasil.

Temer insiste em conclamar o povo, os partidos políticos, as lideranças e entidades organizadas para a obra que seu governo inicia, deixando claro que precisa da união de todos para o sucesso de qualquer empreitada.

Co-texto: Eu conservo a absoluta convicção de que é preciso resgatar a credibilidade do Brasil no concerto interno e no concerto internacional, fator necessário para que

<u>empresários dos setores industriais, de serviços, do agronegócio, e os</u>		
Experienciador		
Avaliação Social (+)		
<u>trabalhadores, enfim, de todas as áreas produtivas</u> se ENTUSIASMEM e		
Experienciador		Mental
Afeto (+)		
RETOMEM,	<u>em segurança,</u>	<u>com seus investimentos.</u>
Material	Circunstância	Meta
Avaliação Social (+)		

Discussão: O discurso inicia-se com a *legitimização*ⁱⁱⁱ (REYES, 2011) por meio da emoção, clamando as pessoas para o trabalho conjunto – governo e povo – que se inicia. As *avaliatividades* são todas positivas e, assim, criam um clima de otimismo.

Co-texto: Teremos que incentivar, de maneira significativa, as parcerias público-privadas, na medida em que esse instrumento poderá gerar emprego no país. Sabemos que o Estado não pode tudo fazer. Depende da atuação dos setores produtivos: empregadores, de um lado, e trabalhadores de outro. São esses dois polos que irão criar a nossa prosperidade.

<u>Ao Estado</u> compete – vous	DIZER, aqui, o óbvio -, compete	CUIDAR
Ator	Pr. VERBAL	(=deve) Pr.Material
Avaliação Social (-) <i>Token</i>		Mod. Obrigação
(= O Estado deve cuidar ...)		
<u>da segurança, da saúde, da educação, ou seja, dos espaços</u>		
Meta		

<u>e setores fundamentais</u>	que (eles) não	podem	SAIR	<u>da órbita pública.</u>
Meta			Material	Circunstância
Mod. Probabilidade				
<u>O restante</u>	terá	que	ser	COMPARTILHADO
Meta	(=deverá)		(aux.voz passiva)	Pr. Material
Mod.Obrigação			Avaliação Social (-) Token	
com a iniciativa privada,	aqui [deve ser]		ENTENDIDA	como
	(voz passiva)		Pr. Mental	
<u>a conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores.</u>				
Fenômeno				
Avaliação Social (-) Token				

Discussão: No caso do trecho analisado, o presidente Temer, ao mesmo tempo em que conclama o povo – trabalhadores e empregadores, setores da ordem pública e iniciativa privada – tem o cuidado de deixar claro que o sucesso de seu governo não depende dele somente. Palavras como “união”, “confiança” são recursos para conclamar todos os brasileiros a implantação de um governo de sucesso.

A expressão “vou dizer, aqui, o óbvio”, antecipa, pelo processo da *intersubjetividade* uma possível intervenção mental do interlocutor. E, assim, Temer abre caminho para repetir o que todos já sabem, acréscimos que, sem dúvida, aumentam o tom persuasivo de sua fala.

Alguns itens foram marcados como sendo *tokens*, já que soam negativos no contexto em que aparecem, no sentido de que “compartilhado com a iniciativa pública” ou “conjugação de ação entre trabalhadores e empregadores” poderiam ser sentidos como a omissão do governo nesses setores.

<u>O emprego,</u>	SABEMOS	<u>todos,</u>	É	<u>um bem fundamental</u>
Portador	Pr. MENTAL	Experienciador	Pr.Relacional	Atributo
				Avaliação Social (+) Graduação (↑)
<u>para os brasileiros.</u>	<u>O cidadão,</u>	entretanto,	só	TERÁ
Beneficiário	Portador			Pr. Relacional
Avaliação Social (+) Graduação (↑)				
<u>emprego,</u>	se	<u>a indústria o comércio e as atividades de serviço,</u>		
Atributo		Ator		
Futuro hipotético		Avaliação Social (-) Token		

estiverem	<u>todas</u>	CAMINHANDO	<u>bem.</u>
	(Ator)	Pr. Material	Circunstância

Discussão: Temer inicia esse trecho, falando de um bem fundamental a todos: o emprego, investido por *Avaliação Social positiva*. Para mostrar que sabe que esse fato é do conhecimento da audiência, ele, em um processo *intersubjetivo*, verbaliza o que o interlocutor pode ter em mente, dizendo “sabemos todos”. Esse recurso pelo qual passa a dialogar com o ouvinte aproxima-o do auditório com o que pode conseguir a receptividade do que propõe a seguir.

Porém, novamente no cuidado que tem de deixar claro que tudo depende da colaboração de todos, utiliza-se do recurso do futuro hipotético, “se todos caminharem bem”, todos terão emprego. O presidente não promete nada, mas *implica* que deixa a cargo do povo a missão de conseguir um futuro melhor.

4.2 Discussão Geral dos Resultados

Michel Temer, em seu discurso de posse do cargo de presidente da República, deixa transparecer em sua fala o momento difícil que o país atravessava, após o *impeachment* de Dilma Rousseff, ao qual poderia estar também envolvido, segundo opinião de parte do povo brasileiro. Assim, justifica seu pronunciamento ao apoio de amigos parlamentares, cujo estímulo o fizera mudar os planos de não realizar o discurso.

No decorrer do discurso, é possível notar a preocupação constante em conseguir o apoio do povo, conclamando parlamentares e as lideranças políticas para se unirem ao seu governo para, juntos, poder enfrentar os desafios de um momento que é de grande dificuldade.

Em uma tentativa de acalmar os ânimos e ganhar apoio das classes sociais menos privilegiadas e falando em linguagem menos formal, Temer promete que as reformas previdenciária e tributária não alterarão direitos já adquiridos. É notável também que Temer dirige-se à audiência utilizando o termo “meus amigos”, um processo de avaliatividade de afeto positivo, em uma tentativa de aproximar-se da audiência.

Em seu discurso, não passa despercebida sua intenção de alertar a audiência – por meio do uso da avaliatividade de *Avaliação Social negativa*, implícita ou *tokens*, além de

vários recursos retóricos – que, em resumo, o PT era o grande responsável pela grave crise econômica que atravessava o Brasil.

Temer não toma para si a realização das inúmeras promessas às quais se refere em seu pronunciamento sem afirmar que tudo será feito com a união de todos os brasileiros. Assim, será seu governo juntamente com o povo que trabalhará para diminuir a crise, os índices de desemprego além dos vários efeitos negativos proporcionados pelo governo anterior.

O então, recém-empossado, presidente Michel Temer mostra ser um notável orador, que se utiliza de recursos interpessoais com maestria, aproximando-se da audiência ou dela se afastando por meio de recursos retóricos de persuasão por meio dos quais diz tudo o que tem em mente, prometendo realizações em um processo de legitimização de futuro hipotético. É sem dúvida um discurso muito bem articulado tanto em termos do conteúdo informativo (metafunção ideacional), quanto em termos da relação orador e público (metafunção textual), articulados por uma linguagem impecável que une esses elementos (metafunção textual).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o discurso, as escolhas gramaticais sustentam, em grande parte, a persuasão por meio da sedução, traçando um cenário de futuro hipotético desejável, porém sem garantias que realmente vão acontecer.

A metafunção interpessoal ou avaliatividade, fala sobre as relações e as atitudes de comportamento e são demonstradas, como na maioria dos discursos políticos, de forma implícita. Os recursos persuasivos não são facilmente evidenciados se a população não participar do mesmo *frame* que o então recém-empossado presidente. Nesse discurso, a persuasão implícita só fica evidente quando é feita a análise das avaliações e se verifica que os *tokens*, as avaliações sociais e de julgamento, que são avaliação implícitas, têm presença marcante no texto.

Dentro do cenário pouco receptivo onde se foi feito o primeiro pronunciamento de Temer à nação, a retórica, ou seja, a arte de argumentar bem, se dá, principalmente, pela inserção da metafunção interpessoal, implícita por meio de recursos como contrabando de informação, pressuposição, implicadura, legitimização, entinema, apito do cão, mundo textual e pressuposição.

Por meio dos resultados, a persuasão implícita ocorre na subjacência do texto e que, para a sua revelação, é necessário o enfoque na relação entre as escolhas léxico-gramaticais feitas na microestrutura do texto com os valores que se encontram na macroestrutura do discurso, cujo entendimento depende em grande parte do *frame* do interlocutor.

A pesquisa e os resultados obtidos foram significativos, uma vez que, a partir deles, houve uma maior consciência durante os diálogos pessoais rotineiros e profissionais, não só nas expressões orais de cada indivíduo, mas também nos textos acadêmicos e opinativos a que tenho acesso. Hoje, com uma percepção mais aguçada sobre os caminhos pelos quais a persuasão pode nos levar, nota com maior facilidade novos sentidos implícitos, onde frequentemente as pessoas utilizam elementos que foram aplicados nesta pesquisa, como implicadura, *tokens* e pressuposição, por exemplo.

Que este trabalho possibilite e dê suporte para que surjam novas pesquisas que complementam esta, a fim de ampliar a discussão sobre o assunto aqui tratado.

Referências

BOOTH, W. C. *A Rhetoric of Irony*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.

BRETON, P. *A argumentação na comunicação*. São Paulo: EDUSC, 2003.

CHARTERIS-BLACK, J. *Corpus Approaches to Critical Metaphor Analysis*. Londres: Palgrave Macmillan, 2004.

CLIFT, R.; HOLT, E. (org.) *Reporting Talk: reported speech in interaction*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TEMER, Michel. Discurso do presidente da república, Michel Temer, durante cerimônia de posse dos novos ministros de Estado – Palácio do Planalto. *Biblioteca da Presidência Da República*, 12 de maio de 2016. Disponível em: <<http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michael-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto>>. Acesso em: 12 maio 2016.

EL REFAIE, E. Our purebred ethnic compatriot's irony in newspaper journalism. *Journal of Pragmatics*, v. 37. n. 6, p. 781-797, 2005.

FAIRCLOUGH, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.

FINEGAN, E. Subjectivity and Subjectification. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (org.). *Subjectivity and Subjectivization: Linguistic Perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

FOWLER, R. *Language in the news*. Londres: Routledge, 1991.

HALLIDAY, M. A. K. *Spoken and written language*. Oxford: Oxford University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. K. *Introduction to Functional Grammar*. Londres: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, M. I. M. *An introduction to functional grammar*. Londres: Edward Arnold, 2004.

IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF. WIKIPÉDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Impeachment_de_Dilma_Rousseff>. Acesso em: 12 set. 2019.

KOCH, I.V.K. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *Laboratory life*. Londres: Sage, 1979.

LAUERBACH, G. Argumentation in political talk show interviews. *Journal of Pragmatics*, v. 39 n. 8, p. 1388-1421, 2007.

LEIA ÍNTEGRA DO DISCURSO DE POSSE DO PRESIDENTE INTERINO MICHEL TEMER. UOL. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1770780-leia-integra-do-discurso-de-posse-do-presidente-interino-michel-temer.shtml>>. Acesso em: 12 maio 2016.

LUCHJENBROERS, J.; ALDRIDGE, M. Conceptual manipulation by metaphors and frames: Dealing with rape victims in legal discourse. *Text & Talk*, v. 27 n. 3, p. 339-359, 2007.

MILANEZ, Aline Andrea Zamboni. *Michel Temer e a persuasão no discurso de posse presidencial: um olhar sistêmico-funcional*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO (PUC-SP). São Paulo-SP, Brasil.

MINSKY, M. A Theory of Systemic Fragility. In: ALTMAN, E. I.; SAMETZ, A. W. (org.) *Financial Crises: Institutions and Markets in a Fragile Environment*. Nova York: John Wiley and Sons, 1977.

POGGY, I. The goals of persuasion. *Pragmatics & Cognition*, v. 13 n. 2, p. 297-336, 2005.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS. Pró-Reitoria de Graduação. Sistema Integrado de Bibliotecas. Orientações para elaboração de trabalhos científicos: projeto de pesquisa, teses, dissertações, monografias, relatório entre outros trabalhos acadêmicos, conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). 3. ed. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019. Disponível em: <www.pucminas.br/biblioteca>. Acesso em: 10 set. 2019.

PRECHT, K. Stance moods in spoken English: Evidentiality and affect in British and American conversation. *Text*, v. 23 n. 2, p. 239-258, 2003.

REYES, Antonio. Strategies of Legitimation in Political Discourse: From Words to Actions. *Discourse and Society*, v. 22, n. 6, p. 781-807, 2011.

TOULMIN, S. E. *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

VAN DIJK, T. A. (org.) *Handbook of Discourse Analysis – Dimensions of Discourse*, vol.2. Londres: Academic Press, 1985.

Recebido em: 21/02/2022

Aceito em: 09/11/2022

ⁱ Minsky (1977, pp. 355): *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

ⁱⁱ Acesso pelo endereço virtual: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/michael-temer/discursos-do-presidente-da-republica/discurso-do-presidente-da-republica-michel-temer-durante-cerimonia-de-posse-dos-novos-ministros-de-estado-palacio-do-planalto>

ⁱⁱⁱ Em teoria e origem, “legitimização” (doravante, LEG) significa tornar algo legal ou legalizado. A LEG relaciona-se a um objetivo, que, na maioria dos casos, é a procura de apoio e de aprovação do interlocutor.

Um lugar chamado Notting Hill: mesclagens conceituais e âncoras materiais em uma produção multimodal

Cláudio Ricardo Corrêaⁱ

RESUMO

Neste artigo é analisada uma cena do filme *Um lugar chamado Notting Hill* (Roger Michell, 1999), que se caracteriza como uma produção multimodal por propiciar diversos modos de percepção, tais como sinais pictóricos, linguísticos, gestuais, sonoros... A análise foi feita à luz da teoria da mesclagem conceptual (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), dos estudos sobre produções multimodais (FORCEVILLE, 2006; 2008) e das interações baseadas em âncoras materiais (HUTCHINS, 2005). O estudo procura demonstrar, com base nas fundamentações teóricas supracitadas, como se desenvolvem operações mentais complexas que fazemos em frações de segundos e que, à primeira vista, parecem tão simples. São operações cognitivas que permitem expandir a capacidade imaginativa e criar novos significados.

Palavras-chave: mesclagem conceptual; produções multimodais; âncoras materiais; cinema.

ABSTRACT

This article analyzes a scene from the movie *Notting Hill* (Roger Michell, 1999), which is characterized as a multimodal production as it provides different modes of perception, such as pictorial, linguistic, gestural, sound signals... The analysis was carried out in the light of the conceptual blending theory (FAUCONNIER, 1997; FAUCONNIER; TURNER, 2002), studies on multimodal productions (FORCEVILLE, 2006; 2008) and interactions based on material anchors (HUTCHINS, 2005). The study seeks to demonstrate, based on the aforementioned theoretical foundations, how complex mental operations are developed that we do in fractions of seconds and that, at first sight, seem so simple. They are cognitive operations that allow expanding the imaginative capacity and creating new meanings.

Keywords: conceptual blending; multimodal productions; material anchors; movie theater.

ⁱ Doutorando em Letras (Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras - UERJ. Mestre em Letras (Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras - UERJ (2016-2018). Bolsista FAPERJ - Programa Doutorado Nota 10. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4383-9207> | E-mail: correadtp@gmail.com

INTRODUÇÃO

Analizamos, neste trabalho, uma cenaⁱ do filme *Um lugar chamado Notting Hill* (Roger Michell, 1999), na qual o personagem William Thacke (livreiro londrino interpretado pelo ator Hugh Grant) está sofrendo com o término desastroso de seu breve romance com uma famosa atriz norte-americana, Anna Scott (interpretada por Julia Roberts). O diretor do filme, Roger Michell, cria, então, uma sequência em que várias estações do ano se passam em uma simples caminhada por uma famosa feirinha (que vende de tudo um pouco); a duração da cena é de aproximadamente um minuto e meio.

Em um plano americano, a cena se inicia com uma mulher grávida escolhendo roupas em uma das barracas. Instantaneamente, no início da caminhada de William Thacke, a canção “*Ain’t no sunshine*” (Bill Withers, 1971) entra na narrativa e prossegue até o final; o som está alto, percebe-se claramente o sincronismo entre voz e melodia, adequação à cena e ao roteiro. A letra da música diz: “o Sol não brilha quando ela se vai/ não há calor quando ela está longe/ ela sempre demora muito/ sempre que ela se vai/ me pergunto agora para onde ela foi/ me pergunto se ela foi para ficar...”ⁱⁱ. Daí em diante muita coisa acontece, mostrando a passagem do tempo, fundida em um único plano-sequência.

O recorte para este trabalho, uma cena do filme, envolve uma produção multimodal que inclui textos verbais, imagens, metáforas pictóricas/imagéticas, música, índices de passagem de tempo. Há várias imagens que funcionam como âncoras materiais de tempo decorrido, além de variadas mesclagens conceituais (ver a seção 2, “Breve revisão e fundamentação teórica”). Tudo isso ocorrendo em uma caminhada do protagonista, que se inicia paralelamente ao enquadramento de uma mulher grávida e se encerra com nosso andarilho e a mesma mulher, agora já com o bebê no colo. Uma série de informações vai sendo apresentada e alimenta nossa imaginação.

Sol; chuva; neve; o tirar e colocar do blazer; as vestimentas dos demais atores em cena; os produtos sazonais; as decepções amorosas de Honey (interpretada por Emma Chambers), a mulher de cabelos ruivos, irmã de William; os pinheiros de Natal; as flores... até que, por fim, o bebê aparece no colo da mãe (ela reaparece usando o mesmo casaco azul, o tom de cabelo é igual, mantém a fita azul na cabeça, assim como

os óculos que apareceram no início da passagem) e um novo dia ensolarado marca uma expectativa de renascimento da relação do casal.

Para dar conta dessas operações cognitivas, utilizamos – como arcabouço teórico para este artigo – a mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), os estudos sobre produções multimodais (FORCEVILLE, 2006; 2008) e as ações norteadas por âncoras materiais (HUTCHINS, 2005). Reconhecemos, de antemão, que é uma missão quase impossível dar conta de tudo isso no escopo de um único artigo, por isso a opção por um pequeno recorte a ser analisado à luz da teoria e dos estudos referenciados.

1 BREVE REVISÃO E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1. Mesclagens conceptuais

A Teoria da Mesclagem Conceptual – TMC (*Conceptual Blending Theory*, em inglês), desenvolvida com base na teoria dos espaços mentais, de Fauconnier (1994; 1997), é compreendida como um conjunto de operações cognitivas que mesclam (ou combinam) palavras, sons, imagens, ideias... em uma rede de “espaços mentais” que criam novos sentidos.

Segundo os criadores da TMC, Fauconnier e Turner (2002), a mesclagem conceptual pode ser definida como um processo cognitivo de alta complexidade, capaz de criar significados que vão muito além dos já conhecidos. Eles consideram que a faculdade de abrir, conectar e mesclar espaços mentais torna os seres humanos mais eficientes e criativos, na medida em que isso fornece um *insight* global, uma compreensão em escala humana e um novo sentido. E um dos aspectos mais importantes dessa eficiência, em termos de *insight* e de criatividade, é a compressão alcançada por meio da integração de relações conceptuais, chamadas de relações vitaisⁱⁱⁱ (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 92).

Ainda de acordo com Fauconnier e Turner (2002, p. 6), o processo de mesclagem ou integração ocorre devido a três operações cognitivas básicas inter-relacionadas: identidade, integração e imaginação. “Portanto, perceber identidade, equivalências e oposições – a fim de estabelecer-lhes relações e/ou delimitá-las – é

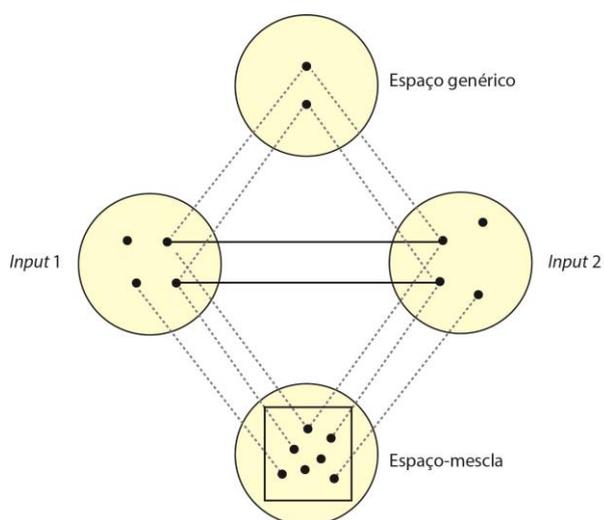
resultado de um trabalho complexo e elaborado da mente” (BERNARDO; VELOZO; MORAIS, 2021, p. 331).

Resumidamente, a mesclagem conceptual consiste em uma operação que envolve espaços mentais projetados que, em síntese, se configuram por: i) *espaços mentais* de entrada interconectados e denominados como *inputs* 1 e 2; ii) *espaço genérico*, que sustenta a estrutura e a organização abstrata presente nos *inputs*; e iii) *espaço-mescla*, no qual elementos dos *inputs* são projetados.

Vale ressaltar que a *estrutura emergente* da mescla possui uma configuração diversa das propiciadas pelos *inputs*. Essas estruturas que emergem se constituem por: a) *Composição* (em que as projeções dos *inputs* formam o espaço-mescla, criando novas relações que não existiam separadamente nos *inputs*); b) *Completamento* (em que a nova composição de elementos no espaço-mescla permite que se recorra a conhecimentos prévios, *frames*,^{iv} modelos cognitivos idealizados (MCI)^v e esquemas culturais ainda não ativados nos *inputs*); e c) *Elaboração* (a partir da nova lógica implantada, pode então ser *elaborada* através de um processo cognitivo desempenhado em seu interior, de acordo com sua lógica própria e emergente) (FAUCONNIER; TURNER, 2002; FERRARI, 2011).

A Figura 1 apresenta o esquema geral do processo de mesclagem:

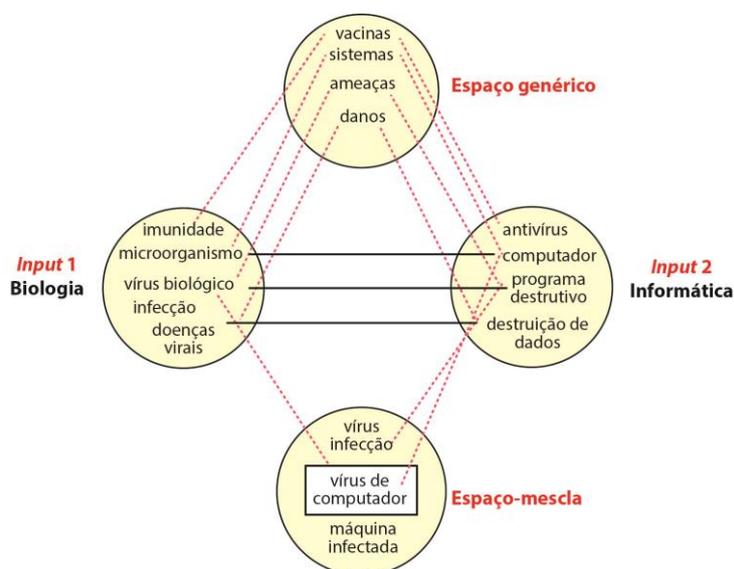
Figura 1. O processo de mesclagem esquematizado.



Fonte: adaptado a partir de ilustração de FAUCONNIER (1997, p. 151).

Apresentado o esquema geral da mesclagem, temos na Figura 2 um exemplo clássico de como se dá a mesclagem conceptual “vírus de computador”:

Figura 2. Mesclagem conceptual “Vírus de computador”.



Fonte: adaptado a partir de FAUCONNIER (1997) e FERRARI (2011).

Segundo Corrêa (2022), a partir de Fauconnier (1997):

a mesclagem conceptual ocorre a partir dos espaços mentais de entrada (*inputs* 1 e 2), pelos quais se estabelecem correspondências entre um ou mais de seus elementos – na ilustração as correlações foram representadas pelas linhas contínuas que ligam o *input* 1 ao *input* 2. As analogias entre os *inputs* 1 e 2 são sustentadas pelo espaço genérico – “vacinas”, “sistema”, “ameaça”, “dano” –, que foram conectadas por linhas tracejadas. E o espaço-mescla é formado tanto por contrapartes do *input* 1 ou do *input* 2 (no caso, o “vírus biológico” e o “programa destrutivo”), resultando em uma mescla na qual ambos se fundem e passam a ser concebidos como a mesma coisa em um esquema abstrato, ou seja, o “vírus de computador” – apontado também por linhas tracejadas e destacado pelo retângulo branco. (CORRÊA, 2022, p. 94-95)

1.2. Âncoras materiais

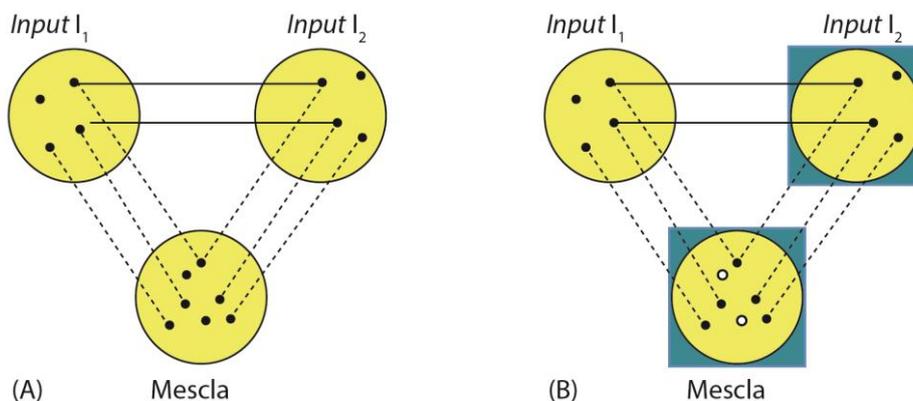
Segundo Hutchins (2005), o processo de mesclagem conceptual pode ser visto não apenas como conceptual, mas sim em uma interação com o mundo físico, material, experiencial. Por isso, ele utiliza em seus estudos a conceituação de âncoras materiais, que podem ser definidas como referenciais experienciais responsáveis pela estabilidade das representações conceptuais formadas por modelos culturais. Elas não se resumem a ideias contidas na mente, mas se vinculam a artefatos materiais.

A fim de facilitar nosso entendimento do que são âncoras materiais, Hutchins (2005) utiliza o “conceito de fila” presente em várias culturas. A fila é, com efeito, um bom exemplo para assimilarmos o que são âncoras materiais, na medida em que criamos uma memória espacial para mensurar uma ordem de chegada e de prioridade. Assim, consegue-se demonstrar a relação existente entre estrutura conceptual, âncora material e inferências culturais.

É possível mensurar que em uma fila há uma linha imaginária, na qual nossa percepção se materializa como um corpo que se posiciona atrás do outro por ordem de chegada. E mesmo em ocasiões em que não existe uma fila tradicional real, continuamos conceptualizando-a desta maneira – seja em uma listagem, senhas numéricas distribuídas em locais de atendimento, uma espera sentada para idosos, seja na ordem de classificação em um concurso...

Vejamos um esquema proposto pelo próprio Hutchins (2005, p. 1556-1557) comparando (A) uma representação convencional com dois espaços de *input* e a mescla. (Perceba que nesta simplificação o espaço genérico não foi incluído.) Já em sua proposta com âncoras materiais, (B) foi adicionado um quadrado ao redor do espaço de *input* 2. Isso significa que a estrutura material recebe a contribuição desse espaço de *input* para gerar a mescla:

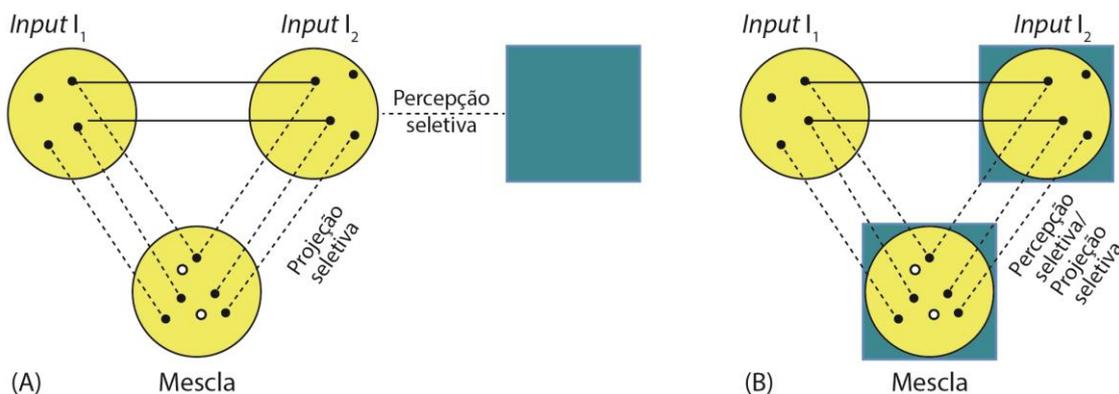
Figura 3. (A) Uma mescla conceitual convencional.
 (B) Uma mescla conceitual com uma âncora material.



Fonte: redesenhado a partir de ilustração de HUTCHINS (2005, p. 1557)

Hutchins (2005), no que se refere a âncoras materiais para mesclagens conceituais, considera que a materialidade física pode ser introduzida no processo de mesclagem. O que ele tem em mente com essa abordagem é a definição da fronteira do processo de mesclagem conceitual. Para isso ele criou o esquema a seguir, que elucida e permite visualizar duas possibilidades:

Figura 4. Possíveis interpretações das fronteiras do processo de mesclagem conceitual com âncoras materiais.

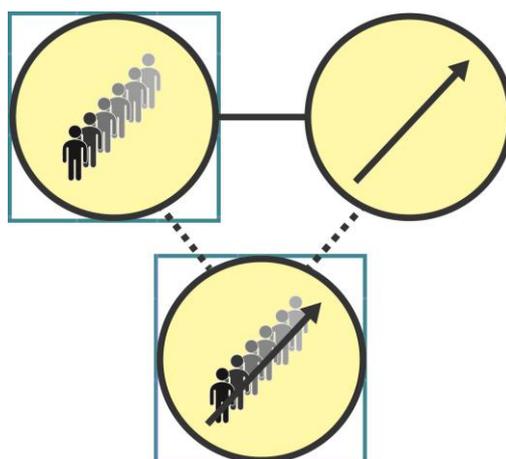


Fonte: redesenhado a partir de ilustração de HUTCHINS (2005, p. 1561).

Em (A), a formulação do “espaço real” requer dois estágios de seletividade, um que produz uma representação conceitual filtrada do mundo físico, bem como uma projeção seletiva no processo pelo qual a conceituação prévia do mundo é combinada com a outra entrada conceitual. Em (B), o autor faz sua escolha e presume que a atenção seletiva e a projeção da estrutura do mundo material no espaço mesclado é o processo perceptivo. Ou seja, essa percepção seletiva é um processo conceitual (HUTCHINS, p. 1560-1561).

Agora vejamos como ficaria o exemplo da fila representado em um esquema com âncora material. Fica mais fácil perceber como o processo cognitivo ocorre, bem como de que maneira a âncora material se insere na mesclagem:

Figura 5. A mescla conceitual de uma trajetória com uma linha de pessoas, formando uma fila no espaço mesclado.



Fonte: redesenhado a partir de ilustração de HUTCHINS (2005, p. 1560).

Vale acrescentar que as situações presentes na cena do filme nos facilitam a percepção na medida em que apresentam âncoras materiais bem definidas.

1.3. Metáforas multimodais

Lakoff e Johnson (2002 [1980]) revitalizaram os estudos sobre metáforas, mas, mesmo antes deles, sabia-se que as metáforas não eram um mero recurso linguístico,

mas um processo cognitivo no qual se conceptualiza um domínio em termos de outro.^{vi} Nessas últimas décadas, desde a publicação de *Methaphors We Live By (Metáforas da vida cotidiana)*, muitos novos estudos foram desenvolvidos e ampliados, e teorias foram aprimoradas. Forceville (2006; 2008), por exemplo, tem dado sua contribuição ao estudar as metáforas pictóricas (nas quais alvo e fonte são conceptualizados no aspecto visual) e, também, metáforas multimodais (nas quais se incluem dois ou mais modos).

Grosso modo, podemos realçar alguns dos modos destacados por Forceville, que, em uma abordagem simplificada, se ligaria a um dos cinco sentidos: “(1) modo pictórico ou visual; (2) modo auricular ou sônico; (3) modo olfativo; (4) modo gustativo; e (5) modo tátil” (FORCEVILLE, 2006, p. 382). O autor considera que há questões problemáticas para se chegar a uma definição satisfatória dos modos, mas entende que se sujeitam a percepções específicas que incluiriam pelo menos: “(1) sinais pictóricos; (2) sinais escritos; (3) sinais falados; (4) gestos; (5) sons; (6) música; (7) cheiros; (8) sabores; (9) toque” (FORCEVILLE, 2006, p. 382).

Outra questão que vale ressaltar nesta breve revisão bibliográfica, pelo fato de nosso objeto de análise ser uma cena extraída de um filme (artístico), é que as metáforas visuais nas representações artísticas podem diferir em alguns aspectos das mensagens comerciais (publicitárias). Não porque estas últimas não possam gerar interpretações ou sentidos diferentes, mas porque é preciso um certo rigor de modo a se priorizar o sentido almejado quando de sua criação. Nesse contexto, A É B e B É A são apropriadas, diferentemente da noção de que alvo e fonte em uma metáfora verbal são irreversíveis. Vide o clássico exemplo de “o cirurgião é um açougueiro” (com valor negativo), e um outro em que, se invertermos alvo e fonte, o valor muda por completo: “o açougueiro é um cirurgião” (adquire valor positivo). Dito isso, as metáforas em contextos artísticos podem permitir maior liberdade de interpretação do que as metáforas nos comerciais e publicidades em geral. E isso se aplica ao recorte deste artigo.

2 PASSAGEM DO TEMPO — UM ANO EM UM MINUTO E MEIO

Entre as relações vitais comprimidas na cena, vale citar as de Tempo, Identidade e Causa-Efeito. No plano-sequência deste estudo, é justamente o tempo que conecta

vários eventos, com destaque para a mulher grávida no início da cena e, depois, ao final, já tendo dado à luz a criança. Ou seja, são dois espaços de entrada (*inputs*) distintos em diferentes períodos de tempo – a mãe com poucos meses de gravidez (infere-se isso pela dimensão da barriga) e, depois, já com o bebê no colo.

Na mescla, a relação vital entre esses dois espaços é comprimida, o que faz com os dois eventos sejam praticamente simultâneos. A compressão é capaz de reduzir os inúmeros eventos que ocorrem em uma gestação a um único evento, qual seja, a presença do bebê no colo junto a uma barraca na feira. No que se refere a compressões e descompressões, é importante mencionar a relação vital de Identidade, que é uma relação primária, sem a qual as demais perdem o sentido (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 115).

Além da relação de Tempo, os dois momentos da mulher na cena analisada também são conectados por relações, de Identidade + Causa-Efeito, que os unem. A identidade é corroborada por elementos como o casaco azul, o tom de cabelo, a fita azul na cabeça e os óculos. A relação de Causa-Efeito, similarmente às anteriores, exige dois espaços mentais interligados – a mulher em plena gestação e, ao final, já com o bebê no colo. Isso ocorre porque os processos de compressão e/ou descompressão dessas relações vitais permitem que se criem esses sentidos.

Quanto à âncora material, podemos inferir que, se na escala de tempo ela aparece à esquerda da barraca, pela intenção de indicar tempo decorrido, ao final da cena, aparece à direita da barraca, na conceptualização de que o FUTURO É PARA FRENTE. Entre algumas âncoras disponíveis, pode-se destacar uma âncora material de deslocamento, comumente aceita na cultura ocidental, visto que a câmera acompanha o percurso de William Thacke na mesma direção (da esquerda para a direita sempre), logo é para esse sentido que a indicação de tempo decorrido nos conduz. Consideramos que é um processo semelhante ao exemplo de fila apresentado na fundamentação teórica.

A mescla é alimentada por diversos *inputs*, entre eles: a mudança dos cenários na feira (representados pelo Sol, vento, frio, pelas folhas voando, pela chuva, pela neve); o caminhar por entre barracas; o colocar e tirar o blazer (adequando-se às intempéries das estações); assim como as desilusões amorosas, que são marcas da personagem Honey (a mulher ruiva que aparece sorrindo feliz, depois sozinha, chorando, revoltada, brigando com um homem); os cumprimentos de William Thacke a

algumas pessoas, enquanto caminha; as vestimentas que acompanham as estações; a inferência sobre o Natal representado pelos pinheiros, flores, alimentos sazonais (como frutas e legumes), etc.

A música dialoga com as imagens o tempo todo e dá voz à cena que se desenvolve em silêncio, com simples deslocamentos, meneios de cabeça, troca de olhares e sorrisos. A compressão de tempo associada à produção multimodal, que é retratada na película, consegue reduzir meses de intervalo, trazendo-os para uma escala humana compreensível. O caminhar do livreiro, que sofre uma desilusão de amor, se repete dia após dia e atravessa as estações representadas por metáforas e âncoras materiais que se fundem em uma mescla.

A travessia da feira e, metaforicamente, das estações climáticas começa com um dia ensolarado e o blazer de William pendurado no ombro. Termina da mesma forma, com a volta de um dia ensolarado. Simultaneamente ao primeiro passo do personagem, os versos da canção “*Ain't no sunshine*” tomam conta da cena e traduzem o sentimento de sofrimento pelo qual Thacke está passando. A letra da música – intimamente ligada à melodia e ao arranjo suave/acústico – e os sinais pictóricos/visuais se completam, um corroborando o que o outro conta, em uma simbiose que vai construindo e revelando a ação do tempo.

O verso inicial explica “o Sol não brilha quando ela se vai/ não há calor quando ela está longe”, imediatamente o tempo começa a mudar e William Thacke fica sujeito as intempéries de sua jornada de meses, comprimidas em um minuto e meio. Portanto, no escopo deste trabalho, concorda-se com Fauconnier e Turner (2002, p. 114, grifo original), que afirmam que “a mesclagem é uma ferramenta de compressão *por excelência*”. O Sol se vai, Anna Scott segue a vida, demora a voltar e o personagem tem a mesma dúvida e parece se perguntar “se ela foi para ficar”. Entretanto, o fim da feira, o recomeço das estações e o Sol voltando a brilhar marcam nosso pensamento cíclico amplamente materializado na cena por meio de âncoras que facilitam a compreensão da mescla.

Fauconnier (COSCARRELLI, 2005) afirmou que a perspectiva e o ponto de vista são extremamente importantes. No nosso *corpus*, eles são representados pela construção da cena, diretamente influenciados pelas lentes da câmera que captou a ação, bem como pela edição de imagens. E, nesse sentido, as alternâncias de ponto de

vista estão presentes o tempo todo à medida que, metaforicamente, nos movemos de um espaço mental para outro e, conseqüentemente, mudamos também de perspectivas. Aí estão as pistas para a construção de significados: “utilizamos toda uma gama de âncoras materiais que podemos captar das outras pessoas, falantes, ouvintes, objetos etc.” (COSCARELLI, 2005).

Várias são as metáforas pictóricas e multimodais, além de metonímias,^{vii} presentes na cena. Entre as metáforas mais comuns encontradas no trecho do filme, podemos destacar: TEMPO É MOVIMENTO, ANDAR PARA A FRENTE É CAMINHAR PARA O FUTURO, BEBÊ NO COLO É RENOVAÇÃO DA VIDA, TEMPESTADE É DIFICULDADE, FUTURO É PARA FRENTE. Entre as metonímias: NEVE É INVERNO, FLOR É PRIMAVERA, FOLHAS CAINDO AO VENTO É OUTONO, ROUPA LEVE É VERÃO, SORRISO É FELICIDADE, CHORO É TRISTEZA, SOL É CALOR, PINHEIRO É NATAL...

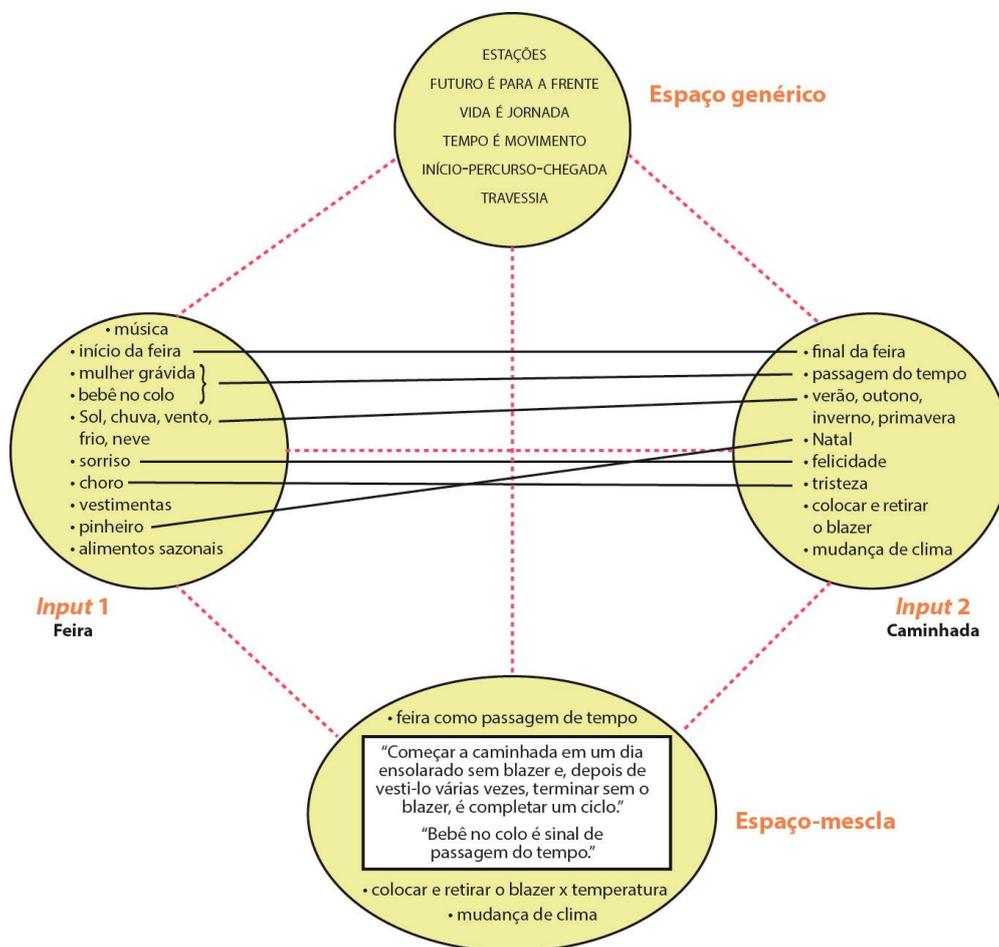
Na cena, há várias metáforas se manifestando, tanto de modo monomodal quanto de modo multimodal. Estas últimas principalmente por música, letra e melodia em consonância com as imagens; além do “som” das estações, ouve-se, por exemplo, o barulho da chuva e do vento, junte-se a isso algumas leituras labiais. Vale salientar que algumas, principalmente por seus aspectos metonímicos (na cena, constituídos por subdomínios-domínios/domínios-subdomínios), podem passar por uma reversão entre alvo e fonte sem grande perda de significação (PRIMAVERA É FLOR/FLOR É PRIMAVERA; FELICIDADE É SORRISO/SORRISO É FELICIDADE...), mas isso ocorre também por se tratar de uma obra artística, conforme considerado por Forceville (2006).

Essa quebra da irreversibilidade entre alvo e fonte é alimentada por âncoras materiais tradicionais, e até mesmo o viés metonímico (PARTE PELO TODO ou CONSTITUINTE PELO CONJUNTO) ou das relações vitais de causa-efeito nos ajudam a compreender a cena. Alicerçadas culturalmente e de fácil apreensão, as âncoras materiais vêm à tona rapidamente, alimentadas pela experiência e contexto. Ao ver a neve, acessamos *frames* de FRIO, INVERNO; ao ver folhas caindo e vento, acessamos OUTONO. Em Londres, podemos inverter: NEVE É INVERNO, INVERNO É NEVE. Artisticamente, no contexto da cena, é possível. Tudo coopera para a mescla, sejam as âncoras materiais (advindas da percepção e projeção seletivas), sejam as metáforas multimodais (aqui representadas por letra, música, imagens, cultura, etc.).

Veja a seguir, na Figura 6, como ficaria um possível esquema de mesclagem conceptual da cena escolhida para o estudo. Lembrando que as projeções são seletivas e que outras configurações poderiam ser geradas. No *input* 1 (FEIRA), ao se listar os espaços mentais abertos, optou-se pelos elementos específicos da “feira” (música, início da feira, mulher grávida, bebê no colo, Sol, chuva, vento, frio, neve, sorriso, choro, vestimentas, pinheiro, alimentos sazonais...); e, no *input* 2 (CAMINHADA), os espaços mentais abertos fazem referência aos elementos da “caminhada” (final da feira, passagem do tempo, verão, outono, inverno, primavera, Natal, felicidade, tristeza, colocar e retirar o *blazer*, mudança de clima...). Os *inputs* vão sendo sustentados no espaço genérico (ESTAÇÕES, FUTURO É PARA A FRENTE, VIDA É JORNADA, TEMPO É MOVIMENTO, INÍCIO-PERCURSO-CHEGADA, TRAVESSIA).

Algumas interconexões são feitas entre os *inputs* 1 e 2 (“início da feira ↔ final da feira”; “mulher grávida–bebê no colo ↔ passagem do tempo”; “Sol, chuva, vento, frio, neve ↔ verão, outono, inverno, primavera”; “pinheiro ↔ Natal”; etc.) e estão indicadas pelas linhas pretas contínuas. A linha pontilhada laranja indica a interligação contínua entre os espaços mentais projetados observando-se suas relações vitais. Como já dito anteriormente, é o espaço genérico que sustenta a estrutura e a organização abstrata presente nos *inputs* e que é projetada no espaço-mescla. A mescla a seguir é constituída por *composição* (já que foram criadas relações que não existiam separadamente), por *completamento* (pois recorreu-se a conhecimentos prévios, esquemas culturais e conceitos ancorados materialmente) e por *elaboração* (visto que o processo cognitivo no interior da mescla é elaborado com uma lógica própria e emergente).

Figura 6. Uma das possibilidades de mesclagem conceptual da cena do filme *Um lugar chamado Notting Hill*.



Fonte: elaboração do próprio autor (2022).

Nosso conhecimento enciclopédico, *insights*, criatividade, mecanismos de compressão e descompressão vão se alterando ao longo das mesclagens conceptuais, diretamente ligadas às relações vitais. São novas e múltiplas possibilidades que podem ser incluídas, alteradas, excluídas, recombinadas..., gerando novas mesclas. As relações vitais de tempo, espaço, causa-efeito, representação, mudança, papel-valor, parte-todo, intencionalidade, analogia e desanalogia vão sendo comprimidas e descomprimidas, e com elas novos sentidos emergem.

As relações vitais que aparecem na cena nem sempre são canônicas, mas, sim, reconfiguram-se pelas compressões e descompressões que alimentam os *inputs* e se sustentam (ou não) no espaço genérico. Conforme nos diz Fauconnier e Turner (2002), a integração conceptual é uma ferramenta de compressão por excelência. Assim sendo,

ela opera em redes de todos os tipos para criar mesclas comprimidas, que no escopo deste estudo são representadas pela caminhada de William Thacke e potencializadas pelas âncoras materiais e metáforas pictóricas e multimodais.

Segundo Fauconnier e Turner (2002), a mente humana constrói continuamente sentidos inteligíveis por meio da compressão de relações vitais (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 113). Na cena, é estabelecida uma compressão de Tempo + Mudança, gerando-se, assim, a percepção de que as várias caminhadas são apenas uma, fundida na mescla que começa e termina em um deslocamento que atravessa quatro estações em um minuto e meio.

No mesmo capítulo da obra *The Way We Think*, os autores afirmam que “integração/compressão” e “desintegração/descompressão” são os dois lados de uma moeda (FAUCONNIER; TURNER, 2002, p. 119). Assim sendo na relação de Identidade + Mudança, revelada no espaço-mescla, fica demonstrado que a descompressão atingiu seu objetivo de atravessar vários meses e centenas de caminhadas em uma única, gerando o efeito esperado pelo cineasta.

As correlações de identidade percebidas na mulher grávida, que depois aparece com um bebê no colo, nos levam a uma relação vital de Causa-Efeito. É por meio da compressão e descompressão que mesmo a pessoa mais “desatenta” é capaz de associar que se trata de uma relação na qual identificamos dois espaços mentais e que se conectam por tempo, espaço e mudança. O “colocar e tirar” o blazer acompanha as diversas passagens de tempo; o começo da gravidez e a ausência do blazer se deslocam pela feira, transformam-se e se reencontram no final, com o bebê no colo e, novamente, William sem o blazer. O Sol volta a brilhar, o possível reencontro com Anna Scott finalmente torna-se viável. O livreiro atravessou a feira e as estações.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao aplicar a teoria da mesclagem conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e os estudos de âncoras materiais (HUTCHINS, 2005) e as produções multimodais (FORCEVILLE, 2006; 2008) à análise da cena do filme, *Um lugar chamado Notting Hill*, foi possível constatar que o que parece simples à primeira vista, na verdade, é

resultado de operações cognitivas altamente complexas, e que só são possíveis por conta da capacidade humana de imaginar e de construir novos significados.

Por meio da aplicação do arcabouço teórico em uma produção multimodal, percebeu-se que a mesclagem conceptual, alicerçada pelas âncoras materiais, pode ser bastante profícua. E, também, pode ajudar a elucidar como se desenvolvem na mente operações cognitivas – em velocidades extremas – que permitem aos humanos fazer correlações, integrar, imaginar e estabelecer relações em espaços mentais projetados.

As âncoras materiais, formadas por modelos culturais, corroboram para que as informações sejam mais facilmente conceptualizadas, visto que a estrutura material recebe a contribuição desses *inputs* para incrementar a projeção na mescla. A mesclagem, ao se amparar, também, na materialidade, permite que novos *inputs* a complementem. No caso da cena, além de captar a ação do protagonista, pode contar com os *inputs* de coadjuvantes, cenários, objetos de cena, sons, letra da música, a direção para a qual William e a câmera se dirigem, etc. Nossa mente naturalmente identifica e se apoia em nossas interações culturais com a materialidade física, por isso parece tão simples fazer associações paradoxalmente tão complexas.

Nossa capacidade de pensar metaforicamente, conceptualizando domínios em termos de outros, tem nos permitido dar grandes saltos imaginativos, facilitando a compreensão de ideias que, de outra forma, seriam quase incompreensíveis. Com os estudos que estenderam as metáforas para o âmbito pictórico e multimodal, ampliou-se, ainda mais, os engendramentos que permitem novas conceptualizações para muito além da linguagem verbal. O mesmo pode ser dito das âncoras materiais que interagem com o mundo físico e experiencial e acrescentam novos *inputs* que incrementam o processo de mesclagem conceptual.

Vale acrescentar que o pronome “*she*” (...*she goes away*), presente na canção “*Ain’t no sunshine*” dialoga perfeitamente com a canção “*She*” (1974), consagrada por Charles Aznavour, e que é tema do filme, trazendo em sua letra o tempo, a distância, as estações, os sorrisos, as sombras. Eis um bom tema para futuras pesquisas.

Referências

BERNARDO, Sandra. Mesclagem conceptual em análise de cartum. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos – PPG Linguística/UFJF*, Juiz de Fora, v. 15, p. 251-261, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/issue/view/1201>. Acesso em: 05/05/2022.

BERNARDO, Sandra; VELOZO, Naira; MORAIS, Bruna de. E daí?: produções multimodais sobre vidas perdidas. *Matraga*, v. 28, n. 53, p. 329-343, mai./ago. 2021.

CORRÊA, Cláudio Ricardo. A mesclagem conceptual e a ressignificação de constructos antagônicos: analisando uma propaganda em tempos de pandemia. *Linguasagem*. São Carlos, v.41, COVID-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem. 2022, p. 89-112.

COSCARELLI, Carla Viana. *Entrevista: uma conversa com Fauconnier*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2005. Disponível em: www.letras.ufmg.br/rbla/2005_2/entrevista. Acesso

FAUCONNIER, Gilles. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles. *Mappings in thought and language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: KRISTIANSEN, Gitte; ACHARD, Michel; DIRVEN, René; IBÁÑEZ, Francisco Ruiz de Mendoza (eds.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006, p. 379-402.

FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: Raymond W. Gibbs, Jr. (ed.). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 462-482.

HUTCHINS, E. Material anchors for conceptual blends. *Journal of Pragmatics*, 37, 2005, p.1555-1577.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas da vida cotidiana*. Coleção As Faces da Linguística Aplicada. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo, Educ: 2002 [1980].

RUIZ DE MENDOZA, Francisco José. The role of mappings and domains in understanding metonymy. In: BARCELONA, Antonio (Ed.). *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Berlin & New York: Mouton de Gruyter, 2003, p. 109-132.

RUIZ DE MENDOZA, Francisco José; GALERA, Alicia. *Cognitive modeling: A Linguistic Perspective*. John Benjamins: Amsterdam/Philadelphia, 2014.

UM LUGAR CHAMADO NOTTING HIL (1999). Direção: Roger Michell. Roteiro: Richard Curtis. Produção: Duncan Kenworthy. DVD (124 min.), color, legendado, port. Reino Unido: PolyGram Filmed Entertainment Working Title Films.

Recebido em: 10/02/2022

Aceito em: 13/11/2022

ⁱ A referida cena está disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ce_BXD_ONQ8. Acessado em dezembro de 2021.

ⁱⁱ Ain't no sunshine when she's gone/ It's not warm when she's away/ Ain't no sunshine when she's gone/ And she's always gone too long/ Anytime she goes away/ Wonder this time where she's gone/ Wonder if she's gone to stay.

ⁱⁱⁱ As relações vitais são relações conceptuais evidenciadas na compressão/descompressão sob mesclagem e podem ser de *Mudança, Identidade, Tempo, Espaço, Causa-Efeito, Parte-Todo, Papel-Valor, Categoria, Analogia, Desanalogia, Representação, Intencionalidade, Singularidade* etc. Exemplos: *Mudança* (crianças que se transformam em médicos adultos em uma publicidade); *Causa-Efeito* (o fogo na lareira é ligado por causa e efeito a cinzas frias). Para aprofundamento, ver FAUCONNIER e TURNER (2002, p. 89-106).

^{iv} Um *frame* é o domínio semântico vinculado a uma palavra, formado tanto por um conjunto de elementos prototípicos, que pode ser considerado uma espécie de “núcleo duro”, como também por outros elementos vinculados à imaginação. Por exemplo: *avião* nos remete a “aeroporto”, “decolagem”, “aterrissagem”, “piloto”, “comissário”; mas, também, podemos ter associações mais subjetivas como “medo de voar”, “extravio de bagagens”, “acidentes aéreos” etc. Os *frames* estão sujeitos a variações ao longo do tempo e aspectos culturais e contextuais. (ABREU, 2010)

^v Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs) consistem em um conjunto coerente e estável de representações do conhecimento que pode ser organizado de várias maneiras (LAKOFF, 1987).

^{vi} Ou seja, implica uma transposição de domínios. Define-se alguma coisa em um domínio-fonte e transpõe-se para um domínio-alvo. Exemplo: *Seu amigo é um cavalo*, em que o domínio-fonte é “cavalo” e o domínio-alvo é “amigo”. Dependendo do contexto, cavalo pode significar uma pessoa “forte” ou alguém que “dá coices”.

^{vii} Lembrando que metonímias podem constituir a base de várias metáforas conceptuais, principalmente as primárias. Segundo Ruiz de Mendoza (2003) e Ruiz de Mendoza e Galera (2014), metonímia é uma projeção conceptual interna a um domínio por meio da qual o domínio-alvo é resultado ou de uma *expansão* ou de uma *redução* do material conceptual do domínio-fonte. Nesse sentido, na *expansão*, tem-se o alvo-na-fonte (*target-in-source*), ou seja, um domínio inteiro é usado para simbolizar um subdomínio. Já na *redução* é o contrário, tem-se a fonte-no-alvo (*source-in-target*), isto é, um subdomínio é utilizado para simbolizar um domínio todo.

Expediente



**CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

Reitor

Mario Sergio Alves Carneiro

Pró-reitor de Graduação – PR1

Lincoln Tavares Silva

Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa – PR2

Luís Antônio Campinho Pereira da Mota

Pró-reitora de Extensão e Cultura – PR3

Cláudia Gonçalves de Lima

Pró-reitora de Políticas e Assistência Estudantis – PR4

Catia Antonia da Silva

Diretor do CEH

Bruno Rego Deusdará Rodrigues

Diretora do Instituto de Letras

Janaina da Silva Cardoso

Vice-Diretora do Instituto de Letras

Naira de Almeida Velozo

Coordenadora Geral do Programa de Pós-graduação em Letras

Carlos Eduardo Soares da Cruz

Vice-Coordenadora Geral do Programa de Pós-graduação em Letras

Andreia Alves Monteiro de Castro

Coordenador da Área de Estudos de Língua

Marina Rosa Ana Augusto

Subcoordenadora da Área de Estudos de Língua

Alexandre do Amaral Ribeiro

Coordenadora da Área de Estudos Literatura

Nabil Araújo de Souza

Subcoordenador da Área de Literatura

Éverton Barbosa Barbosa Correia

PALIMPSESTO É UMA INICIATIVA DO CORPO DISCENTE DA PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS COM O APOIO DA COORDENAÇÃO GERAL

CORPO EDITORIAL

Evânia Maria Ferreira do Nascimento	Língua Portuguesa
Cristiane Vieira Ribeiro de Oliveira	Língua Portuguesa
Júlia Andrade da Silva Rosa	Língua Portuguesa
Alexandre Henrique dos Santos Monteiro	Língua Portuguesa
Helena da Conceição Gonçalves	Linguística
Renata D'Aguila Júnior	Linguística
Amanda de Carvalho Ferreira	Literatura Brasileira
Karen Schuler	Literatura Brasileira
Carlos Eduardo Ferreira de Oliveira	Literatura Brasileira
Fabiana de Paula Lessa Oliveira	Literatura Portuguesa
Bianca Gomes Borges Macedo	Literatura Portuguesa
Liciane Corrêa	Literaturas de Língua Inglesa
Julia Vieira Tulher	Literaturas de Língua Inglesa
Mariana Muniz Pivanti	Literaturas de Língua Inglesa
Débora Garcia Restom	Teoria da Literatura/Lit. Comparada
Leonardo Freitas de Carvalho	Teoria da Literatura/Lit. Comparada
Ana Resende	Teoria da Literatura/Lit. Comparada
Alice Rodrigues Crivano da Silva	Teoria da Literatura/Lit. Comparada
Luciana Caeté Busson Ferreira	Internacionalização
Adriene Ferreira de Mello	Internacionalização
Marcela Ansaloni de Azevedo	Internacionalização

Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues

Paula Pope Ramos

Editora Geral

Editora Geral

REVISÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Ana Paula Oliveira Macri Rodrigues
Danielle Leal
Débora Garcia Restom
Émili Feitosa
Evânia Maria Ferreira do Nascimento
Fabiana de Paula Lessa Oliveira
Leonardo Freitas de Carvalho
Marianna Esteves
Paula Pope Ramos
Sol Mendonça

REVISÃO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Língua Inglesa: Ananda Missailidis, Ana Resende, Fabiana de Paula Lessa Oliveira, Jordana Lenhardt, Leonardo Freitas de Carvalho, Paula Pope Ramos, Valmir P. Guimarães

CONSELHO CONSULTIVO

MEMBROS INTERNOS

Ana Cristina Chiara (UERJ)
Ana Lúcia Oliveira (UERJ)
André Crim Valente (UERJ)
Angela Correa Ferreira Baalbaki (UERJ)
Carmem Lúcia Negreiros (UERJ)
Davi Ferreira de Pinho (UERJ)
Deise Quintiliano Pereira (UERJ)
Éverton Barbosa Correia (UERJ)
Gustavo Bernardo Krause (UERJ)
João Cezar de Castro Rocha (UERJ)
José Carlos Azeredo (UERJ)
Leila Assumpção Harris (UERJ)
Leonardo Davino de Oliveira (UERJ)
Maria Aparecida F. de Andrade Salgueiro (UERJ)
Maria Conceição Monteiro (UERJ)
Maria Cristina Batalha (UERJ)
Maria Teresa Gonçalves Pereira (UERJ)
Nadiá Paulo Ferreira (UERJ)
Nabil Araújo de Souza (UERJ)
Roberto Acízelo (UERJ)
Sérgio Nazar David (UERJ)
Tânia Maria Granja Shepherd (UERJ)
Tania Maria Nunes de Lima Camara (UERJ)

MEMBROS EXTERNOS NACIONAIS

Adriana Nobrega (PUC-RJ)

Alena Ciulla (UFRGS)
Ana Cristina Santos Peixoto (UFSB)
Ana Elisa Ferreira Ribeiro (CEFET-MG)
Ana Lúcia Monteiro Ramalho Poltronieri Martins (IFF)
André Luiz Rauber (UFMT)
Annita Gullo (UFRJ)
Anne Caroline de Moraes Santos (UVA e FACHA)
Berta Waldman (USP)
Bethania Mariani (UFF)
Carmem Pimentel (UFRRJ)
Claudio Manoel de Carvalho Correia (UFS)
Demerval da Hora (UFPB)
Denílson Lopes (UNB)
Désirée Motta Roth (UFMS)
Diana Irene Klinger (UFF)
Eliane Marquez da Fonseca Fernandes (UFG)
Emílio Carlos Roscoe Maciel (UFOP)
Fabiola Aparecida Sartin Dutra Parreira Almeida (UFG)
Germana Sales (UFPA)
Gilson Costa Freire (UFRRJ)
Gisele Batista da Silva (UFRJ)
Helena Maria Ferreira (UFLA)
José Luiz Fiorin (USP)
José Ribamar Lopes Batista Júnior (UFPI)
Luiz Costa Lima (PUC-RJ)
Kleber Aparecido da Silva (UnB)
Márcia Antônia Guedes Molina (UFMA)
Maria Cristina Parreira (UNESP)
Maria Del Carmen F. Gonzalez Daher (UFF)
Maria Medianeira Souza (UFPE)
Maria Rosa Petroni (UFMT)
Maria Suelí De Aguiar (UFG)
Patrícia Gissoni Santiago Lavelle (PUC-RJ)
Paulo Jorge Martins Nunes (UNAMA)
Paulo Motta Oliveira (USP)
Raúl Antelo (UFSC)
Raul de Souza Püschel (IFSP)
Sandra Goulart de Almeida (UFMG)
Sandra Regina Franciscatto Bertoldo (UFR)
Simone de Jesus Padilha (UFMT)
Suzana Célia Leandro Scramim (UFSC)
Thiago Soares de Oliveira (IFF)
Vanda Maria Elias (UNIFESP)
Viviane Dantas Moraes (UFMA)
Walnice Nogueira Galvão (USP)
Wander Melo Miranda (UFMG)
Wilbert Clayton Ferreira Salgueiro (UFES)

MEMBROS EXTERNOS INTERNACIONAIS

Alfredo Tenoch Cid Jurado (Universidad Autónoma Metropolitana Xochimilco – México)
Ana Luísa Liberato Vieira Vilela Anileiro Onofre (Universidade de Évora – Portugal)
Antónia Estrela (Politécnico de Lisboa – Portugal)
Carla Valeria de Souza Faria (Università Ca' Foscari Venezia – Itália)
Catarina Isabel Sousa Gaspar (Universidade de Lisboa – Portugal)
Cesar Augusto Braga Pinto (Northwestern University – EUA)
Federico Navarro (Universidad de Buenos Aires – Argentina)
Gabriel Alejandro Giorgi (New York University – EUA)
Gema Ortega (Dominican University – EUA)
Gilmer Cook (Dominican University – EUA)
Gonzalo Leiva Quijada (PUC – Chile)
Imani D. Owens (University of Pittsburgh – EUA)
Isabel Sebastião (Politécnico de Lisboa – Portugal)
João Paulo Silvestre (King's College London – Inglaterra)
Leonardo Peluso Crespi (Universidad de la República – Uruguai)
Liliane Moreira Santos (Université de Lille – França)
Livia Assunção Cecilio (Università di Bologna – Itália)
Luis Ernesto Behares (Universidad de la República – Uruguai)
Maria Adelina de Figueiredo Batista Amorim (Universidade Nova de Lisboa – Portugal)
Maria da Graça Lisboa Castro Pinto (Universidade do Porto – Portugal)
Maria Laura Bettencourt Pires (Universidade Católica Portuguesa – Portugal)
Maria José Grosso (Universidade de Macau – China)
Marino Forlino (Scripps College – EUA)
Paulo Osório (Universidade da Beira Interior – Portugal)
Pedro Balaus Custódio (Politécnico de Coimbra – Portugal)
Rui Manoel Sousa Silva (Universidade do Porto – Portugal)
Sarah Juliet Lauro (University of Tampa – EUA)
Sérgio Paulo Guimarães de Sousa (Universidade do Minho – Portugal)
Thomas Johnen (Westfälische Hochschule Zwickau – Alemanha)

**Catálogo na fonte:
UERJ/REDE SIRIUS/CEH-B**

P162 Palimpsesto. - Vol. 21, n. 40 (2022) - . – Rio de Janeiro: UERJ
Instituto de Letras, 2022.

v.

Anual: 1999-2008

Semestral: 2009-2017

Quadrimestral: 2018-

ISSN 1809-3507 (online)

1. Literatura – Periódicos. 2. Linguística – Periódicos.

CDU 82(05)
